UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA DE ENFERMAGEM

BIANCA DE CÁSSIA ALVAREZ BRANCAGLIONI

VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO NA ADOLESCÊNCIA: UMA ANÁLISE NA PERSPECTIVA DAS CATEGORIAS GÊNERO, VIOLÊNCIA DE GÊNERO E GERAÇÃO

SÃO PAULO

2016

BIANCA DE CÁSSIA ALVAREZ BRANCAGLIONI

VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO NA ADOLESCÊNCIA: UMA ANÁLISE NA PERSPECTIVA DAS CATEGORIAS GÊNERO, VIOLÊNCIA DE GÊNERO E GERAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestra em Ciências.

Área de concentração: Cuidado em Saúde

Orientadora: Prof[a]. Dr[a]. Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca

SÃO PAULO

2016

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

ASSINATURA: _____ DATA:___/____/___

Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca "Wanda de Aguiar Horta"

Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Brancaglioni, Bianca de Cássia Alvarez

Violência por parceiro íntimo na adolescência: uma análise na perspectiva das categorias gênero, violência de gênero e geração / Bianca de Cássia Alvarez Brancaglioni. São Paulo, 2016.

154 p.

Dissertação (Mestrado) – Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca

Área de concentração: Cuidado em Saúde

1. Adolescentes. 2. Saúde do adolescente. 3. Saúde coletiva.
4. Violência contra a mulher. 5. Relações interpessoais.
6. Enfermagem. I. Título.

Bianca de Cássia Alvarez Brancaglioni

Violência por parceiro íntimo na adolescência: uma análise na perspectiva das categorias gênero, violência de gênero e geração.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestra em Ciências.

Aprovado em: ___/____/___

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição:_____

Julgamento:_____ Assinatura:_____

Prof. Dr. _____ Instituição:_____

Julgamento:_____ Assinatura:_____

Prof. Dr. _____ Instituição:_____

Julgamento:_____ Assinatura:_____

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, Roseli e Franklin, e ao meu irmão Rodrigo, pelo amor, paciência e apoio. Vocês foram essenciais para a conclusão desta dissertação, amo muito vocês!

Brancaglioni BCA. Violência por parceiro íntimo na adolescência: uma análise na perspectiva das categorias gênero, violência de gênero e geração [Dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2016.

RESUMO

Objetivo: Analisar a violência por parceiro íntimo na adolescência na perspectiva das categorias gênero, violência de gênero e geração. **Método:** Trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória, de abordagem metodológica quantitativa. Os dados foram coletados em uma escola pública de Ensino Técnico e Ensino Superior do município de Curitiba. Participaram da pesquisa 111 adolescentes, com idade de 15 a 19 anos. A coleta de dados foi realizada por meio de instrumento anônimo e auto preenchível, composto pela escala CADRI e por questões fechadas. **Resultados:** Constatou-se que 91% dos participantes relataram perpetrar no mínimo uma das naturezas de violência mensuradas neste estudo e 90,1% afirmaram ter sofrido pelo menos uma das naturezas de violência. A violência verbal/emocional apresentou as maiores frequências de perpetração (90,1%) e de vitimização (89,2%), seguida da violência sexual sofrida (32,4%) e perpetrada (27,9%), das ameaças sofridas (25,2%) e perpetradas (21,6%), da violência relacional sofrida (22,5%), da violência física perpetrada (22,5%) e sofrida (18%) e da violência relacional perpetrada (8,1%). Para quase metade dos participantes, a vivência e perpetração das agressões físicas e sexuais ocorreram em conjunto com a vivência e perpetração de violência psicológica. A violência por parceiro íntimo na adolescência constitui uma forma precoce de violência de gênero e as construções de gênero determinaram as agressões sofridas e perpetradas. Também parecem determinar a naturalização e legitimação dessas agressões. A desigualdade de poder entre as gerações pode determinar maior vulnerabilidade à violência por parceiro íntimo na adolescência. Além disso, a categoria geração permitiu compreender o surgimento de novas formas de perpetração e vivência de agressões determinadas pelas transformações históricas e sociais. **Conclusões:** A construção histórica e social da masculinidade e da feminilidade e as desigualdades de poder estabelecidas por essas construções confluem com a desigualdade de poder entre as gerações. Assim, gênero e geração são determinantes da violência por parceiro íntimo na adolescência, bem como da vulnerabilidade de adolescentes a esse fenômeno.

PALAVRAS-CHAVE: Violência. Adolescente. Saúde do adolescente. Saúde Coletiva. Violência contra a mulher. Gênero e Saúde. Relações Interpessoais.

Brancaglioni BCA. Violence by intimate partner in adolescence: an analysis from the perspective of the categories of gender, gender violence and generation [Dissertation]. Sao Paulo: School of Nursing, University of Sao Paulo; 2016.

ABSTRACT

Objective: To analyze the violence by intimate partner in adolescence in view of the categories of gender, gender violence and generation. **Method:** This is a descriptive and exploratory research that utilizes quantitative methods. The data was collected in a public school of Technical Education and Higher Education in the Brazilian city of Curitiba, state of Paraná. The participants were 111 adolescents whose ages ranged from 15 to 19 years old. Data collection was conducted by means of an anonymous and self-fillable instrument, composed of closed questions and the CADRI scale. **Results:** It was found that 91% of the participants reported perpetrating at least one of the forms of violence measured in this study and 90.1% reported having suffered at least one of the forms of violence. The verbal/emotional violence showed the highest frequency of perpetration (90.1%) and victimization (89.2%), followed by suffered (32.4%) and perpetrated (27.9%) sexual violence, suffered (25.2%) and perpetrated (21.6%) threats, suffered relational violence (22.5%), perpetrated (22.5%) and suffered (18%) physical violence and perpetrated relational violence (8,1%). For almost half of the participants, the experience and perpetration of physical and sexual aggression occurred in conjunction with the experience and perpetration of psychological violence. Violence by an intimate partner during the adolescence constitutes an early form of gender violence. Gender constructs determined the occurrences of suffered and perpetrated violence and also seem to naturalize and legitimate these attacks. The inequality of power between generations may cause more vulnerability to violence by intimate partner in adolescence. Furthermore, in relation to aggression, the category of generation enabled us to understand the emergence of new forms of perpetration and victimization determined by historical and social changes. **Conclusions:** The historical and social construction of masculinity and femininity, as well as the inequalities of power established by those constructs, converge with the imbalance of power between generations. Thus, gender and generation are determinants of violence by intimate partner in adolescence, as well as of the vulnerability of adolescents to this phenomenon.

KEYWORDS: Violence. Adolescent. Adolescent health. Collective Health. Violence against women. Gender and Health. Interpersonal Relations.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 – Mapa da Região Metropolitana de Curitiba (2012) 37

Figura 2 – Pirâmide etária do município de Curitiba (2010).....38

Figura 3 – Representação gráfica das frequências de adolescentes que afirmaram perpetrarem violência no CADRI 71

Figura 4 - Representação gráfica das frequências de adolescentes que afirmaram sofrer violência no CADRI 72

QUADRO

QUADRO 1 – Coeficientes de correlação de Spearman entre subescalas do CADRI. Curitiba, 2015. 73

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Caracterização da amostra, segundo características sociodemográficas. Curitiba, 2015. 44

Tabela 2 – Características das relações de intimidade estabelecidas pelos participantes. Curitiba, 2015. 47

Tabela 3 – Características das pessoas selecionadas pelos participantes. Curitiba, 2015. 49

Tabela 4 – Frequências das violências sofridas e perpetradas na relação com a pessoa selecionada. Curitiba, 2015. 51

Tabela 5 - Frequências de perpetração e vitimização por subescala do CADRI. Curitiba, 2015. 53

Tabela 6 – Estatística descritiva dos escores do CADRI por subescala. Curitiba, 2015. 55

Tabela 7 – Estatística descritiva dos itens da subescala de violência sexual perpetrada do CADRI. Curitiba, 2015. 57

Tabela 8 – Estatística descritiva dos itens da subescala de violência sexual sofrida do CADRI. Curitiba, 2015. 58

Tabela 9 – Estatística descritiva dos itens da subescala de violência física perpetrada do CADRI. Curitiba, 2015. 59

Tabela 10 – Estatística descritiva dos itens da subescala de violência física sofrida do CADRI. Curitiba, 2015. 60

Tabela 11 – Estatística descritiva dos itens da subescala de violência verbal/emocional perpetrada do CADRI. Curitiba, 2015. 61

Tabela 12 – Estatística descritiva dos itens da subescala de violência verbal/emocional sofrida do CADRI. Curitiba, 2015..... 62

Tabela 13 – Estatística descritiva dos itens da subescala de violência relacional perpetrada do CADRI. Curitiba, 2015..... 64

Tabela 14 – Estatística descritiva dos itens da subescala de violência relacional sofrida do CADRI. Curitiba, 2015..... 65

Tabela 15 – Estatística descritiva dos itens da subescala de ameaças perpetradas do CADRI. Curitiba, 2015. 66

Tabela 16 – Estatística descritiva dos itens da subescala de ameaças sofridas do CADRI. Curitiba, 2015. 67

Tabela 17 – Associação entre o tempo de duração da relação de intimidade e a vivência e perpetração de violências entre parceiros íntimos adolescentes por subescala do CADRI. Curitiba, 2015. 68

Tabela 18 – Frequência absoluta e relativa de adolescentes que afirmaram perpetrar e sofrer violência por parceiro íntimo na adolescência. Curitiba, 2015. 74

Tabela 19 – Frequência de adolescentes que assinalaram verdadeiro na escala de conhecimentos sobre a violência por parceiro íntimo na adolescência. Curitiba, 2015. 75

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 14

1.1 A VIOLÊNCIA NA PAUTA DO SETOR SAÚDE 14

1.2 A VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO 16

1.3 AS RELAÇÕES DE INTIMIDADE ENTRE ADOLESCENTES 18

1.4 VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO NA ADOLESCÊNCIA 20

2 OBJETIVOS 25

2.1 OBJETIVO GERAL 25

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS 25

3 MÉTODO 27

3.1 REFERENCIAL TEÓRICO 27

3.1.1 A violência por parceiro íntimo na adolescência na perspectiva da teoria da determinação social do processo saúde-doença 27

3.1.2 Considerações teóricas sobre a adolescência 28

3.1.3 As categorias gênero e violência de gênero para a compreensão da violência por parceiro íntimo na adolescência 30

3.1.4 A violência por parceiro íntimo na adolescência e a perspectiva de geração 34

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 35

3.2.1 Caracterização do estudo 35

3.2.2 Cenário 36

3.2.3 Amostra 38

3.2.4 Coleta de dados 38

3.2.5 Procedimentos éticos 40

3.2.6 Análise dos dados 41

4 RESULTADOS 44

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA 44

4.2 CARACTERIZAÇÃO DOS TIPOS DE RELAÇÕES DE INTIMIDADE ESTABELECIDAS PELOS PARTICIPANTES 46

4.3 CARACTERIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO NA ADOLESCÊNCIA 52

5 DISCUSSÃO 82

6 DIFICULDADES E LIMITAÇÕES DO ESTUDO 113
7 CONCLUSÕES 116
REFERÊNCIAS 122
APÊNDICES 131
APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS 131
APÊNDICE B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA NA ESCOLA 138
APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 140
APÊNDICE D - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 142
APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA O ADOLESCENTE COM 18 ANOS OU MAIS 144
ANEXOS 147
ANEXO 1 - PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO 147
ANEXO 2 - PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO SOBRE A EMENDA SOLICITADA 151

1 INTRODUÇÃO

1 INTRODUÇÃO

1.1 A VIOLÊNCIA NA PAUTA DO SETOR SAÚDE

A violência é um fenômeno histórico e social (Minayo, 2007) e, uma vez que ocorre no âmbito das relações sociais humanas e é inerente a estas, necessita ser compreendida de modo articulado à sociedade que a produz e ao período histórico considerado. Isto, a fim de que se possam entender os diferentes significados que assume e as particularidades de suas manifestações (Minayo, 2006). Por constituir um processo destrutivo à vida e saúde dos seres humanos e, portanto, determinar o surgimento de doenças e morte, a violência tem sido incluída na pauta do setor saúde. Pode ser definida como (World Health Organization, 2002, p. 5) :

> O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si mesmo, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação.

Devido à ampla gama de manifestações que o termo violência designa, as violências podem ser classificadas em diferentes tipos e naturezas. Quanto aos tipos, as violências podem ser subdivididas em: violências auto-inflingidas, interpessoais ou coletivas. Em relação à natureza, as expressões da violência incluem os abusos físicos, psicológicos e sexuais e as negligências (Minayo, 2006).

As violências auto-inflingidas abrangem os comportamentos suicidas e auto-abusos, sendo os primeiros relativos aos suicídios, às ideações suicidas e às tentativas de suicídio. Os auto-abusos incluem as auto-agressões e automutilações (Minayo, 2006). As violências interpessoais podem ser subdivididas em dois grupos: o da violência intrafamiliar e por parceiro íntimo, e o subgrupo da violência comunitária (World Health Organization, 2002). A violência intrafamiliar refere-se às violências que ocorrem entre membros da família, tendo como local privilegiado o ambiente doméstico. São exemplos de violência intrafamiliar a violência contra crianças e adolescentes e a violência contra idosos (Minayo, 2006).

A violência por parceiro íntimo é definida pela OMS (World Health Organization, 2013a, p.7) como qualquer “Comportamento por um parceiro íntimo que cause dano físico, sexual ou psicológico, incluindo atos de agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamentos controladores”. A violência comunitária refere-se às violências que ocorrem

no ambiente social, tendo como agressores conhecidos ou desconhecidos. A violência juvenil, os ataques sexuais e a violência institucional podem ser classificados como violência comunitária (Minayo, 2006).

A violência coletiva inclui as violências que ocorrem no âmbito macrossocial, político e econômico, contemplando, por exemplo, os atos terroristas, as guerras e a violência estrutural. Refere-se a (Minayo, 2006, p. 100) :

> [...] processos sociais, políticos e econômicos que reproduzem e 'cronificam' a fome, a miséria e as desigualdades sociais, de gênero, de etnia e mantêm o domínio adultocêntrico sobre crianças e adolescentes. Difícil de ser quantificada, pois aparentemente ocorre sem a consciência explícita dos sujeitos, a violência estrutural se perpetua nos micro e macroprocessos sócio-históricos, se repete e se naturaliza na cultura e é responsável por privilégios e formas de dominação.

Quanto às naturezas da violência, também denominadas abusos ou maus-tratos (Minayo, 2006), podem ser citados os abusos físicos, psicológicos e sexuais (Brasil, 2001). O abuso físico pode ser compreendido como o uso da força para produzir injúrias, feridas, dor ou incapacidade em outra pessoa. Já o abuso psicológico diz respeito às (Brasil, 2001, p.27) "[...] agressões verbais ou gestuais com o objetivo de aterrorizar, rejeitar, humilhar a vítima, restringir a liberdade ou ainda isolá-la do convívio social". O abuso sexual refere-se ao (Brasil, 2001, p.27):

> [...] ato ou ao jogo sexual que ocorre nas relações hetero ou homossexual e visa a estimular a vítima ou utilizá-la para obter excitação sexual e práticas eróticas, pornográficas e sexuais impostas por meio de aliciamento, violência física ou ameaças.

No cenário brasileiro, observa-se que a violência contra crianças e adolescentes constituiu a primeira aproximação do setor com a temática da violência. Produzindo textos e promovendo debates, pediatras, epidemiologistas e psiquiatras têm denunciado a violência contra crianças e adolescentes e as consequências dessa para o crescimento e desenvolvimento humano. Outra importante aproximação do setor saúde em relação à temática da violência ocorreu devido à pressão dos movimentos feministas, que incluíram na pauta da saúde a necessidade de enfrentamento da violência contra a mulher para além do tratamento das lesões e traumas (Minayo, 2007).

Os movimentos feministas têm evidenciado que a violência contra mulheres está fundamentada no gênero, conceito que pressupõe que as diferenças biológicas existentes entre os sexos assumem distintos significados, de acordo com a sociedade e o momento histórico

considerado (Fonseca, 2012). Esses movimentos têm atuado de modo a promover a incorporação da perspectiva de gênero nas diversas instituições sociais (Minayo, 2006), destacando o caráter histórico e social das relações de poder estabelecidas entre homens e mulheres, entre mulheres e entre homens. Isto tem permitido compreender que, de um modo geral, observa-se que, no decorrer da história, as posições sociais de maior prestígio e poder têm sido ocupadas por homens (Oliveira, 2008).

Por consequência, as mulheres têm ocupado posições de subalternidade, as quais lhes determinam condições de vida extremamente precárias, como a subvalorização do trabalho feminino, aumento da carga de trabalho das mulheres, dificuldade de acessar serviços de saúde, agressões físicas, sexuais e psicológicas e feminicídios (Fonseca, 2012; Organização Mundial de Saúde, 2009). Entre as violências que acometem as mulheres, a violência perpetrada por parceiro íntimo corresponde aos maus-tratos mais frequentes na vida das mulheres (Schraiber et al., 2007; World Health Organization, 2013b). Além de causar elevado número de mortes (Waiselfisz, 2012), esta violência caracteriza-se pelas frequentes agressões vivenciadas cotidianamente (Guedes, Silva, Fonseca, 2009; Oliveira, 2011).

1.2 A VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO

De acordo com revisão sistemática da literatura conduzida pela Organização Mundial da Saúde (World Health Organization, 2013b), estima-se que 30% das mulheres tenham sofrido violência física e/ou sexual perpetrada por parceiro íntimo ao menos uma vez na vida, sendo frequente a reincidência da violência contra as mulheres.

Embora o termo violência por parceiro íntimo também possa ser utilizado para referir agressões perpetradas por mulheres, constata-se que a maioria dos maus-tratos é praticada pelo parceiro íntimo (World Health Organization, 2013b), ou seja, por homens com os quais as mulheres estabelecem relações de afeto.

Deste modo, a contradição entre amor e violência contribui para o surgimento de sentimentos de impotência, decepção e desesperança frente às agressões (Guedes, Silva, Fonseca, 2009). Embora nem sempre resultem em lesões visíveis, são marcadas por intenso sofrimento e agravos à saúde física, mental, sexual e reprodutiva das mulheres (Guedes, Silva, Fonseca, 2009; Oliveira, 2011).

Sob a perspectiva de gênero, compreende-se que a violência por parceiro íntimo está fundamentada na assimetria de poder existente nas relações sociais entre os sexos, sendo que tal assimetria se traduz em relações de força e dominação (Guedes, Silva, Fonseca, 2009).

Semelhantemente, a construção histórica e social do feminino e do masculino tem se revelado como determinante de diversas formas de violência, entre elas a violência por parceiro íntimo. Assim, homens e mulheres encontram-se envolvidos na manutenção da violência por parceiro íntimo, ao reproduzirem contravalores construídos socialmente e que contribuem para a manutenção da assimetria de poder entre os sexos (Oliveira, Fonseca, 2014).

Observa-se que a construção hegemônica da masculinidade vincula os homens à força e ao exercício do poder por meio da dominação, o que, por sua vez, leva ao maior envolvimento dos homens nas agressões às suas parceiras (Oliveira, Fonseca, 2014). Como aponta Bourdieu (2014, p. 75-78)

> [...] O privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade. [...] A *virilidade*, entendida como capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também como aptidão ao combate e ao exercício da violência (sobretudo em caso de vingança) [...] tem que ser validada pelos outros homens, em sua verdade de violência real ou potencial, e atestada pelo reconhecimento de fazer parte de um grupo de 'verdadeiros homens'.

De outra parte, a construção hegemônica de feminilidade associa as mulheres a obediência e subordinação, podendo determinar, por exemplo, a naturalização da violência por parceiro íntimo (Oliveira, Fonseca, 2014; Guedes, Silva, Fonseca, 2009). Como aponta Oliveira (Oliveira, 2011), em estudo sobre as necessidades de saúde de mulheres que vivenciaram violência de gênero, foi observado que, entre as participantes da pesquisa, a violência sexual perpetrada pelo parceiro assumia o significado de "violência consentida", devido à compreensão de que ter relações sexuais com o parceiro, ainda que contra a própria vontade, seria uma obrigação das esposas.

Ao serem analisadas as taxas de mortalidade por feminicídio no Brasil, percebe-se que a violência por parceiro íntimo possui desfechos trágicos para as mulheres brasileiras, tendo resultado, no ano de 2010, em 4.465 feminicídios (Waiselfisz, 2012). Tais taxas também revelam que as adolescentes e jovens com idade de 15 a 24 anos são as principais vítimas de feminicídio, apresentando, no ano de 2011, taxa de mortalidade de 7,1 a cada 100 mil mulheres nessa faixa etária. A taxa de mortalidade por feminicídio entre as mulheres não-jovens, ou seja, aquelas com idade inferior a 15 anos e superior a 24 anos, foi de 4,1 a cada 100 mil mulheres (Waiselfisz, 2013).

Resultados semelhantes são encontrados ao serem analisados os atendimentos de mulheres devido à violência física registrados no SINAN (Sistema de Informação de Agravos

de Notificação). Os dados indicam que no ano de 2011, na faixa etária dos 15 aos 19 anos, 30,9% dos atendimentos de mulheres devido à violência física foram realizados em consequência das agressões perpetradas pelo parceiro ou ex-parceiro. Ao considerarmos a faixa etária dos 20 aos 29 anos, esses números sobem para 63,3% dos atendimentos (Waiselfisz, 2012).

Os dados indicam a gravidade da violência perpetrada pelo parceiro íntimo e apontam para a magnitude desse fenômeno na vida das mulheres adolescentes e jovens. Uma vez que os dados apresentados representam apenas os casos cuja gravidade resultou na morte das vítimas ou em lesões que precisaram de atendimento em serviços de saúde, compreende-se que a violência vivenciada por essas mulheres nas relações de intimidade pode assumir dimensões ainda maiores.

Principalmente a partir de 1985, estudos internacionais têm abordado a violência por parceiro íntimo na adolescência, sendo percebido que as características das relações estabelecidas por adolescentes são distintas daquelas presentes nos relacionamentos de adultos e jovens (Minayo, Assis, Njaine, 2011; Hickman, Jaycox, Aronoff, 2004; Cutter-Wilson, Richmond, 2011) que frequentemente moram juntos, são casados, compartilham finanças e deveres em relação aos filhos (Hickman, Jaycox, Aronoff, 2004; Cutter-Wilson, Richmond, 2011; Fernández-Fuertes, Fuertes, 2010). Além disso, as relações entre adolescentes também apresentam diferenças na duração, no compromisso, no grau de envolvimento sexual e na forma de resolução de conflitos, sendo tais características importantes para a compreensão da violência por parceiro íntimo na adolescência (Minayo, Assis, Njaine, 2011). Assim, é necessário compreender as peculiaridades das relações de intimidade entre adolescentes de modo articulado ao contexto histórico e social dos mesmos.

1.3 AS RELAÇÕES DE INTIMIDADE ENTRE ADOLESCENTES

Por se tratarem de relações sociais humanas, as relações de intimidade entre adolescentes necessitam ser analisadas de modo articulado à sociedade na qual eles estão inseridos, bem como ao contexto histórico em que ocorrem essas relações, uma vez que as mudanças sociais e culturais determinam a transformação da adolescência (Qvortrup, 2010) e, consequentemente, das relações que os adolescentes estabelecem (Silva, 2002; Bauman, 2004).

Nessa perspectiva, a juventude, categoria na qual se encontra inserida a adolescência, é compreendida como categoria permanente, ou seja, como um componente da estrutura social. Portanto, a adolescência é constantemente preenchida e esvaziada pelos sujeitos que a compõem, o que caracteriza sua continuidade no transcorrer da história. Apesar disso, a adolescência também muda, sendo essa mudança determinada, por exemplo, pelas transformações na economia, na cultura e na tecnologia (Qvortrup, 2010). Assim, a adolescência da metade do século XX apresenta características muito diferentes da adolescência do século XXI, devido às transformações mencionadas anteriormente.

Por consequência, as relações de intimidade entre adolescentes também passaram por profundas transformações. As guerras mundiais colaboraram para a flexibilização das relações sexuais, uma vez que a intensificação do medo da morte fez com que fosse buscado o prazer imediato por meio dessas relações. O advento da psicanálise, que iniciou a discussão sobre a sexualidade desde a infância, considerando o prazer sexual como algo necessário e saudável, também propiciou as transformações ocorridas nos relacionamentos íntimos (Matos, Féres-Carneiro, Jablonski, 2005; Oliveira et al., 2007).

Outros eventos de grande importância foram os movimentos feministas, que possibilitaram a emancipação das mulheres, bem como o reconhecimento dos direitos sexuais e reprodutivos. O surgimento da pílula anticoncepcional desvinculou sexo e reprodução biológica e o desenvolvimento dos meios de comunicação facilitou a circulação rápida das informações e possibilitou novas formas de interação, propiciadas principalmente pela internet (Bauman, 2004; Matos, Féres-Carneiro, Jablonski, 2005).

Atualmente, as relações de intimidade entre adolescentes brasileiros têm se caracterizado pela tensão liberdade-responsabilidade, sendo o primeiro aspecto representado pelas relações denominadas “pegar” e “ficar”, e o segundo representado principalmente pelo namoro (Oliveira et al., 2007). O “pegar” pode ser caracterizado como um ato espontâneo, sem compromisso, centrado mais no interesse físico e motivado pela beleza ou pela sensualidade (Oliveira et al., 2007). Já o “ficar” pode ser caracterizado como uma fase de atração sem maiores compromissos e que pode envolver desde beijos até contatos sexuais. Situado em posição intermediária entre o “pegar” e o namorar, o “ficar” pode assumir características do primeiro ou do segundo (Oliveira et al., 2007). Entretanto, como destacam Minayo, Assis e Njaine (2011), ainda que para fins de estudo sejam formuladas definições sobre os relacionamentos de intimidade entre adolescentes, é observada uma confusão entre os limites dessas práticas, que se atravessam e escapam a categorizações.

1.4 VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO NA ADOLESCÊNCIA

Conforme dito anteriormente, a violência por parceiro íntimo na adolescência tem sido abordada predominantemente nos estudos científicos internacionais, sobretudo nos países norte-americanos, nos quais é denominada "*dating violence*" ou "*courtship violence*". No âmbito nacional, é restrita a produção científica sobre o tema (Minayo, Assis, Njaine, 2011; Ruzany et al., 2003; Taquette et al., 2003; Murta et al., 2013), entretanto, os termos violência no namoro, violência nas relações afetivas e violência nas relações afetivo-sexuais também têm sido utilizados para referir-se às agressões psicológicas, sexuais e físicas vivenciadas e perpetradas por adolescentes em suas relações de intimidade.

No presente estudo optou-se pela utilização do termo **violência por parceiro íntimo na adolescência**, uma vez que esse termo também abrange parcerias informais (World Health Organization, 2013b), como o namoro e o "ficar". Assim, a violência por parceiro íntimo na adolescência é compreendida como qualquer violência psicológica, física ou sexual vivenciada ou perpetrada pelos adolescentes nas relações de intimidade.

A violência por parceiro íntimo na adolescência é um fenômeno de elevada magnitude e gravidade (Cutter-Wilson, Richmond, 2011; Swart, Stevens, Ricardo, 2002; Muñoz-Rivas et al., 2007; Ortega, Rivera, Sánchez, 2008) , sendo relatadas como consequências as lesões e mortes decorrentes das agressões, agravos à saúde sexual, à saúde reprodutiva e à saúde mental, tais como depressão, ansiedade e pensamentos suicidas, além de uso abusivo de álcool, drogas e cigarro (NCFV, 2006; Silverman et al., 2001). A literatura também tem apontado a relação entre a violência por parceiro íntimo na adolescência e juventude e a violência conjugal, indicando que casais jovens que perpetraram violência nas relações de namoro tendem a perpetrá-la também nos relacionamentos conjugais, indicando assim um aprendizado da violência como forma de comunicação (Frieze, 2000; Prospero, 2006) e como resultado da desigualdade de poder existente entre homens e mulheres (OMS, 2012).

A perspectiva de gênero tem se mostrado potente para a compreensão da violência por parceiro íntimo em qualquer momento da vida, inclusive na adolescência. Entretanto, a articulação entre gênero e violência por parceiro íntimo na adolescência é um tema pouco abordado no âmbito nacional e internacional (Oliveira et al., 2016). Embora as relações de intimidade dos adolescentes tenham passado por transformações profundas, percebe-se que normas tradicionais de gênero continuam a ser reproduzidas pelos adolescentes, determinando as agressões sofridas e perpetradas por meninos e meninas (Castro, 2009; Minayo, Assis, Njaine; 2011).

Entre tais agressões, a violência psicológica tem sido a mais frequente, sendo relatadas a vivência e a perpetração de ameaças, insultos, humilhações, comportamentos hostis e controladores (Minayo, Assis, Njaine, 2011; Jezl, Molidor e Wright, 1996; Fernández-Fuertes, Fuertes, Pulido, 2006; Wolfe et al., 2001; Muñoz-Rivas et al., 2007). Estudo realizado com 2416 adolescentes e jovens espanhóis revelou percentuais de perpetração e de vitimização de violência verbal superiores a 90% em ambos os sexos (Muñoz-Rivas et al., 2007).

Estudo realizado na Austrália (Murphy, Smith, 2010) evidenciou que 60% das meninas relataram terem vivenciado ciúmes e comportamentos possessivos perpetrados pelo parceiro. Resultados semelhantes foram encontrados entre garotas da Tailândia, em estudo sobre as percepções das adolescentes quanto ao namoro e à violência por parceiro íntimo (Thongpriwan, McElmurry, 2009). Das 24 adolescentes entrevistadas, 81% declararam ter vivenciado comportamentos de controle, como dizer à parceira onde ela deveria ir; criticar a roupa da parceira e exigir que ela se trocasse antes de sair; proibir que tivesse amigos do sexo masculino e negar à parceira a possibilidade de decidir o que eles fariam juntos. Com base nesses dados percebe-se que as mulheres ainda são vistas como objetos do poder masculino, o que tem determinado a vivência de privações frequentes na vida das meninas.

No Canadá, pesquisa com 1.259 adolescentes (Boivin et al., 2012) revelou que 13.6% dos participantes relataram terem vivenciado e também perpetrado violência física, sendo 16,6% do sexo feminino e 9,0% do sexo masculino. Entretanto, ao serem consideradas as agressões físicas severas, percebe-se que os meninos relatam maiores percentuais de perpetração (Foshee et al., 2011; Swart, Stevens, Ricardo, 2002). Sob a perspectiva de gênero, compreende-se que esses dados são determinados pela construção social hegemônica de masculinidade, que tem a agressividade como um dos seus elementos centrais (Gessner, Brancaglioni, Fonseca, 2015), os meninos são incentivados a resolver os conflitos de forma violenta.

O gênero também determinou a vivência e perpetração de violência sexual nas relações de intimidade entre adolescentes em estudo com adolescentes canadenses realizado por Wolfe et al. (2001), que encontraram diferentes percentuais de vitimização sexual entre homens e mulheres. Entre os meninos, o percentual de vitimização foi de 36%, já as meninas relataram 43% de vitimização. Quanto à perpetração de violência sexual, 37% dos rapazes e 24% das moças relataram terem perpetrado violência sexual contra o(a) parceiro(a) (Wolfe et al., 2001). Percebe-se que a visão da mulher como objeto a serviço do prazer masculino tem determinado a manutenção da violência sexual nas relações de intimidade (Fonseca, 2012).

Embora as agressões tenham sido apresentadas separadamente a fim de facilitar a compreensão, a coocorrência de diversas violências nas relações de intimidade entre adolescentes é um fenômeno frequente (Miller et al., 2010; Thongpriwan, McElmurry, 2009; Minayo, Assis, Njaine, 2011), sendo que 24,9% dos participantes relataram conviver com a violência física, sexual e psicológica em suas relações de intimidade, 32,3% com a violência psicológica e sexual e 7,9% com violência física e sexual (Minayo, Assis, Njaine, 2011).

Observa-se que a subalternidade de geração determina importante vulnerabilidade à violência por parceiro íntimo na adolescência, e, no caso das meninas, a subalternidade de geração conflui com a subalternidade de gênero. Deste modo, é interditado o diálogo entre adolescentes e adultos, o qual tem se mostrado importante para a prevenção da violência por parceiro íntimo na adolescência e para auxiliar os adolescentes que vivenciam relações violentas (Foshee et al., 2012; Minayo, Assis, Njaine, 2011; Wiklund et al., 2010). Assim, os adolescentes de ambos os sexos têm vivenciado a desigualdade de poder existente entre as gerações, tanto no âmbito intrafamiliar, quando as famílias são autoritárias, quanto no âmbito público, como pode ocorrer nos serviços de saúde em que as equipes estabelecem relações de poder hierárquicas e desiguais com os adolescentes. Em ambos os casos, têm-se como resultado o desamparo dos adolescentes ao vivenciarem violências nas relações de intimidade.

Percebe-se também que, mesmo nas famílias que não assumem posturas autoritárias, o relacionamento inter geracional pode constituir um problema quando os pais ou outros adultos não conversam com os filhos sobre as relações que eles estabelecem (Minayo, Assis, Njaine, 2011). Assim, os adolescentes também não iniciam essas discussões com os pais, por vergonha, medo da reação dos pais, ou por acreditarem que os pais não saberiam aconselhá-los; motivo pelo qual os adolescentes de ambos os sexos relataram procurarem outros jovens nas situações em que necessitam de ajuda devido a problemas na relação (Minayo, Assis, Njaine, 2011). Entre as pessoas procuradas pelos participantes, os amigos e irmãos foram os mais mencionados, entretanto, percebe-se que na maioria das vezes eles não souberam como auxiliar os adolescentes em relação à violência (Minayo, Assis, Njaine, 2011). Assim, meninos e meninas tem relatado que apenas compartilham sobre as agressões com os familiares nos momentos em que essas se tornam mais severas (Wiklund et al., 2010).

A situação das meninas se torna ainda mais desfavorável, pois, apesar delas considerarem o diálogo com os pais como algo importante, também relatam o controle excessivo que esses exercem sobre seus relacionamentos de intimidade; fato que não ocorre

entre os meninos, que estabelecem com o pai uma relação de cumplicidade, baseada nas construções hegemônicas de masculinidade centradas na virilidade masculina (Minayo, Assis, Njaine, 2011). Assim, as relações de intimidade estabelecidas pelas meninas ainda são marcadas por normas tradicionais de gênero, que reservam às mulheres papéis de castidade e submissão (Amaral, 2005), os quais podem ser rompidos nas relações de intimidade, tendo como consequência possível os sentimentos de medo e culpa mencionados pelas adolescentes (Thongpriwan, McElmurry, 2009).

Outra dificuldade vivenciada pelos adolescentes diz respeito ao término das relações violentas, principalmente quando, apesar das agressões, os adolescentes ainda amam os parceiros (Wiklund et al., 2010; Thongpriwan, McElmurry, 2009). Estudo realizado na Tailândia com 24 adolescentes revelou que 83% das meninas relataram o amor como impeditivo do término das relações (Thongpriwan, McElmurry, 2009), sendo os pedidos de perdão, a convivência constante na escola, a ameaça de suicídio pelo parceiro e o entendimento de que a violência não irá se repetir algumas das razões relatadas pelas adolescentes para manterem as relações violentas. Tendo em vista esse resultado, é possível concluir que a construção hegemônica de feminilidade também pode dificultar a saída das adolescentes das relações violentas, uma vez que a idealização do amor pode impedi-las de deixarem a relação. Além disso, o fato de a mulher ser vista como responsável pelo desfecho das relações de intimidade também pode constituir outra dificuldade para as meninas, tal como observado por Minayo, Assis, Njaine (2011), que indicaram que as participantes relataram com frequência o sentimento de culpa pela relação não ter dado certo.

Portanto, conhecer a magnitude da violência por parceiro íntimo na adolescência é fundamental para subsidiar o desenvolvimento de estratégias de prevenção e enfrentamento desse fenômeno. Compreendendo que a violência por parceiro íntimo na adolescência é determinada pelas categorias gênero, violência de gênero e geração, foi conduzido o presente estudo a fim de obter-se resposta aos seguintes questionamentos: “Quais as características da violência vivenciada e perpetrada por adolescentes, estudantes de uma escola pública do município de Curitiba, em suas relações de intimidade?” e “Como as categorias gênero, violência de gênero e geração determinam a vivência e a perpetração da violência por parceiro íntimo na adolescência?”. Tem como finalidade dar visibilidade ao problema da violência por parceiro íntimo na adolescência, bem como ampliar o conhecimento sobre o fenômeno e fornecer subsídios para a formulação de projetos de intervenção e prevenção da violência por parceiro íntimo na adolescência.

2 OBJETIVOS

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a violência por parceiro íntimo na adolescência na perspectiva das categorias gênero, violência de gênero e geração.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever os tipos de relações de intimidade entre adolescentes, estudantes de uma escola pública do município de Curitiba;
- Caracterizar a violência vivenciada e/ou perpetrada por esses adolescentes em suas relações de intimidade;
- Compreender a violência vivenciada e/ou perpetrada por esses adolescentes em suas relações de intimidade na perspectiva das categorias gênero, violência de gênero e geração;

3 MÉTODO

3 MÉTODO

3.1 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1.1 A violência por parceiro íntimo na adolescência na perspectiva da teoria da determinação social do processo saúde-doença

A violência por parceiro íntimo na adolescência deve ser compreendida na perspectiva da teoria da determinação social do processo saúde-doença, uma vez que constitui um potencial de desgaste à saúde dos adolescentes (Gessner, Brancaglioni, Fonseca, 2015). Trata-se de uma teoria interna à Saúde Coletiva, campo de teorias e práticas fundamentadas na visão materialista histórica e dialética de mundo; a qual pressupõe (Fonseca, Egry, Bertolozzi, 2006, p. 23):

> [...] uma visão do desenrolar da história que procura a causa final e a grande força motriz de todos os acontecimentos históricos importantes no desenvolvimento econômico da sociedade, nas transformações dos modos de produção e de troca, na consequente divisão da sociedade em classes distintas e na luta entre estas classes.

Com o desenvolvimento do capitalismo no século XX, a teoria da determinação social do processo saúde-doença adquiriu destaque na América Latina, devido ao aumento das desigualdades sociais provocadas por esse modo de produção. Neste cenário, as teorias hegemônicas que procuravam explicar a saúde-doença tornaram-se insuficientes para a compreensão das diferentes formas de adoecer e morrer dos grupos sociais (Fonseca, Egry, 2010).

Considerando a saúde-doença como processo histórico e social, determinado pelas diferentes formas de trabalhar e viver dos grupos sociais, trata-se de uma teoria que concebe a realidade como resultado de relações de poder historicamente e socialmente produzidas, com nítida diferenciação de poder entre os sujeitos e grupos sociais (Fonseca, Egry, 2010). Nas sociedades classistas, como aquelas fundamentadas no modo de produção capitalista, tal diferenciação de poder é fundamentada principalmente na classe social, entretanto, algumas características biológicas, tais como sexo, idade, raça ou cor também determinam o poder dos indivíduos e grupos na estrutura social (Fonseca, 2012).

A fim de analisar o papel de tais características na determinação dos fenômenos sociais, entre eles os relacionados ao processo saúde-doença, são utilizadas categorias provenientes

das ciências sociais, tais como classe social, gênero, geração, raça/etnia, entre outras. Como aponta Castro (1992, p. 59):

> As categorias de raça, gênero e geração têm em comum serem atributos naturais com significados políticos, culturais e econômicos, organizados por hierarquias, privilégios e desigualdades, amparados por símbolos particulares e ‘naturalizados.

Assim, tais categorias sociológicas também podem ser utilizadas para a compreensão de objetos de estudo, sendo, por isso, utilizadas como categorias de análise. Uma vez que essas categorias estão em constante interação na realidade social, é necessário articulá-las para a compreensão dos fenômenos, destacando-se umas ou outras, a depender do fenômeno a ser analisado (Castro, 1992; Fonseca, 2012).

Desta maneira, no presente estudo foram utilizadas como categorias de análise para a compreensão da violência por parceiro íntimo na adolescência as categorias gênero, violência de gênero e geração, uma vez que permitem evidenciar as assimetrias de poder existentes nas relações entre gerações e gêneros e que determinam e legitimam a vivência e perpetração da violência por parceiro íntimo na adolescência (Gessner, Brancaglioni, Fonseca, 2015).

3.1.2 Considerações teóricas sobre a adolescência

A noção de adolescência surgiu no século XVIII, no contexto da Revolução Industrial, tendo adquirido visibilidade devido à instituição do sistema escolar obrigatório, que visava qualificar a mão-de-obra que atuaria nas indústrias, e ao movimento de proteção à maternidade e à infância, que tinha como intuito o controle populacional, a fim de evitar tanto o crescimento excessivo da população quanto o seu declínio (Grossman, 2010; Oliveira, Egry, 1997).

Porém, com o controle das doenças transmissíveis ocorrido no século XX, a noção de adolescência se consolidou e os estudos sobre o crescimento e desenvolvimento dos adolescentes ganharam destaque no âmbito acadêmico. Foi concebida como uma fase de transição entre a infância e a vida adulta, tendo como características as transformações fisiológicas ocorridas na puberdade, as quais desencadeariam mudanças psicológicas e sociais que resultariam na maturidade, essa última atribuída ao organismo adulto (Oliveira, Egry, 1997; Peres, Rosenburg, 1998).

Como destacam Horta e Sena (2010) trata-se de um conceito de adolescência frequentemente utilizado no campo da saúde (Oliveira, Egry, 1997; Peres, Rosenburg, 1998),

e que ainda norteia as políticas de saúde brasileiras direcionadas aos adolescentes; como pode ser observado na definição de adolescência adotada pelo Ministério da Saúde, que delimita a adolescência como o período compreendido dos 10 aos 19 anos de idade e a define como (Brasil, 2005, p.7) "[...] a etapa da vida compreendida entre a infância e a fase adulta, marcada por um complexo processo de crescimento e desenvolvimento biopsicossocial".

Percebe-se que essa concepção reforça a supremacia social do adulto, ao indicá-lo como auge do desenvolvimento humano e como um padrão de maturidade a ser alcançado. Nessa perspectiva, o adolescente é definido (Oliveira, Egry, 1997, p.12):

> [...] por oposição à criança e ao adulto, por suas características e necessidades peculiares, é mais que um menos que o outro. Visto como um ser em transição, é de certo modo 'desqualificado', pois lhe faltam as habilidades e competências do adulto.

Outros aspectos a serem considerados são a suposta homogeneidade presente no conceito de adolescência e o papel dessa para ocultar as desigualdades sociais existentes entre os adolescentes (Oliveira, Egry, 1997; Soares, Avila, Salvetti, 2000). Como apontam Peres e Rosenburg (1998, p.64), essa concepção:

> [...] traz implícita a idéia de uma evolução natural do ser humano, linear, independente das condições concretas de sua existência [...] ou seja, um processo que se opera segundo um determinismo pré-estabelecido, imanente ao desenvolvimento humano, apesar dos sujeitos em sua diversidade cultural e sua desigualdade social.

Deste modo, considera-se que tal concepção torna a adolescência homogênea devido à ideia central do conceito estar fundamentada na sua dimensão biológica, como se os seres humanos crescessem e se desenvolvessem isoladamente e de modo independente da organização social. Tal organização é reconhecidamente perpassada por sistemas de privilégios fundamentados na classe social, no gênero, na geração, na raça/etnia, entre outros sistemas. Assim, naturalizar tais questões contribui para ocultar as desigualdades sociais existentes entre os adolescentes, "[...] diluindo-se identidades e, portanto, percepções e ações críticas às suas lógicas" (Castro, 1992, p.61).

Contrapõe-se a esse conceito a compreensão da adolescência como construção histórica, social e cultural, que considera que a dimensão biológica da adolescência necessita ser compreendida à luz do contexto histórico e social no qual se insere o ser (Oliveira, Egry, 1997). Oliveira e Egry (1997, p. 17) compreendem que nas diferentes sociedades existem conceitos distintos de adolescência "[...] e que mesmo em uma dada sociedade, num

determinado momento histórico, coexistem concepções diferenciadas de adolescente, segundo a classe social, a religião, a etnia, o gênero [...]".

Trata-se, portanto, de uma concepção de adolescência que considera a pluralidade do ser adolescente, aspecto de fundamental importância para a análise da violência vivenciada e perpetrada pelos participantes do estudo, ou seja, por adolescentes do atual momento histórico, inseridos na sociedade brasileira contemporânea e envolvidos em relações determinadas pelo gênero, geração, classe social, raça/etnia entre outras categorias.

3.1.3 As categorias gênero e violência de gênero para a compreensão da violência por parceiro íntimo na adolescência

O conceito de gênero teve sua origem nos movimentos feministas visando negar o determinismo biológico das desigualdades existentes entre homens e mulheres e destacar o caráter histórico e social de tais distinções, tidas como naturais e imutáveis (Fonseca, 2008).

Foi no final do século XVIII, período marcado por intensas lutas sociais por cidadania, que as reivindicações das mulheres pela igualdade de direitos começaram a adquirir maior visibilidade. Publicada em 1790, a "Vindicação dos direitos da mulher", escrita pela inglesa Mary Wollstonecraft, reivindicava às mulheres o direito de cidadania, incluindo a participação política, a educação feminina e a independência econômica (Fonseca, 2008; Jácome, 2007; Fonseca, 1999).

No ano seguinte, no contexto da Revolução Francesa, Marie Gouze, codinome Olympe de Gouges, elaborou na França a "Declaração dos direitos da mulher e da cidadã". A autora criticava a conduta injusta da autoridade masculina por ter excluído as mulheres, crianças e homens pobres do contrato social civilizatório presente na "Declaração dos direitos do homem e do cidadão" e reivindicou também às mulheres a igualdade de direitos (Fonseca, 2008; Jácome, 2007; Fonseca, 1999).

Apesar de tais manifestações, foi apenas no século XX que surgiram os movimentos organizados de mulheres, lutando inicialmente por importantes direitos políticos e civis, como o direito ao voto e à educação (Jácome, 2007; Meyer, 2004). Conhecida como primeira onda do feminismo, esses movimentos contribuíram para a revisão da "Declaração dos direitos do Homem e Cidadão", substituída pela "Declaração Universal dos Direitos Humanos", assinada em 1948. Entretanto, apesar desse documento ter colaborado para que mulheres de diversos países conquistassem o direito ao voto, à educação, à segurança e ao lazer, elas ainda vivenciavam condições de vida e trabalho extremamente precárias. Assim, a segunda onda

dos movimentos feministas adentrou o espaço acadêmico, inicialmente para descrever as relações entre os sexos, com o objetivo de denunciar as desigualdades entre homens e mulheres e, posteriormente, para compreender e explicar essas desigualdades (Fonseca, 1999; Jácome, 2007; Meyer, 2004).

Originada nos países ocidentais, no contexto pós-segunda guerra mundial, a segunda onda fortaleceu-se nas décadas de 60 e 70 do século XX. No Brasil, esses movimentos adquiriram destaque durante a redemocratização da sociedade brasileira, ocorrida na década de 1980 (Meyer, 2004; Jácome, 2007). Apesar das diferentes teorias e práticas adotadas pelas feministas, esses movimentos tiveram em comum a resistência à naturalização das relações hierárquicas e desiguais entre homens e mulheres (Meyer, 2004; Fonseca, 2008), uma vez que, principalmente naquele momento histórico, as diferenças biológicas entre os sexos eram frequentemente utilizadas para legitimarem a subalternidade social das mulheres. Deste modo, o termo gênero passou a ser utilizado pelas feministas para enfatizar o caráter histórico e social das desigualdades entre os sexos, revelando assim possibilidades de transformação da realidade (Louro, 1996).

Como destaca Fonseca (2008, p.15), o conceito de gênero pressupõe:

> [...] a compreensão das relações que se estabelecem entre os sexos na sociedade, diferenciando o sexo biológico do sexo social. Enquanto o primeiro refere-se às diferenças anatomo-fisiológicas, portanto, biológicas, existentes entre os homens e as mulheres, o segundo diz respeito à expressão que assumem essas diferenças nas distintas sociedades, no transcorrer da história.

No Brasil, o uso do gênero adquiriu visibilidade na literatura científica da área da saúde no início de 1990, período no qual os estudos passaram a abordar o aspecto relacional do conceito e a enfatizar as diferenças e assimetrias de poder, influenciados principalmente pela historiadora Joan Scott. Utilizando o conceito foucaultiano de poder, que nega a existência de um poder único e centralizado, a historiadora utiliza o gênero como categoria de análise, ao explicar como foram produzidas e legitimadas as desigualdades de poder entre homens e mulheres no decorrer da história (Araújo, Schraiber, Cohen, 2011).

Para Scott, a categoria gênero pode ser definida como um elemento constitutivo das relações sociais, baseado nas diferenças perceptíveis entre os sexos, e também como forma básica de representar as relações de poder (Scott, 1991). Deste modo, Scott (1991) confere ao conceito de gênero um estatuto teórico e metodológico (Meyer, 1996). Na primeira parte do conceito, na qual se refere ao gênero como um elemento constitutivo das relações sociais, a autora (Scott, 1991) estabelece que a compreensão dos efeitos do gênero nas relações sociais e

na organização social deve ocorrer a partir da relação entre: os símbolos culturalmente disponíveis; os conceitos normativos expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas e jurídicas; a organização social e suas instituições e a construção das identidades subjetivas. Por fim, a autora (Scott, 1991) também discute como o gênero é um modo primeiro de significar as relações de poder. Como aponta Meyer (1996, p.49-50):

> O que tal discussão concretamente indica é que essa perspectiva teórica parece permitir ampliar a compreensão da dinâmica de funcionamento dos processos pelos quais a hierarquia de gênero – que não só modula a relação de homens e mulheres, mas estrutura e recorta o social – é construída e, continuamente, reconstruída, reformulada e legitimada. Ela permite compreender que instâncias possuem a autoridade para *dizer* o que e em quais circunstâncias. Mais ainda, ela traz implícita a necessidade de desconstruir o processo pelo qual aquilo que é dito sobre mulheres e homens, feminino e masculino é produzido e como esta produção anuncia, endossa ou reformula construções de gênero.

Assim, essa perspectiva permite romper com as noções de fixidade das construções de gênero, possibilitando a compreensão dos múltiplos processos históricos e sociais pelos quais os seres humanos se constroem e distinguem como homens e mulheres, ou, ainda, possibilitando romper com a dualidade homem-mulher (Gessner, Brancaglioni, Fonseca, 2015). Deste modo, a categoria gênero é potente para a compreensão da violência por parceiro íntimo na adolescência, por tratar-se de relações de poder estabelecidas entre os sexos e determinadas pela construção histórica e social das feminilidades e masculinidades.

Também é necessário considerar que a violência por parceiro íntimo na adolescência constitui um tipo de violência de gênero, uma vez que envolve relações de dominação-subordinação determinadas pela construção histórica e social do masculino e feminino (Oliveira, Fonseca, 2014; Guedes, Silva, Fonseca, 2009).

Embora os meninos e as meninas adolescentes possam vivenciar violência de gênero nas relações de intimidade, este é um fenômeno que incide principalmente sobre as meninas (Minayo, Assis, Njaine, 2011), uma vez que elas estão inseridas em uma sociedade androcêntrica, na qual as mulheres ocupam posições de subalternidade social (Fonseca, 2012).

Como aponta Bourdieu (2014, p.56), a visão androcêntrica está presente em toda a estrutura social e determina a incorporação do preconceito desfavorável contra o feminino, tanto por parte dos meninos quanto por parte das meninas, que podem aplicar "[...] categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim serem vistas como naturais" e empregando "[...] a toda a realidade, e, particularmente, às relações de poder em que se veem envolvidas, esquemas de pensamento que são produto da incorporação dessas relações de poder [...]" (Bourdieu, 2014, p.54).

Em estudo realizado por Minayo, Assis e Njaine (2011), adolescentes de ambos os sexos atribuíram aos homens maior poder e valor do que às mulheres. Desta maneira, percebe-se que a construção hegemônica de feminilidade, que tem como um de seus elementos centrais a subordinação das mulheres aos homens, determina que as adolescentes vivenciem com mais frequência do que os meninos a subordinação nas relações de intimidade (Fonseca, 2012; Minayo, Assis, Njaine, 2011).

De outra parte, a violência de gênero também atinge os meninos, que são pressionados a corresponderem à construção hegemônica de masculinidade, segundo a qual os homens precisam mostrar-se fortes e destemidos a todo o momento (Fonseca, 2008). Como aponta DaMatta (2010, p. 147-48) "Se os homens são superiores, a superioridade demanda coisas. Ela faz esperar gestos e sabedorias. Afinal, noblesse oblige. Uma delas é que o macho esteja sempre preparado para a fêmea, sem medo, inseguranças ou vacilos".

Os meninos que não correspondem a tais estereótipos de gênero podem ser desqualificados, tal como relatado por Minayo, Assis e Njaine (2011). Nesse estudo, os meninos também relataram não poderem expressar seus sentimentos em público, para que não fossem considerados efeminados, uma vez que a sensibilidade é associada ao feminino e a virilidade ao masculino.

Assim, as construções hegemônicas de masculinidade e feminilidade determinam a violência vivenciada e perpetrada por meninas e meninos (Fonseca, 2008). Porém, como aponta Meyer (1996), as relações de gênero não se restringem à subordinação-dominação, antes, é necessário compreendê-las como construções sociais relacionais, deslocando a análise da adolescente dominada versus o adolescente dominante para os

> [...] grupos e/ou sociedades localizadas e datadas em que mulheres e homens vivem e se relacionam de formas específicas e particulares. Além disso, a ideia de uma construção social remete, necessariamente, a uma articulação com outras categorias sociais como classe, raça/etnia, religião, etc. Porque nessa perspectiva teórica, gênero se constrói com e nelas. Lida-se aqui com a ideia de múltiplas dominações que se atravessam, reforçam ou fragilizam um poder mais plural, por isso menos centralizado. Mais ainda, visualiza-se o poder como sendo essencialmente relacional, como exercício entre, o que permite pensar a dominação de forma complexa e não mais estabelecida de forma exclusivamente unilateral, pelo pólo dominante sobre o dominado. (Meyer, 1996, p.43)

Portanto, a categoria violência de gênero foi utilizada em sua perspectiva relacional, a fim de compreender as múltiplas dominações que ocorrem nas relações de intimidade entre adolescentes e que atingem meninos e meninas.

3.1.4 A violência por parceiro íntimo na adolescência e a perspectiva de geração

Como mencionado anteriormente, o termo adolescência tem sido utilizado principalmente no campo da saúde, cuja visão predominante refere-se à dimensão biológica do conceito. No campo da sociologia, entretanto, o conceito de juventude adquire destaque na análise dos fenômenos que envolvem adolescentes e jovens; sendo a categoria geração um recorte fértil para a análise de tais fenômenos.

Assim, essa categoria tem sido utilizada nos estudos científicos tanto para abordar as desigualdades de poder existentes entre as gerações, quanto para se pensar nas gerações enquanto categorias estruturais (Qvortrup , 2010). Realizando uma análise histórica sobre o conceito de geração nas teorias sobre juventude, Feixa e Leccardi (2010) apontam que as raízes desse conceito encontram-se no século XIX, com os pensadores Comte e Dilthey. Fundamentado no positivismo, Augusto Comte definiu o conceito de geração de forma mecânica, estabelecendo um tempo quantitativo de, em média, 30 anos para que uma geração fosse substituída por outra mais nova na vida pública. Essa concepção de geração foi negada por Dilthey, que considerou que o elemento mais importante para a definição das gerações era a qualidade do vínculo que os indivíduos das gerações mantinham em conjunto. Deste modo, as gerações seriam definidas de acordo com o conjunto de experiências intelectuais, sociais e políticas, partilhadas pelas pessoas (Feixa, Leccardi, 2010).

A partir das teorias anteriores, Mannheim desenvolveu um conceito sociológico de geração, indicando que a data de nascimento não era suficiente para distinguir as gerações. Segundo Mannhein (Feixa, Leccardi, 2010, p.189-90), o que forma uma geração

> [...] é a parte do processo histórico que jovens da mesma idade-classe de fato compartilham [...] Há dois componentes centrais nesta partilha [...]: por um lado, a presença de eventos que quebram a continuidade histórica e demarcam o ‘antes’ e o ‘depois’ na vida coletiva; de outro, o fato que estas descontinuidades são experienciadas pelos membros de um grupo etário em uma conexão constitutiva particular, quando o processo de socialização não foi concluído, pelo menos no seu período crucial, e os esquemas utilizados para interpretar a realidade não são ainda totalmente rígidos ou – como coloca Mannheim – quando essas experiências históricas são ‘primeiras impressões’ ou ‘experiências juvenis’.

Assim, Mannheim contribuiu para a compreensão de que não é possível estabelecer padrões de tempo para prever o surgimento de uma nova geração sociológica, uma vez que é o processo de mudança histórico e social que determina o surgimento das mesmas (Feixa, Leccardi, 2010). Deste modo, a categoria geração envolve tanto continuidade como mudança, uma vez que é uma categoria permanente. A categoria geracional juventude, por exemplo,

continua existindo, embora os sujeitos que a ela pertencem estejam em um processo contínuo de preenchimento e esvaziamento da categoria (Qvortrup, 2010). Apesar dessa continuidade, é o processo de mudança histórico e social, como apontou Mannheim, que determina a transformação das características da juventude no transcorrer da história.

Entretanto, observa-se que, independentemente das mudanças que ocorrem nas categorias geracionais, as relações estabelecidas entre as gerações envolvem hierarquias e desigualdades (Castro, 1992). Na sociedade brasileira contemporânea, os adultos correspondem à categoria geracional que detém maior poder. Portanto, os adolescentes encontram-se em posição de subalternidade social em relação aos adultos, sendo essa subalternidade determinada pela categoria geração (Saffioti, 1997).

Com base em tais considerações, a violência por parceiro íntimo também é determinada pelas transformações sociais, culturais e históricas que ocorrem na adolescência, uma vez que tais mudanças determinam manifestações específicas de perpetração e vivência da violência nas relações de intimidade (Minayo, Assis, Njaine, 2011). Além disso, a perspectiva de geração permite compreender que a posição social dos adolescentes também pode constituir vulnerabilidade à violência, pois, considerando que trata-se de um lugar subalterno, os adolescentes - que estão inseridos em relações de poder desiguais com as gerações adultas - podem não receber o apoio necessário para superar a violência vivenciada, tanto em termos de escuta quanto de auxílio para enfrentar a violência (Wiklund et al., 2010; Foshee et al., 2012).

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.2.1 Caracterização do estudo

Este estudo é parte do projeto de pesquisa denominado "Violência nas relações de intimidade envolvendo adolescentes à luz de gênero e geração: estudo multicêntrico luso-hispano-brasileiro", financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq – Processo nº 447377/2014-0) e coordenado pela Profª Drª Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca, orientadora desta pesquisa.

Constitui um desdobramento do referido projeto, destinado a conhecer as características da violência nas relações de intimidade entre adolescentes brasileiros. Caracteriza-se como uma pesquisa descritiva e exploratória, de abordagem metodológica quantitativa, em que foi investigada a violência por parceiro íntimo na adolescência na perspectiva das categorias gênero, violência de gênero e geração.

De acordo com Gil (2011, p. 28), as pesquisas descritivas têm como objetivo principal "[...] a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre as variáveis". Quanto aos estudos exploratórios, para esse autor (Gil, 2011, p. 27), "[...] são aqueles que têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores."

3.2.2 Cenário

Inicialmente, a coleta de dados ocorreria em escolas públicas de Ensino Médio do município de Guarulhos, localizado na região metropolitana de São Paulo. Para tanto, o projeto de pesquisa foi submetido à Diretoria de Ensino Guarulhos Sul, a fim de obter autorização para realizar a pesquisa nas escolas; entretanto, a coleta de dados foi indeferida. À vista disto, foi realizada uma reunião com a diretora do Núcleo Pedagógico para esclarecer os aspectos apontados no parecer técnico e solicitar nova apreciação. Porém, a diretoria manteve seu posicionamento.

O projeto foi então submetido à Diretoria de Ensino Guarulhos Norte, que também indeferiu a coleta, emitindo um parecer muito semelhante ao elaborado pela Diretoria de Ensino Guarulhos Sul. Devido a esses acontecimentos, foi necessário buscar outro local para a realização da coleta de dados. Uma vez que o município de Curitiba também é cenário do estudo multicêntrico do qual faz parte esta pesquisa, foram realizados diversos contatos e identificada a possibilidade de coletar dados em uma escola pública do município de Curitiba, que oferece cursos de Ensino Técnico e de Ensino Superior.

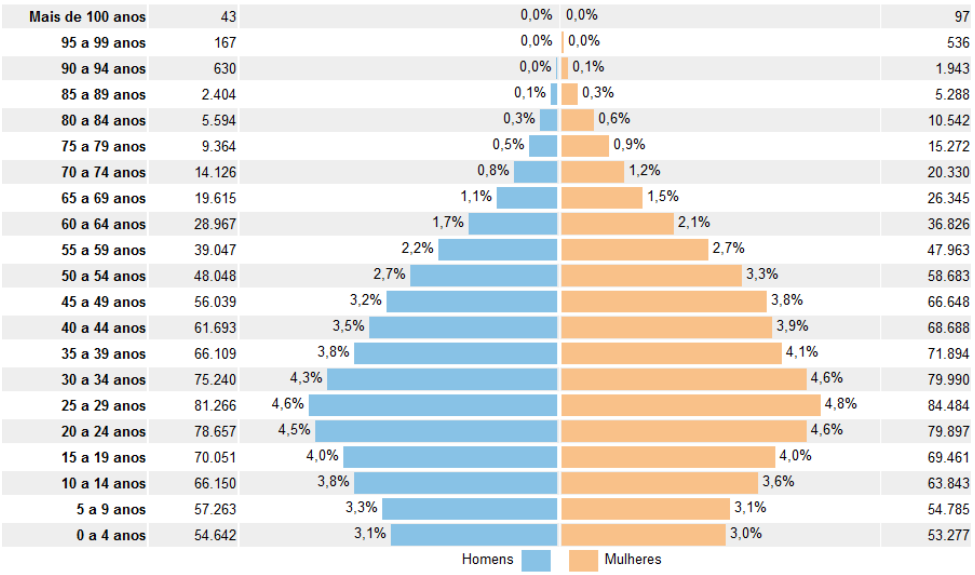
O município de Curitiba é a capital do estado do Paraná, localizado na região Sul do Brasil. Possui área de 435,495 km^2 (IPARDES, 2015) e região metropolitana composta por 29 municípios (IPPUC, 2011) (Figura 1).

Figura 1 – Mapa da Região Metropolitana de Curitiba (2012)

Fonte: IPPUC (2012)

Com população de 1.751.907 habitantes (IPARDES, 2013), o município de Curitiba possui população predominantemente adulta jovem e adulta, como pode ser observado na pirâmide etária da população do município (Figura 2). Nessa, observa-se que em 2010, a faixa etária dos 15 aos 19 anos correspondia a 8% da população, ou seja, a 139.512 pessoas.

Figura 2 – Pirâmide etária do município de Curitiba (2010)



Fonte: IBGE (2010).

Dentre os habitantes do município, 835.115 são do sexo masculino e 916.792 do sexo feminino (IPARDES, 2013). Quanto à cor ou raça, 78,88% da população se auto declara branca, 16,79%, parda, 2,85%, preta, 1,32, amarela e 0,15, indígena (IPPUC, 2012).

3.2.3 Amostra

Este estudo utilizou amostragem por conveniência, tendo participado adolescentes que atenderam aos seguintes critérios de inclusão: ser estudante da escola selecionada, ter idade de 15 a 19 anos e ter ficado ou namorado, independentemente do tempo de duração da relação.

A idade de 15 a 19 anos foi estabelecida como critério de inclusão por ser nessa faixa etária que a maioria dos adolescentes está envolvida em relações de intimidade (Minayo, Assis, Njaine, 2011).

3.2.4 Coleta de dados

De acordo com o relatório da OMS (2012) e com a revisão da literatura elaborada por Hickman, Jaycox e Aronoff (2004), o método de coleta de dados pode influenciar o relato da violência vivenciada pelos adolescentes. Por isso, optou-se por coletar os dados por meio de

instrumento anônimo e autoaplicável, favorecendo assim o relato das situações de violência sem a necessidade de que o adolescente fosse identificado pela pesquisadora, o que poderia inibir os participantes.

O instrumento utilizado (Apêndice A) foi composto pela escala CADRI (*Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory*), criada por Wolfe et al. (2001) e adaptada e validada para o português por Minayo, Assis e Njaine (2011), por questões fechadas, referentes às características dos participantes, aos tipos de relações de intimidade estabelecidas por eles e aos conhecimentos sobre a violência por parceiro íntimo na adolescência, estas últimas criadas e validadas por Dixe e Fabião (2013).

A CADRI (Wolfe et al., 2001) corresponde às questões 1a a 35b do instrumento (Apêndice A) e é uma escala que afere a relação de intimidade atual ou a última existente quanto à vitimização e perpetração de violência física, violência sexual e violência psicológica. A violência psicológica foi subdividida em três itens: violência verbal/emocional, ameaças e violência relacional, que diz respeito a espalhar boatos sobre o parceiro ou parceira, tentar virar os amigos contra ele ou ela e dizer coisas para interromper as amizades do parceiro ou parceira (Wolfe et al., 2001). Tal subdivisão constitui um diferencial da escala em relação a outros instrumentos utilizados para aferir a violência por parceiro íntimo na adolescência. Como demonstra a literatura científica (Jezl, Molidor, Wright, 1996; Fernández-Fuertes, Fuertes, Pulido, 2006; Wolfe et al., 2001), a violência psicológica tem sido relatada como a mais prevalente nas relações entre adolescentes, sendo a subdivisão um recurso importante para aprofundar a análise do fenômeno, captando assim as suas variadas expressões.

Composta por 70 questões, a escala CADRI contém 25 itens que se referem à violência sofrida, 25 à violência perpetrada e 20 itens têm por objetivo distrair o adolescente da ênfase no tema da violência, não sendo, portanto, utilizados na análise dos dados (Wolfe et al., 2001). Para cada questão, são oferecidas as seguintes possibilidades de resposta: “nunca”, “raramente”, “às vezes” e “sempre”, sendo atribuídas diferentes pontuações para cada uma das opções de respostas. A opção “nunca” indica que a violência nunca aconteceu na relação, e possui pontuação igual a zero. A opção “raramente” refere-se à violência que ocorreu 1 ou 2 vezes e pontuação igual a 1. A opção “às vezes” corresponde à violência que aconteceu entre 3 e 5 vezes e pontuação igual a 2. A opção “sempre” significa que a violência ocorreu 6 ou mais vezes e possui pontuação igual a 3 (Wolfe et al., 2001).

A adaptação da CADRI realizada por Minayo, Assis e Njaine (2011) demonstrou equivalência semântica em relação ao original em inglês (Wolfe et al., 2001), uma vez que a

maioria dos itens foi considerada inalterada em seu significado geral e apresentou índices superiores a 80% no significado referencial (Minayo, Assis, Njaine, 2011).

Também foi demonstrada a equivalência de mensuração da escala em português (Minayo, Assis, Njaine, 2011), sendo essa equivalência avaliada por meio da confiabilidade intraobservador, com aplicação do teste-reteste com intervalo de 14 dias entre as aplicações, e do *alpha* de Cronbach. A confiabilidade intraobservador foi analisada por meio do Coeficiente de Correlação Intraclasse (ICC) e pelo percentual de concordância das respostas no teste e reteste . Os índices de correlação intraclasse (ICC) indicaram estabilidade teste-reteste satisfatória, uma vez que apresentaram valores acima de 0,4. Quanto aos percentuais de concordância em relação às violências sofridas e perpetradas, verificou-se que a maioria dos itens apresentou altos percentuais (80-90%). A análise do alpha de Cronbach revelou boa consistência interna para a maioria das violências. Assim, o coeficiente para as subescalas de violência sofrida foi de 0,878 e para as subescalas de violência perpetrada foi de 0,887 (Minayo, Assis, Njaine, 2011).

As questões fechadas referentes aos conhecimentos sobre a violência por parceiro íntimo na adolescência contemplaram 47 proposições, elaboradas e validadas por Dixe e Fabião (2013), com alternativa de resposta verdadeira ou falsa. As proposições consideradas falsas são: 1, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 33, 34, 35, 36, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45 e 46, sendo as demais consideradas verdadeiras. Foi atribuída às respostas corretas pontuação igual a 1 e para as respostas incorretas foi atribuída pontuação igual a 0, sendo o escore máximo de conhecimentos igual a 47 pontos.

Foi realizado pré-teste do instrumento com 10 participantes com características semelhantes às da amostra estudada, não sendo verificada necessidade de alteração no instrumento. Vale destacar que os instrumentos utilizados no pré-teste não foram contabilizados nos resultados.

Cerca de 40% dos instrumentos foram aplicados em sala durante o período de aula, porém, no ensino superior, devido à dificuldade de conseguir horários livres para a aplicação, foi necessário entregar os instrumentos para que os adolescentes o preenchessem em momento oportuno e recolhê-los posteriormente.

3.2.5 Procedimentos éticos

A pesquisa atendeu aos requisitos propostos pela resolução 466/2012 (Conselho Nacional de Saúde, 2012) do Conselho Nacional de Saúde. O projeto de pesquisa foi

submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (CAAE 45573015.4.0000.5392), conforme pode ser verificado no Anexo 1.

Devido à necessidade de realizar a coleta de dados no município de Curitiba, foi realizada uma emenda solicitando ao Comitê de Ética a inclusão desse município como cenário do estudo, a qual foi aprovada pelo Comitê (Anexo 2). Também foi solicitada à diretoria da escola selecionada a permissão para a realização da pesquisa (Apêndice B).

Os adolescentes menores de 18 anos somente puderam participar do estudo com a autorização do responsável legal, mediante assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice C). Também foi solicitada a esses adolescentes a assinatura do termo de assentimento livre e esclarecido (Apêndice D), que se refere ao consentimento do adolescente em relação à participação no estudo. Para os adolescentes maiores de 18 anos, foi solicitada a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido específico para esses participantes (Apêndice E).

A fim de encaminhar os adolescentes que relatassem agressões, foi realizado contato com uma unidade de saúde pública que possuía estrutura física e equipe capacitada para o atendimento dos participantes, entretanto, nenhum adolescente solicitou algum tipo de suporte profissional.

3.2.6 Análise dos dados

Os dados foram tabulados e analisados com o auxílio do software SPSS® (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 22. A fim de validar os dados, foi realizada a dupla digitação por pesquisadoras independentes e, posteriormente, procedeu-se à análise estatística descritiva e inferencial. Todos os resultados apresentados neste estudo foram calculados considerando apenas os casos válidos, ou seja, os campos que estavam preenchidos no banco de dados. Não foram contados os campos em branco.

Os dados foram descritos por frequências absolutas e relativas, sendo apresentadas medidas-resumo numéricas, como a média, mediana, desvio padrão, valor mínimo e máximo. Também foram utilizadas técnicas de estatística inferencial para verificar a associação entre variáveis. Para avaliar a associação da variável sexo do adolescente com variáveis categóricas foram utilizados o teste de Qui-quadrado ou o teste exato de Fisher. A associação do sexo ou da vivência e perpetração de violências com variáveis numéricas foi verificada por meio do

teste t ou do teste Wilcoxon-Mann-Whitney. Para verificar a correlação entre as escalas do CADRI, foi utilizado o coeficiente de correlação de Spearman.

As variáveis foram analisadas com base nas categorias de análise gênero, violência de gênero e geração. Assim, a categoria gênero permitiu a compreensão da violência por parceiro íntimo na adolescência na perspectiva das relações de poder estabelecidas entre os sexos e determinadas pela construção histórica e social das feminilidades e masculinidades. A categoria violência de gênero possibilitou a compreensão das relações de dominação determinadas pela desigualdade de poder existente entre os sexos, em geral, hegemonicamente situada no polo masculino. A categoria geração permitiu a compreensão de que as transformações históricas e sociais determinam a violência vivenciada e perpetrada nas relações de intimidade entre adolescentes. Além disso, a categoria geração permitiu a compreensão de que a desigualdade de poder entre as gerações também pode determinar maior vulnerabilidade dos adolescentes à violência por parceiro íntimo.

As variáveis referentes à violência sofrida e perpetrada foram constituídas pela soma dos escores dos itens do CADRI para cada tipo de violência. Deste modo, quando o escore da soma dos itens foi zero, foi considerado que não ocorreu violência na relação. Quando a soma dos escores foi maior ou igual a 1, foi considerado que ocorreu violência na relação.

4 RESULTADOS

4 RESULTADOS

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Participaram do estudo 111 adolescentes, 69 do sexo feminino (62,2%) e 42 do sexo masculino (37,8%). A média de idade dos participantes foi igual a 18,2 anos (dp=1,0).

Quanto à nacionalidade, 110 adolescentes eram brasileiros (99,1%) e um era japonês (0,9%). A maioria se autodeclarou branca ou parda e procedente do município de Curitiba, cuja população é predominantemente branca (IPPUC, 2012). Apenas 1 (0,9%) adolescente vivia na zona rural, os demais (n= 110; 99,1%) declararam viverem na zona urbana. Em relação à religião, a maioria dos participantes era católica ou não tinha religião.

A maioria dos adolescentes vivia com o pai e a mãe. A média do número de pessoas que viviam na mesma casa que o adolescente foi de 3,8 pessoas (dp= 1,2; Med= 4), valor mínimo 1 pessoa e o valor máximo 6 pessoas. Em relação ao número de cômodos, a média foi de 7,9 (dp= 3,0; Med= 7,5), valor mínimo 2 e valor máximo 18 cômodos. Assim, a média do número de cômodos por pessoa foi igual a 2,3 (dp= 0,9; Med= 2) e os valores mínimo e máximo, respectivamente, foram iguais a 0,60 e 5 cômodos por pessoa. Na tabela 1 são apresentadas as frequências absolutas e relativas das variáveis que permitiram caracterizar a amostra estudada.

Tabela 1 – Caracterização da amostra, segundo características sociodemográficas. Curitiba, 2015.

(continua)

Variáveis	n	%
Idade		
15	4	3,6
16	4	3,6
17	9	8,1
18	38	34,2
19	**56**	**50,5**

(continuação)

Variáveis	n	%
Cor da pele		
Branca	89	80,2
Parda	14	12,6
Preta	5	4,5
Amarela/indígena	3	2,7
Procedência		
Curitiba	99	89,2
Região metropolitana de Curitiba	10	9
Outros	2	1,8
Religião		
Católica	46	41,8
Não tenho religião	38	34,5
Evangélica	15	13,6
Protestante	3	2,7
Espírita	5	4,5
Outras	3	2,7
Vive com		
Pai e mãe	70	63,1
Mãe	24	21,6
Nenhum dos pais	12	10,8
Pai	5	4,5
Trabalha		
Não	68	61,3
Sim, recebendo remuneração	40	36
Sim, mas não recebe remuneração	3	2,7

(conclusão)

A maioria dos participantes do estudo não trabalhava, porém, entre os que trabalhavam, 14 (32,6%) realizavam estágio ou trabalhavam em empregos relacionados aos cursos nos quais estavam matriculados. Os demais participantes trabalhavam em outras áreas não relacionadas aos cursos (n= 17; 39,5%) ou não responderam à questão (n= 12; 27,9%). Entre os participantes que recebiam remuneração, a média foi de R$ 923,86 (dp= 435,27; Med= 874), valor mínimo R$ 150,00 e valor máximo R$ 2500,00.

Em relação à escolaridade do pai ou responsável do sexo masculino, a média de anos de estudo foi de 12 anos (dp= 3,3; Med= 11) valor mínimo 4 e valor máximo 15. A média da escolaridade da mãe ou responsável do sexo feminino foi de 12,3 anos de estudo (dp= 2,9; Med= 11) valor mínimo 4 e valor máximo 15.

4.2 CARACTERIZAÇÃO DOS TIPOS DE RELAÇÕES DE INTIMIDADE ESTABELECIDAS PELOS PARTICIPANTES

As relações de intimidade estabelecidas pelos participantes foram predominantemente heterossexuais, conforme pode ser observado na tabela 2. A média da idade em que os adolescentes começaram a “ficar” ou a namorar foi de 13,7 anos (dp= 1,8; Med= 13), valor mínimo 10 anos e valor máximo 19 anos.

As médias da idade de início do namoro foram semelhantes tanto para os meninos quanto para as meninas, que apresentaram, respectivamente, média de 13,8 anos (dp= 2,1; Med= 13), valor mínimo 10 e máximo 19; e média de 13,6 anos (dp= 1,6; Med= 13), valor mínimo 10 e máximo 17 (p= 0,885, teste Wilcoxon-Mann-Whitney).

A média do número de pessoas com as quais os participantes “ficaram” ou namoraram apresentou maior variabilidade, sendo igual a 10 pessoas (dp= 11; Med= 5), valor mínimo 1 e valor máximo 50 pessoas. A média dos meninos foi igual a 9,2 pessoas (dp= 12; Med=4), valor mínimo 1 e valor máximo 50 e a média das meninas foi igual a 10,4 pessoas (dp= 10,4; Med= 6), valor mínimo 1 e valor máximo 45 (p= 0,288, teste Wilcoxon-Mann-Whitney).

A maioria dos participantes já haviam tido relação sexual. A média de idade da primeira relação sexual foi de 16,4 anos (dp= 1,4; Med= 16), valor mínimo 14 e valor máximo 19 anos. A média de idade da primeira relação sexual dos meninos foi igual a 16,2 anos (dp= 1,5) e a média das meninas foi igual a 16,5 anos (dp= 1,4). Ambos os sexos apresentaram mediana igual a 16 anos, valor mínimo 14 e valor máximo 19 (p= 0,535, teste Wilcoxon-Mann-Whitney).

Em relação ao número de pessoas com as quais os adolescentes tiveram relação sexual, a média foi de 3 pessoas (dp= 4; Med= 2), valor mínimo 1 e valor máximo 25. A média das meninas foi de 2,4 pessoas (dp= 1,8; Med= 2) valor mínimo 1 e valor máximo 8 e a média dos meninos foi igual a 4,6 pessoas (dp= 6,3; Med= 3) valor mínimo 1 e valor máximo 25 (p= 0,143, teste Wilcoxon-Mann-Whitney). A maioria dos adolescentes afirmou que tinha relações sexuais apenas com um (a) parceiro (a) fixo (a) e do sexo oposto.

Tabela 2 – Características das relações de intimidade estabelecidas pelos participantes. Curitiba, 2015.

(continua)

Variáveis	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		*p*
	n	%	n	%	n	%	
Já "ficou" ou namorou com pessoa[1]							0,006*
De sexo diferente	46	66,7	38	90,5	84	75,7	
Do mesmo sexo e de sexo diferente	21	30,4	3	7,1	24	21,6	
Do mesmo sexo	2	2,9	1	2,4	3	2,7	
Teve relação sexual[2]							0,020*
Sim	49	74,2	22	52,4	71	65,7	
Não	17	25,8	20	47,6	37	34,3	
Atualmente tem relação sexual com[1]							0,002*
Apenas com um parceiro (a) fixo (a)	43	**87,8**	11	50	54	76,1	

(continuação)

Variáveis	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		*p*
	n	**%**	**n**	**%**	**n**	**%**	
Com parceiros não fixos	3	6,1	8	36,4	11	15,5	
Com um parceiro (a) fixo e com parceiros não fixos	3	6,1	3	13,6	6	8,5	
Teve relação sexual com pessoas[1]							0,730
Do sexo oposto	37	75,5	19	86,4	56	78,9	
Do mesmo sexo	6	12,2	2	9,1	8	11,3	
Ambos	6	12,2	1	4,5	7	9,9	

(conclusão)

1. Teste exato de Fisher
2. Teste de Qui-quadrado

***** Diferença estatisticamente significativa (p<0,05)

Durante o preenchimento do instrumento foi solicitado aos participantes que selecionassem uma pessoa com a qual tivessem "ficado" ou namorado e que respondessem algumas questões sobre esta pessoa (tabela 3).

A maioria dos participantes escolheu responder sobre a pessoa com quem estavam namorando ou "ficando" no momento da pesquisa (45,9%; n= 50) ou com quem haviam ficado ou namorado há menos de um ano (31,2%; n= 34). Nenhum participante respondeu sobre alguém de quem foi noivo ou casado.

Em relação à idade do parceiro selecionado, houve predomínio de parceiros mais velhos que os participantes e foi encontrada associação estatisticamente significativa entre a idade do parceiro e o sexo do adolescente. Observou-se que a maioria dos parceiros selecionados era do sexo oposto, revelando assim o predomínio de relações heterossexuais. Quando

questionados quanto à frequência de discussões ou brigas com os parceiros, a maioria dos adolescentes relatou discutir ou brigar poucas vezes ou nunca.

Tabela 3 – Características das pessoas selecionadas pelos participantes. Curitiba, 2015.

(continua)

Variáveis	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		*p*
	n	%	n	%	n	%	
Pessoa em quem está pensando[1]							0,183
Em alguém que estou namorando ou "ficando" atualmente	35	52,2	15	35,7	50	45,9	
Na última pessoa com quem namorei ou "fiquei" há menos de um ano	17	25,4	17	40,5	34	31,2	
Na última pessoa com quem namorei ou "fiquei" há mais de um ano	13	19,4	10	23,8	23	21,1	
Em alguém de quem estou noivo ou casado atualmente	2	**3**	0	0	2	1,8	

(continuação)

Variáveis	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		*p*
	n	**%**	**n**	**%**	**n**	**%**	
Idade da pessoa escolhida[2]							<0,001*
Ela é ou era mais velha que você	40	58,8	8	19	48	43,6	
Ela tem ou tinha a mesma idade que você	25	36,8	17	40,5	42	38,2	
Ela é ou era mais nova que você	3	4,4	17	40,5	20	18,2	
Sexo da pessoa escolhida[1]							0,525
Tem sexo diferente do seu	59	88,1	39	92,9	98	89,9	
Tem o mesmo sexo que você	8	11,9	3	7,1	11	10,1	
Frequência de discussão/brigas[1]							0,005*
Poucas vezes	41	61,2	15	35,7	56	51,4	
Nunca	9	13,4	18	42,9	27	24,8	
Muitas vezes	14	20,9	8	19	22	20,2	
Sempre	3	4,5	1	2,4	4	3,7	

(conclusão)

1. Teste exato de Fisher
2. Teste de Qui-quadrado

***** Diferença estatisticamente significativa (p<0,05)

Quanto ao tempo de duração da relação, a média foi de 55,3 semanas (dp= 53,6; Med= 36), valor mínimo 0,1 e valor máximo 192. Foi encontrada associação estatisticamente significativa entre o sexo do adolescente e o tempo de duração da relação. Entre as meninas a média de duração da relação foi de 69 semanas (dp= 57,1; Med= 48), valor mínimo 1 e valor máximo 192 e entre os meninos a média foi de 31,3 semanas (dp= 36,8; Med= 20), valor mínimo 0,1 e valor máximo 144 (p< 0,001, teste Wilcoxon-Mann-Whitney).

A média de idade dos participantes no início da relação com a pessoa selecionada foi de 16,5 anos (dp= 1,9; Med= 17), valor mínino 9 e valor máximo 19. A média de idade das meninas no início da relação foi de 16,5 anos (dp= 1,7; Med= 17), valor mínimo 12 e valor máximo 19. Os meninos apresentaram média de 16,5 anos (dp= 2,1; Med= 17), valor mínimo 9 e valor máximo 19 (p= 0,684, teste Wilcoxon-Mann-Whitney).

Quando questionados sobre terem sido vítimas ou agressores da pessoa selecionada, a natureza de violência mais relatada pelos participantes foi a violência psicológica (tabela 4).

Tabela 4 – Frequências das violências sofridas e perpetradas na relação com a pessoa selecionada. Curitiba, 2015.

(continua)

Variáveis	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		*p*
	n	%	n	%	n	%	
Foram vítimas de violência física[1]	2	3	2	4,8	4	3,7	0,641
Foram agressores de violência física[1]	4	6,1	1	2,4	5	4,6	0,647
Foram vítimas de violência psicológica[2]	21	30,9	8	19	29	26,4	0,171

(continuação)

Variáveis	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		*p*
	n	%	n	%	n	%	
Foram agressores de violência psicológica[2]	14	21,2	6	14,3	20	18,5	0,366
Foram vítimas de violência sexual[1]	5	7,5	2	4,8	7	6,4	0,705
Foram agressores de violência sexual[1]	0	0	1	2,4	1	0,9	0,389

(conclusão)

1. Teste exato de Fisher
2. Teste de Qui-quadrado

4.3 CARACTERIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO NA ADOLESCÊNCIA

Dos 111 participantes do estudo, 91% (n= 101) relataram perpetrar no mínimo uma das naturezas de violência mensuradas nesse estudo e 90,1% (n= 100) afirmaram terem sofrido pelo menos uma das naturezas de violência.

Quando consideradas as frequências absoluta e relativa de perpetração de violência segundo o sexo do adolescente, 95,7% (n= 66) das meninas e 83,3% (n= 35) dos meninos afirmaram ter perpetrado no mínimo uma das naturezas de violência. Em relação à violência vivenciada, 94,2% (n= 65) das meninas e 83,3% (n= 35) dos meninos afirmaram ter sofrido no mínimo uma das naturezas de violência. As frequências absolutas e relativas por subescala do CADRI são apresentadas na tabela 5.

Nessa, observa-se que a violência verbal/emocional apresentou as maiores frequências de perpetração e vitimização. Destacam-se também os elevados percentuais de violência sexual sofrida e perpetrada e de ameaças sofridas e perpetradas. Em seguida, as violências relacional sofrida e física perpetrada foram referidas por 22,5% (n= 25) dos participantes. A violência física sofrida e a violência relacional perpetrada foram as menos relatadas pelos adolescentes.

Tabela 5 - Frequências de perpetração e vitimização por subescala do CADRI. Curitiba, 2015.

(continua)

Variáveis	Sexo feminino		Sexo masculino		Total	
	n	%	n	%	n	%
Violência sexual perpetrada	15	21,7	16	38,1	31	27,9
Violência sexual sofrida	23	33,3	13	31	36	32,4
Violência física Perpetrada	21	30,4	4	9,5	25	22,5
Violência física sofrida	11	15,9	9	21,4	20	18
Violência verbal/emocional Perpetrada	66	95,7	34	81	100	90,1
Violência verbal/emocional sofrida	64	92,8	35	83,3	99	89,2
Violência relacional perpetrada	5	7,2	4	9,5	9	8,1
Violência relacional sofrida	15	21,7	10	23,8	25	22,5

(continuação)

Variáveis	Sexo feminino		Sexo masculino		Total	
	n	%	n	%	n	%
Ameaças perpetradas	20	29	4	9,5	24	21,6
Ameaças sofridas	21	30,4	7	16,7	28	25,2
Comportamentos abusivos perpetrados	66	95,7	35	83,3	101	91
Comportamentos abusivos sofridos	65	94,2	35	83,3	100	90,1

(conclusão)

Na tabela 6 são apresentados os escores obtidos no CADRI por subescala de perpetração e de vitimização. Foi encontrada associação estatisticamente significativa entre o sexo dos adolescentes e as variáveis violência sexual perpetrada, violência física perpetrada, violência verbal/emocional perpetrada, ameaças perpetradas e comportamentos abusivos perpetrados.

Assim, os meninos obtiveram escore médio de 0,7 na subescala de violência sexual perpetrada, enquanto o escore médio das adolescentes foi de 0,4 (p= 0,053). Entretanto, quando considerados os escores médios das subescalas de violência física perpetrada, violência verbal/emocional perpetrada, ameaças perpetradas e comportamentos abusivos perpetrados observa-se que as médias das meninas foram superiores às médias dos meninos.

Desta maneira, na subescala violência física perpetrada o escore médio das meninas foi igual a 0,8 e o dos meninos foi igual a 0,2 (p= 0,009). Em relação à violência verbal/emocional perpetrada, o escore médio das meninas foi igual a 9,3, enquanto o dos meninos foi igual a 5,9 (p= 0,002). Quando consideradas as ameaças perpetradas, as meninas apresentaram escore médio de 0,7 e os meninos de 0,1 (p= 0,012). Semelhantemente, em relação aos comportamentos abusivos perpetrados, as meninas apresentaram escore médio de 11,3 e os meninos de 7,2 (p= 0,003).

Tabela 6 – Estatística descritiva dos escores do CADRI por subescala. Curitiba, 2015.

(continua)

Variáveis	Média	Mediana	Desvio Padrão	Valor mínimo	Valor máximo	*p*[*]
Violência sexual perpetrada	0,5	0	1	0	6	0,053[A]
Sexo feminino	0,4	0	0,9	0	6	
Sexo masculino	0,7	0	1,1	0	4	
Violência sexual sofrida	0,8	0	1,9	0	12	0,800
Sexo feminino	0,9	0	2,2	0	12	
Sexo masculino	0,6	0	1	0	4	
Violência física perpetrada	0,5	0	1,3	0	8	0,009[**]
Sexo feminino	0,8	0	1,5	0	8	
Sexo masculino	0,2	0	0,7	0	4	
Violência física sofrida	0,5	0	1,5	0	10	0,440
Sexo feminino	0,5	0	1,8	0	10	
Sexo masculino	0,5	0	1,1	0	4	
Violência verbal/emocional perpetrada	8	7	6,1	0	27	0,002[**]
Sexo feminino	9,3	9	6,1	0	27	
Sexo masculino	5,9	4,5	5,6	0	19	
Violência verbal/emocional sofrida	8,2	6	6,6	0	28	0,104
Sexo feminino	8,9	8	6,5	0	28	
Sexo masculino	7,1	6	6,7	0	23	

(continuação)

Variáveis	Média	Mediana	Desvio Padrão	Valor mínimo	Valor máximo	*p* *
Violência relacional perpetrada	0,2	0	0,9	0	8	0,598
Sexo feminino	0,1	0	0,4	0	2	
Sexo masculino	0,4	0	1,4	0	8	
Violência relacional sofrida	0,5	0	1,3	0	8	0,963
Sexo feminino	0,5	0	1,4	0	8	
Sexo masculino	0,5	0	1,3	0	8	
Ameaças perpetradas	0,5	0	1,2	0	6	0,012**
Sexo feminino	0,7	0	1,4	0	6	
Sexo masculino	0,1	0	0,5	0	3	
Ameaças sofridas	0,7	0	1,8	0	12	0,091
Sexo feminino	0,9	0	2	0	12	
Sexo masculino	0,4	0	1,4	0	8	
Comportamentos abusivos perpetrados	9,8	8	8	0	31	0,003**
Sexo feminino	11,3	9	8,1	0	31	
Sexo masculino	7,2	5	7,2	0	28	
Comportamentos abusivos sofridos	10,7	7	10,9	0	64	0,136
Sexo feminino	11,7	8	11,8	0	64	
Sexo masculino	9,1	6	9,3	0	38	

(conclusão)

*Teste Wilcoxon-Mann-Whitney

A: valor marginal (p= 0,05)

**Diferença estatisticamente significativa (p<0,05)

Com o objetivo de aprofundar a análise da violência por parceiro íntimo na adolescência, as tabelas 7 a 16 apresentam as frequências absoluta e relativa dos itens do

CADRI. Em relação à violência sexual perpetrada e sofrida (tabelas 7 e 8), observa-se que o item 19, beijar o(a) parceiro(a) quando ele(a) não queria, foi o mais relatado pelos adolescentes, seguido do item 2, tocar sexualmente o(a) parceiro(a) quando ele/ela não queria. Os itens 13, forçar o parceiro(a) a fazer sexo quando ele/ela não queria, e 15, ameaçar o(a) parceiro(a) numa tentativa de fazer sexo com ele/ela, foram os menos relatados pelos participantes.

Embora não tenha sido encontrada associação estatisticamente significativa entre o sexo do adolescente e os itens de violência sexual perpetrada e sofrida, percebe-se que as frequências de todos os itens de violência sexual perpetrada (tabela 7) foram maiores entre os adolescentes do sexo masculino, enquanto as frequências de violência sexual sofrida (tabela 8) foram maiores entre as adolescentes do sexo feminino.

Tabela 7 – Estatística descritiva dos itens da subescala de violência sexual perpetrada do CADRI. Curitiba, 2015.

Itens de violência sexual perpetrada	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		*p**
	n	%	n	%	n	%	
2.a. Eu o/a toquei sexualmente quando ele/ela não queria	4	5,8	6	14,3	10	9	0,149
13.a. Eu forcei ele (a) a fazer sexo quando ele/ela não queria	1	1,4	1	2,4	2	1,8	1,000
15.a. Eu ameacei ele/ela numa tentativa de fazer sexo com ele/ela	0	0	2	4,8	2	1,8	0,141
19.a. Eu beijei ele/ela quando ele/ela não queria	12	17,4	11	26,2	23	20,7	0,580

*Teste exato de Fisher

Tabela 8 – Estatística descritiva dos itens da subescala de violência sexual sofrida do CADRI. Curitiba, 2015.

Itens de violência sexual sofrida	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		*p**
	n	%	n	%	n	%	
2.b. Ele/Ela me tocou sexualmente quando eu não queria	11	15,8	5	11,9	16	14,4	0,276
13.b. Ele/ela me forçou a fazer sexo quando eu não queria	6	8,6	2	4,8	8	7,2	0,896
15.b. Ele/Ela me ameaçou numa tentativa de fazer sexo comigo	2	2,8	1	2,4	3	2,7	1,000
19.b. Ele/Ela me beijou quando eu não queria que ele/ela o fizesse	17	24,6	10	23,8	27	24,3	0,086

*Teste exato de Fisher

Jogar algo no(a) parceiro(a) foi o item mais relatado pelos participantes na subescala de violência física perpetrada (tabela 9), seguido do item 34.a, empurrar ou sacudir o(a) parceiro(a), e 30.a, dar um tapa ou puxar o cabelo do(a) parceiro(a). O item 25.a, bater, chutar ou dar um soco no(a) parceiro(a) foi o menos relatado pelos participantes.

Encontrou-se associação estatisticamente significativa entre o sexo do adolescente e os itens 25.a, bater, chutar ou dar um soco no(a) parceiro(a), e 30.a, dar um tapa ou puxar o cabelo do(a) parceiro(a), sendo que observado que as meninas apresentaram as maiores frequências de perpetração dessas violências, p = 0,035 e 0,008, respectivamente.

Tabela 9 – Estatística descritiva dos itens da subescala de violência física perpetrada do CADRI. Curitiba, 2015.

Itens de violência física perpetrada	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		*p*[*]
	n	%	n	%	n	%	
8.a. Eu joguei algo nele/nela	12	17,3	2	4,8	14	12,6	0,145
25.a. Eu bati, chutei ou dei um soco nele(a)	9	13,2	0	0	9	8,2	0,035[**]
30.a. Eu dei um tapa nele/nela ou puxei o cabelo dele(a)	11	15,9	1	2,4	12	10,8	0,008[**]
34.a. Eu empurrei ou sacudi ele/ela	10	14,4	3	7,1	13	11,7	0,817

*Teste exato de Fisher

**Diferença estatisticamente significativa (p<0,05)

Em relação à subescala de violência física sofrida (tabela 10), o item 30.b, ele/ela me deu um tapa ou puxou o meu cabelo, apresentou maior frequência, seguido do item 34.b, ele/ela me empurrou ou sacudiu, e 8.b, ele/ela jogou algo em mim. O item 25.b, ele/ela me bateu, chutou ou deu um soco, apresentou menor frequência.

Tabela 10 – Estatística descritiva dos itens da subescala de violência física sofrida do CADRI. Curitiba, 2015.

Itens de violência física sofrida	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		*p**
	n	%	n	%	n	%	
8.b. Ele/Ela jogou algo em mim	4	5,8	5	11,9	9	8,1	0,255
25.b. Ele/Ela me bateu, chutou ou deu um soco	4	5,8	3	7,2	7	6,3	0,891
30.b. Ele/Ela me deu um tapa ou puxou o meu cabelo	6	8,7	6	14,3	12	10,8	0,128
34.b. Ele/Ela me empurrou ou me sacudiu	7	10,1	4	9,5	11	9,9	0,870

*Teste exato de Fisher

Em relação às subescalas de violência verbal/emocional perpetrada e sofrida (tabelas 11 e 12), o item que apresentou maior frequência foi o 24, culpar o(a) parceiro(a) pelo problema, seguido do item 7, mencionar algo de ruim que o(a) parceiro(a) fez no passado e 4, fazer algo para provocar ciúmes no(a) parceiro(a). O item com menor frequência foi o 21, ridicularizar ou caçoar do(a) parceiro(a) na frente dos outros.

Quando consideradas as frequências dos itens de acordo com o sexo dos adolescentes, observou-se que as meninas apresentaram maiores frequências do que os meninos, com exceção do item 21, ridicularizar ou caçoar do(a) parceiro(a) na frente dos outros. Entretanto, foi encontrada associação estatisticamente significativa apenas nos seguintes itens de violência verbal/emocional perpetrada: 7.a, mencionar algo de ruim que o(a) parceiro(a) fez no passado (p= 0,002), 9.a, dizer coisas somente para deixar o(a) parceiro(a) com raiva (p= 0,016), 12.a, falar com o(a) parceiro(a) em um tom de voz hostil ou maldoso (p= 0,001), e 24.a, culpar o(a) parceiro(a) pelo problema (p= 0,026).

Tabela 11 – Estatística descritiva dos itens da subescala de violência verbal/emocional perpetrada do CADRI. Curitiba, 2015.

(continua)

Itens de violência verbal/emocional perpetrada	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		*p*
	n	%	n	%	n	%	
4.a. Eu fiz algo para provocar ciúmes nele/nela[1]	46	66,6	24	57,2	70	63	0,538
7.a. Eu mencionei algo de ruim que ele/ela fez no passado[2]	55	79,7	23	54,8	78	70,2	0,002*
9.a. Eu disse coisas somente para deixá-lo (a) com raiva[2]	43	62,2	13	30,9	56	50,4	0,016*
12.a. Eu falei com ele/ela em um tom de voz hostil ou maldoso[1]	51	73,9	15	35,7	66	59,4	0,001*
17.a. Eu insultei ele/ela com depreciações[1]	26	37,6	9	21,4	35	31,5	0,339
21.a. Eu ridicularizei ou caçoei ele/ela na frente dos outros[1]	12	17,4	10	23,8	22	19,8	0,558
23.a. Eu vigiava com quem e onde ele/ela estava[1]	39	56,4	17	40,5	56	50,4	0,433

(continuação)

Itens de violência verbal/emocional perpetrada	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		*p*
	n	%	n	%	n	%	
24.a. Eu culpei ele/ela pelo problema[1]	57	82,6	24	57,1	81	72,9	0,026*
28.a. Eu acusei ele/ela de paquerar outra(o) garota(o)[1]	34	49,2	14	33,4	48	43,2	0,418
32.a. Eu ameacei terminar o relacionamento[1]	34	49,2	17	40,5	51	45,9	0,787

(conclusão)

1. Teste exato de Fisher
2. Teste de Qui-quadrado

* Diferença estatisticamente significativa (p<0,05)

Tabela 12 – Estatística descritiva dos itens da subescala de violência verbal/emocional sofrida do CADRI. Curitiba, 2015.

(continua)

Itens de violência verbal/emocional sofrida	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		*p*
	n	%	n	%	n	%	
4.b. Ele/Ela fez algo para me fazer ciúmes[1]	44	63,8	25	59,5	69	62,2	0,726
7.b. Ele/Ela mencionou algo de ruim que eu fiz no passado	52	76,5	24	57,1	76	69,1	0,201

(continuação)

Itens de violência verbal/emocional sofrida	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		*p*
	n	%	n	%	n	%	
9.b. Ele/Ela disse coisas somente para me deixar com raiva[1]	43	62,3	13	31	56	50,5	0,086
12.b. Ele/Ela falou comigo em um tom de voz hostil ou maldoso[1]	44	63,8	19	45,2	63	56,8	0,138
17.b. Ele/Ela me insultou com depreciações[1]	25	36,2	9	21,4	34	30,6	0,350
21.b. Ele/Ela me ridicularizou ou me caçoou na frente dos outros[1]	14	20,3	9	21,4	23	20,7	0,774
23.b. Ele/Ela vigiava com quem e onde eu estava[1]	39	56,5	22	52,4	61	55	0,918
24.b. Ele/Ela me culpou pelo problema[1]	51	73,9	26	63,4	77	70	0,424
28.b. Ele/Ela me acusou de paquerar outro(a) garoto(a)[1]	30	43,5	16	38,1	46	41,4	0,627
32.b. Ele/Ela ameaçou terminar o relacionamento[1]	30	43,5	17	40,5	47	42,3	0,638

(conclusão)

1. Teste exato de Fisher
2. Teste de Qui-quadrado

Na tabela 13 observa-se que tentar virar os amigos do(a) parceiro(a) foi o item de violência relacional perpetrada mais relatado pelos participantes, seguido do item 20.a, dizer coisas sobre o(a) parceiro(a) aos seus amigos para tentar virá-los contra ele/ela. O item 35.a, espalhar boatos sobre o(a) parceiro(a) foi o menos relatado pelos participantes.

Tabela 13 – Estatística descritiva dos itens da subescala de violência relacional perpetrada do CADRI. Curitiba, 2015.

Itens de violência relacional perpetrada	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		*p**
	n	%	n	%	n	%	
3.a. Eu tentei virar seus amigos contra ele/ela	3	4,3	4	9,5	7	6,3	0,110
20.a. Eu disse coisas sobre ele/ela aos seus amigos, para virá-los contra ele/ela	1	1,4	2	4,8	3	2,7	0,468
35.a. Eu espalhei boatos sobre ele/ela	1	1,4	1	2,4	2	1,8	1,000

*Teste exato de Fisher

Em relação à violência relacional sofrida, observa-se que o item 3.b, ele/ela tentou virar meus amigos contra mim, foi o mais relatado pelos participantes, principalmente pelas meninas, sendo encontrada associação estatisticamente significativa (p= 0,048) com o sexo dos adolescentes. O item 20b, ele/ela disse coisas sobre mim aos meus amigos, para virá-los contra mim, foi o menos relatado pelos participantes.

Tabela 14 – Estatística descritiva dos itens da subescala de violência relacional sofrida do CADRI. Curitiba, 2015.

Itens de violência relacional sofrida	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		*p*[*]
	n	%	n	%	n	%	
3.b. Ele/Ela tentou virar meus amigos contra mim	13	19,1	5	12,2	18	16,5	0,048[**]
20.b. Ele/Ela disse coisas sobre mim aos meus amigos, para virá-los contra mim	3	4,3	5	11,9	8	7,2	0,150
35.b. Ele/Ela espalhou boatos sobre mim	5	7,2	5	11,9	10	9	0,176

*Teste exato de Fisher

** Diferença estatisticamente significativa (p<0,05)

Na subescala de ameaças perpetradas, o item 29.a, tentar amedrontar o(a) parceiro(a) de propósito, foi o mais relatado pelos participantes, sendo observado que as meninas relataram perpetrar esta violência mais do que os meninos (p= 0,053). Em seguida, o item 33.a, ameaçar bater no(a) parceiro(a) ou jogar alguma coisa nele (a), foi o segundo mais relatado pelos participantes. Ameaçar machucar o(a) parceiro(a) foi o item menos relatado pelos adolescentes.

Tabela 15 – Estatística descritiva dos itens da subescala de ameaças perpetradas do CADRI. Curitiba, 2015.

Itens de ameaças perpetradas	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		*p*[*]
	n	%	n	%	n	%	
5.a. Eu destruí ou ameacei destruir algo de valor para ele/ela	6	8,7	2	4,8	8	7,2	0,383
29.a. Eu tentei amedrontar ele/ela de propósito	16	23,1	2	4,8	18	16,2	0,053[**]
31.a. Eu ameacei machucar ele/ela	2	2,8	0	0	2	1,8	1,000
33.a. Eu ameacei bater nele (a) ou jogar alguma coisa nele (a)	10	14,4	0	0	10	9	0,062

*Teste exato de Fisher

**valor marginal (p= 0,05)

Em relação às ameaças sofridas, o item 29.b, ele/ela tentou me amedrontar de propósito, apresentou a maior frequência, principalmente entre as meninas, sendo observada associação estatisticamente significativa com o sexo (p= 0,004). Em seguida, o item 5.b, ele/ela destruiu ou ameaçou destruir algo de valor para mim, foi o segundo mais relatado pelos participantes. O item 31.b, ele/ela ameaçou me machucar, foi o menos relatado pelos participantes.

Tabela 16 – Estatística descritiva dos itens da subescala de ameaças sofridas do CADRI. Curitiba, 2015.

Itens de ameaças sofridas	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		*p*[*]
	n	%	n	%	n	%	
5.b. Ele/Ela destruiu ou ameaçou destruir algo de valor para mim	9	13	5	11,9	14	12,6	0,782
29.b. Ele/Ela tentou me amedrontar de propósito	19	27,5	2	4,8	21	18,9	0,004[**]
31.b. Ele/Ela ameaçou me machucar	3	4,3	2	4,8	5	4,5	0,461
33.b. Ele/Ela ameaçou bater em mim ou jogar alguma coisa em mim	5	7,2	3	7,1	8	7,2	0,287

*Teste exato de Fisher

** Diferença estatisticamente significativa (p<0,05)

A fim de complementar a análise da violência por parceiro íntimo na adolescência, foi verificada a associação entre as violências sofridas e perpetradas nas relações de intimidade entre adolescentes e o tempo de duração dessas relações, apresentado em número de semanas. Conforme pode ser observado na tabela 17, encontrou-se associação estatisticamente significativa entre o tempo de duração da relação de intimidade e a vivência e perpetração de violência física, violência verbal/emocional e de comportamentos abusivos. Também foi encontrada associação estatisticamente

significativa entre o tempo de duração da relação de intimidade e a vivência de ameaças. Em todas as associações, a média de duração das relações nas quais houve vivência ou perpetração de violência foi superior à média de duração das relações em que não ocorreram essas agressões.

Tabela 17 – Associação entre o tempo de duração da relação de intimidade e a vivência e perpetração de violências entre parceiros íntimos adolescentes por subescala do CADRI. Curitiba, 2015.

(continua)

Variáveis	Média	Mediana	Desvio Padrão	Valor mínimo	Valor máximo	*p* *
Violência sexual perpetrada						0,298
Sim	57,4	44,0	44,4	3	144	
Não	54,4	30,0	57,2	1	192	
Violência sexual sofrida						0,383
Sim	59,8	40,0	50,9	2	192	
Não	53,1	30,0	55,1	1	192	
Violência física perpetrada						0,026**
Sim	75,4	48,0	57,2	2	192	
Não	49,6	28,0	51,5	1	192	
Violência física sofrida						0,040**
Sim	71,3	48,0	47,9	8	144	
Não	51,9	28,0	54,4	1	192	
Violência verbal/emocional perpetrada						<0,001**
Sim	59,5	40,0	54,0	1	192	
Não	10,6	2,0	16,0	1	48	

(continuação)

Variáveis	Média	Mediana	Desvio Padrão	Valor mínimo	Valor máximo	*p* *
Violência verbal/emocional sofrida						<0,001**
Sim	60,4	40,0	54,2	1	192	
Não	11,6	3,0	14,9	1	48	
Violência relacional perpetrada						0,881
Sim	50,7	40,0	51,2	1	192	
Não	55,6	3,0	54,0	1	48	
Violência relacional sofrida						0,892
Sim	53,5	32,0	54,7	2	192	
Não	55,7	40,0	53,7	1	192	
Ameaças perpetradas						0,060
Sim	70,0	48,0	54,8	2	192	
Não	51,1	**28,0**	52,9	1	192	
Ameaças sofridas						0,033**
Sim	71,9	48,0	55,4	4	192	
Não	49,5	28,0	52,1	1	192	
Comportamentos abusivos perpetrados						0,001**
Sim	59,0	40,0	54,0	1	192	
Não	10,4	2,0	17,1	1	48	
Comportamentos abusivos sofridos						0,001**
Sim	59,8	40,0	54,3	1	192	
Não	12,5	5,5	15,4	1	48	

*Teste Wilcoxon-Mann-Whitney **(conclusão)**

**Diferença estatisticamente significativa (p<0,05)

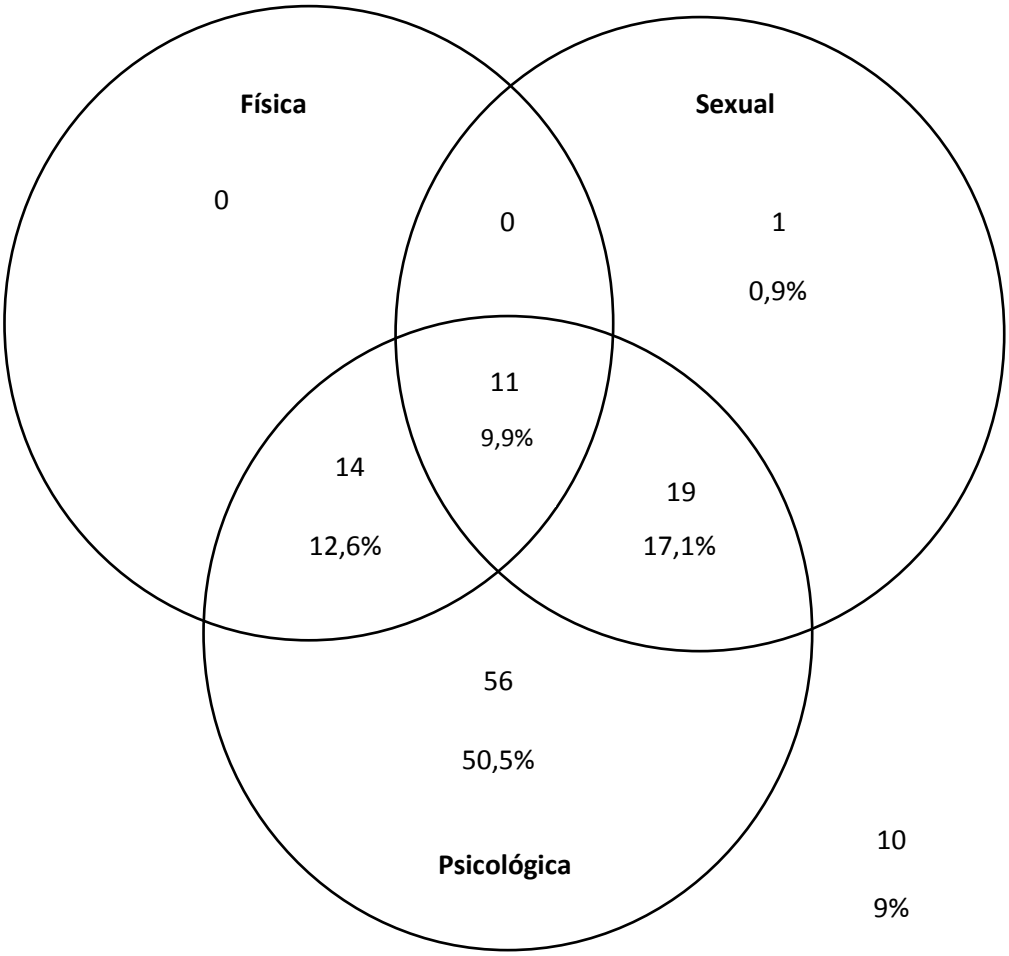
Com o objetivo de verificar a coocorrência de diferentes naturezas de violência, os dados obtidos no CADRI foram representados na forma de conjuntos (Figuras 3 e 4). Para isso, as subescalas de violência verbal/emocional, violência relacional e ameaças foram agrupadas, formando a variável violência psicológica.

Como pode ser observado na figura 3, a violência psicológica foi a principal natureza de violência perpetrada pelos adolescentes, relatada por 100 (90%) dos participantes.

A perpetração de violência psicológica esteve acompanhada da perpetração de outras violências em 39,6% (n= 44) dos adolescentes, sendo que 19 adolescentes (17,1%) afirmaram perpetrarem violência psicológica e sexual, 14 (12,6%) afirmaram perpetrarem violência psicológica e física e 11 adolescentes (9,9%) afirmaram perpetrarem todas as naturezas de violência.

Dentre todos os adolescentes, 50,5% (n= 56) afirmaram perpetrar somente violência psicológica, 1 (0,9%) afirmou perpetrar somente violência sexual e nenhum afirmou perpetrar somente violência física. Apenas 10 adolescentes afirmaram não perpetrar nenhuma das naturezas de violência.

Figura 3 – Representação gráfica das frequências de adolescentes que afirmaram perpetrarem violência no CADRI.



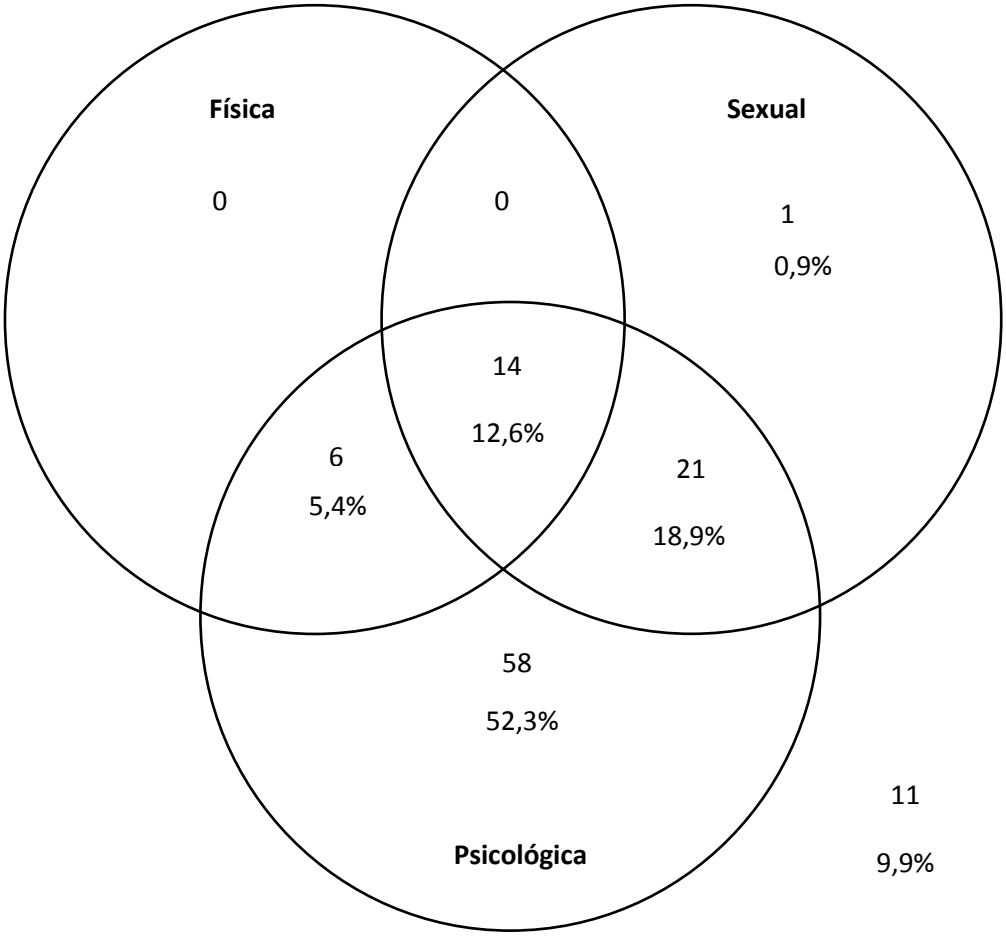
Semelhante ao ocorrido em relação às violências perpetradas, quando consideradas as violências sofridas percebe-se que a violência psicológica também foi a natureza de violência sofrida mais frequente entre os adolescentes, tendo sido relatada por 89,2% (n= 99) dos participantes (figura 4).

A vivência de violência psicológica esteve acompanhada da vivência de outras violências por 36,9% (n= 41) dos adolescentes, sendo que 21 adolescentes (18,9%) afirmaram sofrer violência psicológica e sexual, 14 adolescentes (12,6%) afirmaram sofrer todas as naturezas de violência e 6 adolescentes (5,4%) afirmaram sofrer violência psicológica e física.

Do total de participantes, 58 (52,3%) adolescentes afirmaram sofrer somente violência psicológica, 1 (0,9%) afirmou sofrer somente violência sexual e nenhum somente violência

física. Apenas 11 adolescentes (9,9%) afirmaram não sofrer nenhuma das naturezas de violência mensuradas pelo CADRI.

Figura 4 - Representação gráfica das frequências de adolescentes que afirmaram sofrer violência no CADRI



A fim de complementar a análise da coocorrência entre as violências sofridas e perpetradas por parceiros íntimos na adolescência, no quadro 1 são apresentados os coeficientes de correlação de Spearman. Observa-se que a maior correlação foi encontrada entre perpetrar e sofrer violência verbal/emocional (0,814), seguida da correlação entre sofrer e perpetrar violência sexual (0,672), sofrer violência verbal/emocional e sofrer ameaças

(0,646), perpetrar ameaças e perpetrar violência física (0,544), sofrer e perpetrar ameaças (0,545), perpetrar violência verbal/emocional e sofrer ameaças (0,492), perpetrar e sofrer violência física (0,484), perpetrar violência verbal/emocional e perpetrar ameaças (0,475) e sofrer violência relacional e sofrer violência física (0,464).

Quadro 1 – Coeficientes de correlação de Spearman entre subescalas do CADRI. Curitiba, 2015.

Variáveis	V. física Perpetrada	V. física sofrida	Ameaças perpetradas	Ameaças sofridas	V. sexual perpetrada	V. sexual sofrida	V. relacional perpetrada	V. relacional sofrida	V. verbal perpetrada	V. verbal sofrida
V. física Perpetrada	-									
V. física sofrida	**0,484**									
Ameaças perpetradas	**0,544**	0,260								
Ameaças sofridas	0,316	0,436	**0,545**							
V. sexual perpetrada	0,211	**0,452**	0,140	0,203						
V. sexual sofrida	**0,445**	**0,452**	0,250	0,328	**0,672**					
V. relacional perpetrada	0,130	0,213	0,153	0,217	0,118	0,160				
V. relacional sofrida	0,236	**0,464**	0,233	0,435	0,242	0,326	0,405			
V. verbal perpetrada	**0,444**	0,381	**0,475**	**0,492**	0,289	0,404	0,119	0,341		
V. verbal sofrida	0,311	0,413	0,413	**0,646**	0,311	0,369	0,205	0,406	**0,814**	-

Os dados obtidos no CADRI também permitiram verificar o número de adolescentes que afirmaram sofrer e perpetrar determinada natureza de violência (tabela 18). Assim, entre os adolescentes que afirmaram sofrer ou perpetrar violência verbal/emocional, 93,2% (n= 96) declararam sofrer e perpetrar essa natureza de violência.

Em relação à violência sexual, 59,5% (n= 25) dos adolescentes que afirmaram sofrer ou perpetrar violência sexual eram simultaneamente vítimas e agressores dessa violência. A violência relacional foi a natureza de violência que apresentou a menor frequência de adolescentes que se declararam vítimas e agressores (n=7; 25,9%).

Tabela 18 – Frequência absoluta e relativa de adolescentes que afirmaram perpetrar e sofrer violência por parceiro íntimo na adolescência. Curitiba, 2015.

Variáveis	Sexo feminino		Sexo masculino		Total	
	n	%	n	%	n	%
Violência sexual	14	58,3	11	61,1	25	59,5
Violência física	9	39,1	4	44,4	13	40,6
Violência verbal/emocional	64	97	32	86,5	96	93,2
Violência relacional	4	25	3	27,3	7	25,9
Ameaças	14	51,9	3	37,5	17	48,6

Em relação aos conhecimentos dos participantes sobre a violência por parceiro íntimo na adolescência, a média de acertos foi de 40,7 (dp= 3,7; Med= 41), valor mínimo 30 e valor máximo 47. A média de acertos das meninas foi igual a 41,3 (dp= 3,4; Med= 42) e a média dos meninos foi de 39,6 (dp= 3,9; Med= 40). Ambos apresentaram valor mínimo de 30 e valor máximo de 47 pontos, entretanto, verificou-se associação estatisticamente significativa com o sexo (p= 0,022).

Na tabela 19 são apresentadas as frequências absoluta e relativa de adolescentes que responderam verdadeiro a cada um dos itens da escala de conhecimentos. Os meninos apresentaram frequências maiores de respostas verdadeiras nos seguintes itens: a violência no namoro é uma situação pouco frequente (p<0,001), o ciúme é sinal de amor (p= 0,053) ,

quando se namora, devemos fazer aquilo que agrada ao outro (p=0,003), o(a) namorado(a) só controla o outro porque gosta muito dele (a) (p= 0,007), zombar dos interesses do(a) namorado(a) não é violência (p= 0,052), os(as) namorados(as) devem vestir-se para agradar um(a) ao(à) outro(a) (p= 0,051).

As meninas apresentaram frequências maiores de respostas verdadeiras nos seguintes itens: as drogas são a principal causa de violência no namoro (p=0,054) , a violência entre parceiros não acaba após o casamento (p=0,025).

Para 41,4% dos adolescentes, quando se namora, devemos fazer aquilo que agrada ao outro; para 36%, a violência no namoro é facilmente identificável; para 35,8%, as drogas são a principal causa de violência no namoro; para 34,5%, os(as) namorados(as) devem informar os parceiros sempre onde estão; para 34,2%, só mantém uma relação de namoro violento quem quer; para 32,1%, o álcool é a principal causa de violência no namoro; para 31,5%, os(as) namorados(as) podem ler as mensagens de celular um(a) do(a) outro(a); para 29,1%,os(as) namorados(as) devem informar os parceiros sempre com quem estão; para 21,8%, o ciúme é sinal de amor e para 21,6%, zombar das opiniões do(a) namorado(a) não é violência.

Tabela 19 – Frequência de adolescentes que assinalaram verdadeiro na escala de conhecimentos sobre a violência por parceiro íntimo na adolescência. Curitiba, 2015.

(continua)

Item	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		*p*
	n	%	n	%	n	%	
1. O ciúme não é causa de violência no namoro[1]	11	15,9	9	22	20	18,2	0,429
2. A violência no namoro acontece porque os (as) namorados (as) pensam que têm o direito de se imporem um ao outro[1]	62	89,9	34	81	96	86,5	0,183
3. O ciúme é uma das principais causas de violência no namoro[1]	57	82,6	35	83,3	92	82,9	0,922
4. Os rapazes são violentos por natureza[2]	7	10,1	3	7,1	10	9	0,740
5. Existem casos de violência no namoro entre os jovens da minha idade[2]	68	98,6	40	95,2	108	97,3	0,556
6. A violência no namoro é uma situação pouco frequente[1]	3	4,3	12	28,6	15	13,5	<0,001*

(continua)

Item	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		*p*
	n	%	n	%	n	%	
7. A violência no namoro não existe[2]	1	1,4	0	0	1	0,9	1,000
8. O ciúme é sinal de amor[1]	11	15,9	13	31,7	24	21,8	0,053[A]
9. Uma bofetada não faz mal a ninguém[2]	2	2,9	1	2,4	3	2,7	1,000
10. O álcool é a principal causa de violência no namoro[1]	24	35,3	11	26,8	35	32,1	0,359
11. As drogas são a principal causa de violência no namoro[1]	29	42,6	10	24,4	39	35,8	0,054[A]
12. A violência no namoro só aparece nos estratos sociais baixos[2]	1	1,4	1	2,4	2	1,8	1,000
13. Quando se namora, devemos fazer aquilo que agrada ao outro[1]	21	30,4	25	59,5	46	41,4	0,003[*]
14. O fim da relação de namoro significa o fim da violência[2]	2	2,9	2	4,8	4	3,6	0,633
15. A violência pode manter-se após acabar o namoro[2]	66	95,7	40	97,6	106	96,4	1,000
16. Um empurrão não é um comportamento violento[2]	2	2,9	4	9,5	6	5,4	0,197
17. A violência no namoro é facilmente identificável[1]	23	33,3	17	40,5	40	36	0,447
18. Os (As) namorados (as) provocam a violência devido à forma como se vestem[2]	3	4,3	6	14,3	9	8,1	0,080
19. Só mantém uma relação de namoro violento quem quer[1]	21	30,4	17	40,5	38	34,2	0,280
20. A violência no namoro provoca isolamento da vítima[2]	62	89,9	38	90,5	100	90,1	1,000
21. O sentimento de culpa é frequente nas vítimas de violência[2]	64	95,5	36	85,7	100	91,7	0,085
22. O baixo rendimento escolar é uma consequência frequente da violência no namoro[1]	51	75	26	63,4	77	70,6	0,198
23. A violência no namoro é um problema que só diz respeito ao casal de namorados[2]	1	1,4	3	7,3	4	3,6	0,145
24. O(a) namorado(a) só controla o outro	0	0	5	11,9	5	4,5	0,007*

porque gosta muito dela (e)[2]

(continua)

Item	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		*p*
	n	%	n	%	n	%	
25. Um(a) namorado(a)que gosta do outro não agride[1]	62	89,9	35	83,3	97	87,4	0,316
26. Temos o direito de escolher os (as) amigos (as) do (a) nosso(a) namorado(a)[2]	3	4,3	1	2,4	4	3,6	1,000
27. Os amigos não comuns prejudicam a relação de namoro[1]	8	11,6	8	20	16	14,7	0,232
28. Zombar das opiniões do(a) namorado(a) não é violência[1]	11	15,9	13	31	24	21,6	0,062
29. Zombar dos interesses do(a) namorado(a) não é violência[1]	8	11,8	11	26,2	19	17,3	0,052[A]
30. Ainda que namore, tenho direito a manter os meus amigos	69	100	42	100	111	100	-
31. É difícil terminar uma relação de namoro violenta porque o outro faz ameaças drásticas[1]	60	87	36	85,7	96	86,5	0,853
32. A violência entre parceiros não acaba após o casamento[2]	67	97,1	35	83,3	102	91,9	0,025[*]
33. Exercer o poder sobre o(a) namorado(a) não é violência[2]	2	2,9	1	2,4	3	2,7	1,000
34. Controlar o (a) meu (minha) namorado (a) é uma manifestação de amor[2]	1	1,4	0	0	1	0,9	1,000
35. Tenho o direito de dar um beijo em meu (minha) namorado (a) sempre que quero[2]	9	13	1	2,4	10	9,1	0,087
36. Se o (a) meu (minha) namorado (a) me contrariar, tenho o direito de gritar com ele (ela), mesmo que seja em público[2]	0	0	1	2,4	1	0,9	0,378
37. O sentimento de raiva gera violência[1]	59	85,5	33	80,5	92	83,6	0,491
38. A gravidez indesejada pode ser uma consequência da violência no namoro[1]	57	83,8	30	73,2	87	79,8	0,179
39. Quando um(a) namorado(a)diz que não quer ter atividade sexual está se	1	1,4	0	0	1	0,9	1,000

fazendo de difícil[2]

(continuação)

Item	Sexo feminino		Sexo masculino		Total		*p*
	n	%	n	%	n	%	
40. Os (As) namorados (as) só podem sair se forem juntos (as)[2]	1	1,4	0	0	1	0,9	1,000
41. Os (As) namorados (as) devem vestir-se para agradar um (a) ao (à) outro (a)[2]	2	2,9	6	14,3	8	7,2	0,051[A]
42. Os (As) namorados (as) podem ler as mensagens de celular um (a) do (a) outro (a)[1]	26	37,7	9	21,4	35	31,5	0,074
43. Os (As) namorados (as) devem informar os parceiros sempre onde estão[1]	27	39,7	11	26,2	38	34,5	0,148
44. Os (As) namorados (as) devem informar os parceiros sempre com quem estão[1]	23	33,8	9	21,4	32	29,1	0,164
45. A violência no namoro não tem consequências psicológicas[2]	5	7,2	2	4,8	7	6,3	0,708
46. A violência no namoro só tem consequências físicas[2]	2	2,9	1	2,4	3	2,7	1,000
47. Obrigar o(a) namorado(a) a iniciar a atividade sexual é uma forma de violência sexual[2]	64	92,8	41	97,6	105	94,6	0,406

(conclusão)

1. Teste de Qui-quadrado
2. Teste exato de Fisher

* Diferença estatisticamente significativa (p<0,05)

A: valor marginal (p= 0,05)

Verificou-se que os participantes que perpetraram ameaças apresentaram maior tendência a responder verdadeiro no item "o ciúme é sinal de amor" (p= 0,035; teste de Qui-quadrado), bem como os que sofreram violência física apresentaram maior tendência a responder verdadeiro no item "o(a) namorado(a) só controla o outro porque gosta muito dela(e)" (p= 0,040; teste exato de Fisher).

Também foi observado que os participantes que perpetraram violência sexual (p= 0,005; teste de Qui-quadrado), sofreram violência sexual (p= 0,051; teste de Qui-quadrado) e

perpetraram violência física (p= 0,037; teste de Qui-quadrado) apresentaram maior tendência a responder verdadeiro no item “os(as) namorados(as) devem informar os parceiros sempre onde estão”; assim como os que perpetraram violência sexual apresentaram maior tendência a responder verdadeiro no item “os (as) namorados (as) podem ler as mensagens de celular um (a) do (a) outro (a)” (p= 0,054; teste de Qui-quadrado).

Da mesma maneira, foi observado que os participantes que perpetraram violência relacional apresentaram maior tendência a responder verdadeiro no item “zombar das opiniões do(a) namorado(a) não é violência” (p= 0,022; teste exato de Fisher), bem como os participantes que sofreram violência física (p= 0,002; teste exato de Fisher), perpetraram violência relacional (p<0,001; teste exato de Fisher), sofreram violência relacional (p<0,001; teste exato de Fisher), perpetraram ameaças (p= 0,007; teste exato de Fisher) e sofreram ameaças (p= 0,002; teste exato de Fisher) apresentaram maior tendência a responder verdadeiro no item “os rapazes são violentos por natureza”. Também verificou-se que os participantes que perpetraram violência relacional apresentaram maior tendência a responder verdadeiro no item “zombar dos interesses do(a) namorado(a) não é violência” (p= 0,046; teste exato de Fisher).

Observou-se também que os adolescentes que sofreram violência relacional apresentaram maior tendência a responder verdadeiro no item “os amigos não comuns prejudicam a relação de namoro” (p= 0,050; teste exato de Fisher), bem como aqueles que perpetrar violência relacional apresentaram maior tendência a responder verdadeiro no item “temos o direito de escolher os(as) amigos(as) do(a) nosso(a) namorado(a)” (p= 0,032; teste exato de Fisher).

De outra parte, verificou-se que os participantes que não sofreram violência física apresentaram maior tendência a responder verdadeiro no item “a violência entre parceiros não acaba após o casamento” (p= 0,054; teste exato de Fisher), assim como aqueles que não sofreram violência relacional (p= 0,005; teste de Qui-quadrado) e não sofreram violência física (p= 0,025; teste de Qui-quadrado) apresentaram maior tendência a responder verdadeiro no item “o baixo rendimento escolar é uma consequência frequente da violência no namoro”.

Observou-se também que os adolescentes que não sofreram violência sexual (p= 0,019; teste exato de Fisher), não perpetraram violência física (p= 0,040; teste exato de Fisher), não sofreram violência física (p= 0,006; teste exato de Fisher), não perpetraram ameaças (p= 0,019; teste exato de Fisher) e não sofreram ameaças (p= 0,002; teste exato de Fisher)

apresentaram maior tendência a responder verdadeiro no item “é difícil terminar uma relação de namoro violenta porque o outro faz ameaças drásticas”.

5 DISCUSSÃO

5 DISCUSSÃO

Neste estudo, a amostra foi composta predominantemente por adolescentes do sexo feminino, com idade igual ou superior a 18 anos, brancas, brasileiras e residentes na zona urbana de Curitiba. Em relação às condições de vida dos adolescentes, foi possível identificar potenciais de fortalecimento (Nakamura, Egry, Campos, 2009; Trapé, 2011), como viver com ambos os pais, morar em domicílios cujo número de cômodos era superior ao número de moradores da residência e a média de anos de estudo dos pais ou responsáveis ter sido superior aos anos de estudo necessários para a conclusão do Ensino Médio no Brasil. Além disso, é necessário reforçar que a maioria dos participantes não trabalhava, no entanto, estava cursando o Ensino Técnico ou o Ensino Superior no momento da pesquisa, indicando assim que a família possuía condições financeiras que possibilitavam a manutenção dos estudantes nos cursos.

Estes resultados indicam que a violência por parceiro íntimo na adolescência não é um fenômeno que se restringe aos grupos com maior vulnerabilidade social, e sim, que perpassa as vivências de adolescentes de todas as classes sociais, tal como apontado por Minayo, Assis e Njaine (2011). Em estudo que comparou a violência sofrida e perpetrada por 3205 adolescentes estudantes de escolas públicas e particulares de 10 capitais brasileiras, as autoras (Minayo, Assis, Njaine, 2011) constataram poucas diferenças na prevalência de vitimização e perpetração de violência nas relações de intimidade entre alunos da rede pública quando comparados aos estudantes da rede privada de ensino. Dessa maneira, as intervenções voltadas à prevenção e enfrentamento da violência por parceiro íntimo devem incluir adolescentes de todas as classes sociais.

Ao serem analisadas as relações de intimidade estabelecidas pelos participantes, constata-se que a maioria dos adolescentes reproduziu as construções sociais hegemônicas de orientação sexual e de gênero. Assim como apontado na literatura científica, os resultados também indicaram a categoria gênero como determinante da construção da sexualidade de meninos e meninas adolescentes (Nogueira, Saavedra, Costa, 2008; Minayo, Assis, Njaine, 2011; Oliveira et al., 2015).

O presente estudo difere de outras produções científicas (Fernández-Fuertes, Fuertes, 2010; Minayo, Assis, Njaine, 2011) ao encontrar maior número de participantes que afirmaram ter namorado, “ficado” e tido relações sexuais homossexuais ou bissexuais. De acordo com estudo realizado por Minayo, Assis e Njaine (2011), 0,3% das meninas e 1,2%

dos meninos afirmaram namorar ou “ficar” com pessoas do mesmo sexo. Quanto às relações bissexuais de namoro ou “ficar”, 2,6% das adolescentes e 2% dos adolescentes afirmaram ter relações de intimidade com pessoas de ambos os sexos. Em estudo realizado por Fernández-Fuertes e Fuertes (2010) todos os adolescentes relataram relações heterossexuais.

Entretanto, constata-se ainda que a heterossexualidade é a orientação sexual predominante, principalmente entre os meninos, os quais 90,5% (p= 0,006) relataram ter namorado ou “ficado” com pessoas do sexo oposto. Este achado pode estar relacionado à construção hegemônica de masculinidade, segundo a qual ter relações homossexuais ou bissexuais pode ser considerado como uma traição, podendo comprometer a supremacia masculina como aponta DaMatta (2010, p.141-2).

> Pois se os homens eram intrínseca e naturalmente superiores, o homossexualismo [...] ou o celibato eram vistos como uma traição ao gênero. Deste modo, descobrir que um homem podia “virar mulher” era uma desobediência a um rígido sistema de classificação que tudo dividia em masculino e feminino, e uma prova inequívoca de desprezo à solidariedade básica devida ao gênero masculino, uma dimensão fundamental da identidade como pessoa neste mundo que fora desenhado e destinado aos homens. Ademais, “virar mulher” era tornar-se um inferior e ficar satisfeito em ser uma reles imitação.

As primeiras relações de intimidade ocorreram no início da adolescência, quando os participantes tinham em média de 13,7 anos, achados semelhantes aos encontrados por Minayo, Assis e Njaine (2011). A partir deste período, os adolescentes relataram estabelecer relações de intimidade com em média 10 pessoas, tendo sido observada grande variabilidade no número de pessoas com as quais os participantes “ficaram” ou namoraram, indicando a existência de relacionamentos efêmeros entre os adolescentes. Este aspecto também foi encontrado em estudos nacionais (Minayo, Assis, Njaine, 2011; Campos, 2011).

Apesar da curta duração das relações, 65,7% dos participantes afirmaram ter iniciado a vida sexual com em média 16,4 anos, média superior à obtida por Minayo, Assis e Njaine (2011), porém semelhante à encontrada por Hugo et al. (2011). Embora as médias de idade da primeira relação sexual tenham sido semelhantes em ambos os sexos, observou-se que a frequência de adolescentes que tiveram relação sexual foi maior entre as meninas (74,2%) do que entre os meninos (52,4%) (p= 0,020), divergindo dos resultados obtidos por Minayo, Assis e Njaine (2011) e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2013), os quais encontraram maior percentual de adolescentes que tiveram relação sexual entre os meninos.

Considera-se que as diferenças entre as médias de idade de meninos (17,9; dp= 1,2) e meninas (18,4; dp= 0,8; p= 0,009) que participaram do estudo podem estar relacionadas ao maior percentual de meninas que declararam já terem tido relações sexuais, uma vez que a literatura indica que o aumento da idade está associado ao início da atividade sexual (Bergamim, Borges, 2009). Outra variável que poderia influenciar os resultados seria a religião, uma vez que a literatura indica que adolescentes evangélicos possuem menor chance de iniciar a vida sexual antes do casamento (Verona, Dias Júnior, 2012). Entretanto, observou-se que a frequência de adolescentes que declararam ter religião foi maior entre as meninas (p= 0,007) do que entre os meninos, e somente um adolescente do sexo masculino afirmou ser evangélico.

Apesar desses achados, estudos apontam que a iniciação sexual ocorre em diferentes contextos, a depender do sexo dos adolescentes, evidenciando diferenças de gênero (Marinho, Aquino, Almeida, 2009; Bezerra et al., 2015). Assim, para as adolescentes do sexo feminino o início da vida sexual ocorreu predominantemente em relacionamentos estáveis, sendo observado que as relações sexuais eram permeadas por pensamentos românticos. Porém, foi verificado que entre os meninos a iniciação sexual ocorreu predominantemente em relacionamentos não estáveis e permeada pela atração física pela parceira. Para ambos os sexos, observou-se que o contexto de iniciação sexual correspondeu às normas tradicionais de gênero para mulheres e homens, revelando assim a manutenção de construções sociais que restringem a sexualidade das meninas (Nogueira, Saavedra, Costa, 2008) e impedem que os meninos expressem seus sentimentos, uma vez que nessa perspectiva a sensibilidade é considerada uma característica feminina (DaMatta, 2010).

De igual maneira, o número de parceiros sexuais e o tipo de parceiro sexual também evidenciaram diferenças de gênero. Embora não tenha sido encontrada associação estatisticamente significativa entre as variáveis sexo e número de pessoas com as quais os adolescentes tiveram relação sexual, observa-se que os resultados podem ser relacionados a aspectos socialmente valorizados na construção da feminilidade e da masculinidade hegemônicas. Dessa maneira, a diferenciação de gênero implica diferentes possibilidades para meninos e meninas no que tange à vivência da sexualidade, sendo permitido aos homens e proibido às mulheres a vivência de múltiplas relações sexuais.

Assim, foi observado que as meninas apresentaram menor número de parceiros sexuais, reforçando assim o estereótipo de castidade e pureza, aspectos socialmente valorizados na construção hegemônica de feminilidade (Fonseca, 2012; Borges, Nakamura, 2009). Quando consideradas as relações dos meninos, observa-se o contrário. Eles relataram maior número de

parceiras, o que pode estar relacionado à importância de provar a virilidade perante os pares, aspecto socialmente valorizado na construção social hegemônica de masculinidade e que confere prestígio aos meninos (DaMatta, 2010).

O tipo de parceiro sexual atual também apontou para a dicotomia castidade versus virilidade, dado que 87,8% (n= 43; p= 0,002) das meninas que iniciaram a vida sexual afirmaram que no momento da pesquisa tinham relações sexuais apenas com um parceiro fixo. Entre os meninos essa frequência foi de 50% (n= 11).

Para responder às questões do CADRI, a maioria dos participantes (n= 84; 77,1%) preferiu abordar a relação de namoro ou de "ficar" atual ou que havia ocorrido há menos de um ano, relações apontadas pela literatura científica como as mais frequentes entre adolescentes (Minayo, Assis, Njaine, 2011; Campos, 2011).

Observou-se que o(a) parceiro(a) da maioria das meninas era mais velho (a) que a adolescente (58,8%; n=40) ou tinha a mesma idade que ela (36,8%; n= 25), diferentemente dos meninos, que afirmaram terem parceiras(os) da mesma idade que eles (40,5%; n=17) ou mais novas(os) (40,5%; n=17; p<0,001), aspectos também apontado por Minayo, Assis e Njaine (2011). Estas autoras (Minayo, Assis, Njaine, 2011) verificaram que os adolescentes mais velhos possuíam maior credibilidade entre as meninas, pois, segundo as participantes, eles teriam mais maturidade do que os meninos mais novos, o que despertava o interesse das adolescentes em estabelecerem relações com parceiros mais velhos.

Assim, é necessário considerar que, a depender da diferença de idade entre os parceiros, a desigualdade de gênero pode confluir com a desigualdade de geração, conferindo às meninas menor poder na relação (Schoenmaker et al., 2015) e maior vulnerabilidade à violência.

Os resultados também mostraram que, apesar das transformações ocorridas nas relações de intimidade entre adolescentes, coexistem relações duradouras, o que foi evidenciado a partir da média de duração das relações selecionadas pelos adolescentes, que duraram em média 13,8 meses. A média de duração da relação foi superior ao obtido por Fernández-Fuertes e Fuertes (2010), que encontraram média de 7,9 meses, e por Dixe e Fabião (2013), cuja média foi de 8,9 meses. Entretanto, tais estudos (Fernández-Fuertes, Fuertes, 2010; Dixe, Fabião, 2013) foram realizados com participantes cuja idade média foi igual a 17,2 anos e 16,2 anos, respectivamente; ou seja, adolescentes que possuíam idade inferior à idade dos participantes do presente estudo (18,2 anos).

Porém, o estudo de Dixe et al. (2010), realizado com participantes que possuíam idade média de 20,5 anos, obteve média igual a 20,6 meses, valor superior ao obtido no presente

estudo. As diferentes médias observadas podem estar relacionadas às diferenças de idade dos participantes dos estudos.

Ainda em relação ao tempo de duração da relação de intimidade selecionada, observou-se que as adolescentes do sexo feminino estabeleceram relações mais duradoras que os adolescentes do sexo masculino ($p<0,001$), achado também relatado por Minayo, Assis e Njaine (2011). À luz de gênero compreende-se que, devido à construções históricas e sociais, homens e mulheres possuem distintas maneiras de pensar e agir em relação ao amor e às relações de intimidade (Fonseca, 2012). Minayo, Assis e Njaine (2011) verificaram que a maioria das meninas considerava o(a) namorado(a) uma pessoa muito importante. Foi encontrada associação estatisticamente significativa entre o sexo dos participantes e a importância do(a) parceiro(a) para a(o) adolescente.

Dessa maneira, compreende-se que as diferenças de duração das relações de intimidade conforme o sexo são determinadas pelas construções de gênero, que favorecem a manutenção de relações duradouras pelas meninas, uma vez que a construção hegemônica de feminilidade atribui como valores para as mulheres o casamento e a constituição da família (Fonseca, 2012). Entretanto, como apontado pela literatura científica (Thongpriwan, McElmurry, 2009), tais construções também podem dificultar a saída das meninas de relações violentas. Da mesma forma, estudo realizado por Guedes (2006) revelou que a relação conjugal trazia supostas gratificações para as mulheres, uma vez que elas correspondiam ao ideal de casamento e constituição de família, o que contribuía para a permanência de muitas participantes em relações violentas. Considera-se que as relações de intimidade também podem trazer supostas gratificações para as adolescentes, o que pode dificultar o desvencilhamento de relações violentas.

De outra parte, também foi observada entre as meninas maior frequência de relatos de brigas com o(a) parceiro(a). Os resultados também revelaram que considerável percentual de adolescentes (23,9%) informaram brigar sempre ou muitas vezes com o(a) parceiro(a), evidenciando assim a vivência de conflitos frequentes e de situações onde podem ocorrer a vivência e a perpetração de agressões.

Na análise das violências sofridas e perpetradas, destacou-se a diferença observada entre as frequências de adolescentes que se reconheceram como vítimas ou agressores de violência psicológica, física ou sexual e as frequências de vivência e perpetração de violências obtidas no CADRI, as quais foram muito superiores do que as primeiras. Assim, embora os resultados obtidos no CADRI tenham revelado que aproximadamente 90% dos adolescentes sofreram ou perpetraram violência verbal/emocional nas relações de intimidade, apenas 26,4% dos

participantes se reconheceram como vítimas de violência psicológica e 18,5% como agressores dessa natureza de violência.

Em relação à violência física, os resultados obtidos no CADRI indicaram que 22,5% dos participantes perpetraram essa natureza de violência e 18% sofreram agressões físicas. Entretanto, apenas 4,6% dos adolescentes se reconheceram como agressores de violência física e 3,7% como vítimas dessa natureza de violência. Os resultados obtidos no CADRI também revelaram que 27,9% dos participantes perpetraram violência sexual e 32,4% a vivenciaram. Porém, apenas 0,9% dos adolescentes se reconheceram como agressores e 6,4% como vítimas de violência sexual.

Resultados semelhantes foram obtidos por Dixe e Fabião (2013) em estudo com 4102 adolescentes. Nesse, 4% dos participantes afirmaram ter sofrido violência por parceiro íntimo, porém, quando questionados sobre a vivência de agressões como chantagens, comentários negativos sobre a aparência, ser impedido de contatar outras pessoas, sofrer julgamentos, correções e críticas, os percentuais de violência sofrida foram muito superiores, tendo sido referidos por até 34,3% das adolescentes do sexo feminino e por 33,8% dos adolescentes do sexo masculino.

Esses achados indicam que muitas das agressões perpetradas e sofridas nas relações de intimidade não são reconhecidas como violência. Embora a violência por parceiro íntimo faça parte da realidade dos adolescentes e seja frequentemente mencionada por eles, ela também é negada devido à idealização das relações de intimidade como espaços de afeto e amor, nos quais não existe violência (Minayo, Assis e Njaine, 2011).

De outra parte, estudos (Castro, 2009; Thongpriwan, McElmurry, 2009) também revelam que as construções hegemônicas de gênero determinam a naturalização e a legitimação da violência vivenciada e perpetrada entre adolescentes. Foi constatado que os discursos de adolescentes de ambos os sexos frequentemente estavam fundamentados em estereótipos de gênero sobre o papel de homens e mulheres nas relações de intimidade. As agressões sofridas e perpetradas não eram reconhecidas como violências, pois os estereótipos de gênero eram compreendidos como parte de uma suposta natureza feminina ou masculina, e não como determinados pela construção histórica e social das relações de poder entre os sexos. Resultados semelhantes foram obtidos por Schoenmaker et al. (2015), que observaram que as construções de masculinidade e feminilidade determinaram diferentes percepções e perspectivas em relação à violência por parceiro íntimo na adolescência. Observou-se que as adolescentes que tiveram atitudes sedutoras foram culpabilizadas pelas agressões sofridas.

Em estudo conduzido por Nascimento e Cordeiro (2011) com adolescentes e jovens de Recife, foi observado que participantes de ambos os sexos não reconheciam como violência proibições, comportamentos de controle e cerceamento da liberdade do(a) parceiro(a). Além disso, a troca de xingamentos e tapas muitas vezes foi considerada como brincadeiras entre os(as) parceiros(as), achado também relatado por Muñoz-Rivas et al. (2007).

A literatura científica também aponta que a violência pode ser considerada pelos adolescentes como uma demonstração de amor e cuidado. Richmond, Peterson e Betts (2008) observaram a crença de que a violência psicológica deve ser tolerada e até mesmo esperada, uma vez que as agressões seriam uma expressão de amor.

Resultados semelhantes foram encontrados por Swart, Stevens, Ricardo (2002), em estudo que verificou a associação entre as crenças dos participantes em relação à violência no namoro e o envolvimento de adolescentes em relacionamentos em que há violência física. Verificou-se que, para os participantes de ambos os sexos, a experiência de violência no namoro apresentou associação estatisticamente significativa com a crença de que um ato de violência física da(o) parceira(o) era uma forma de demonstrar amor. Em relação aos adolescentes do sexo masculino, também foi encontrada associação significativa com a crença de que a agressão fazia parte de um relacionamento de namoro.

Embora não tenha sido observada associação estatisticamente significativa entre o sexo e reconhecer-se como agressor(a) de violência física, psicológica ou sexual, os adolescentes do sexo masculino apresentaram maiores frequências do que as do sexo feminino apenas nos itens que questionavam se os participantes reconheciam que haviam perpetrado agressão sexual e que tinham sido vítimas de violência física. Todas as demais frequências foram maiores entre as meninas. A partir da análise desses achados em conjunto com os resultados obtidos na aplicação do CADRI, os quais revelaram que as meninas perpetraram mais agressões que os meninos, surge o questionamento se as meninas realmente perpetram mais agressões ou se relatam mais as agressões perpetradas. Uma vez que, devido à construção hegemônica de masculinidade, os meninos são incentivados a perpetrar diversas formas de violência, é possível que entre eles haja maior naturalização das agressões perpetradas.

A violência, em suas variadas formas, perpassa diferentes dimensões da realidade e determina diferentes desgastes aos grupos sociais que a vivenciam. Desde a infância, o significado histórico e social atribuído à diferença sexual conforma padrões de feminilidade e masculinidade, que perpassam as diferentes dimensões da realidade objetiva e determinam relações de dominação e subordinação (Fonseca et al., 2012).

A violência por parceiro íntimo na adolescência constitui uma das expressões da violência de gênero vivenciada por adolescentes de ambos os sexos, sendo revelado que se trata de um fenômeno frequente e que possui elevada magnitude. Na análise dos resultados, destacou-se a semelhança entre a maioria das frequências obtidas no presente estudo e aquelas encontradas por Fernández-Fuertes e Fuertes (2010) e por Minayo, Assis e Njaine (2011), ambas as pesquisas realizadas com adolescentes na mesma faixa etária e que também utilizaram o CADRI para mensurar as frequências de violência nas relações de intimidade.

Assim como apontado pela literatura científica, a violência verbal/emocional foi a natureza de violência mais frequente nas relações de intimidade entre adolescentes (Muñoz-Rivas et al., 2007; Fernández-Fuertes, Fuertes, 2010; Minayo, Assis, Njaine, 2011), seguida da violência sexual e das ameaças (Minayo, Assis, Njaine, 2011). A perpetração de violência psicológica esteve acompanhada da perpetração de violência física, sexual ou ambas para quase 40% dos participantes. De maneira semelhante, a vivência de violência psicológica esteve acompanhada da vivência de violência física, sexual ou ambas para mais de 35% dos participantes. Verificou-se a sobreposição da violência psicológica com outras naturezas de violência sofridas ou perpetradas para 46,8% dos adolescentes, achados semelhantes, porém inferiores aos obtidos por Minayo, Assis e Njaine (2011), que verificaram sobreposição da violência psicológica com outras naturezas de violências sofridas ou perpetradas para 65% dos participantes.

Os resultados obtidos neste estudo e a literatura científica (Muñoz-Rivas et al., 2007; Fernández-Fuertes, Fuertes, 2010; Minayo, Assis, Njaine, 2011) também confirmam que este fenômeno caracteriza-se pela mutualidade das agressões, e não pela oposição dominador e dominada. Embora as meninas tenham apresentado frequência de violências sofridas (94,2%) superior à dos meninos (83,3%), houve associação estatisticamente significativa entre ser do sexo feminino e perpetrar violência física, verbal/emocional e ameaças.

Esses achados parecem indicar que na adolescência, embora sejam vivenciadas desigualdades de gênero no âmbito das relações de intimidade (Thongpriwan, McElmurry, 2009; Sullivan et al., 2010; Minayo, Assis, Njaine, 2011), essas desigualdades parecem ainda não ter se consolidado na vida da maioria das adolescentes que participaram deste estudo, possivelmente porque as relações de intimidade entre adolescentes ainda não são permeadas por outras iniquidades que parecem aumentar as desigualdades de poder entre parceiros no âmbito das relações conjugais, como por exemplo a dependência financeira do parceiro e a divisão do trabalho doméstico e dos cuidados dos membros da família, atividades que historicamente tem sido atribuídas predominantemente às mulheres (Oliveira, Fonseca, 2014).

Entretanto, as adolescentes vivenciam desigualdades de gênero já consolidadas em outras relações sociais, como nas relações intrafamiliares (Amaral, 2005; Gessner, 2013) e entre os pares (Boivin et al., 2012). As maiores frequências de perpetração de violência entre as adolescentes do sexo feminino também podem ser determinadas pelas violências vivenciadas pelas adolescentes no espaço doméstico e público, uma vez que estudo de revisão sobre a violência contra as mulheres (Oliveira, Fonseca, 2014) revelou que as participantes relataram a reprodução da violência que vivenciavam nas agressões perpetradas por elas contra cônjuges, filhos e outras pessoas de seu convívio social.

Apesar disso, as estatísticas de feminicídio também apontam que a violência de gênero vivenciada pelas adolescentes pode ser tão grave quanto a vivenciada por mulheres adultas no âmbito das relações conjugais, uma vez que muitas adolescentes também são mortas pelos parceiros ou ex-parceiros (Waiselfisz, 2013).

Verificou-se também a associação entre sofrer e perpetrar a mesma natureza de violência, bem como entre sofrer e perpetrar diferentes naturezas de violência. Estes resultados foram semelhantes aos obtidos por Minayo, Assis e Njaine (2011), Fernández-Fuertes e Fuertes (2010) e por Swart, Stevens e Ricardo (2002).

Os resultados também possibilitaram a confirmação da hipótese de que a violência por parceiro íntimo na adolescência é determinada pelas categorias gênero, violência de gênero e geração. Uma vez que gênero é um elemento constitutivo das relações sociais (Scott, 1991) e aborda a construção histórica e social das masculinidades e feminilidades, a categoria gênero é intrínseca à compreensão das relações de intimidade entre adolescentes (Oliveira et al., 2015). O gênero também determinou as agressões sofridas e perpetradas de acordo com as construções de gênero hegemônicas em nossa sociedade. Assim, observa-se que as agressões sofridas e perpetradas entre adolescentes são determinadas pela construção histórica e social do masculino e feminino. Dessa maneira, a diferença sexual assume significado social e conforma diferentes padrões de agressões sofridas e perpetradas por meninos e meninas adolescentes.

As construções de gênero também podem determinar a naturalização e a legitimação das agressões sofridas e perpetradas entre parceiros íntimos adolescentes, uma vez que estereótipos de gênero sobre o papel de homens e mulheres nas relações de intimidade podem ser compreendidos como parte de uma suposta natureza feminina ou masculina, e não como determinados pela construção histórica e social das relações de poder entre os sexos.

Observa-se também que a violência por parceiro íntimo na adolescência constitui uma forma precoce de violência de gênero, uma vez que envolve relações de dominação-

subordinação determinadas pela construção histórica e social da masculinidade e feminilidade hegemônicas. Assim, compreende-se que a ideologia androcêntrica, enquanto elemento da superestrutura social, constitui uma violência construída estruturalmente e que perpassa as relações de intimidade estabelecidas entre adolescentes, determinando a desigualdade de poder entre os sexos e a manutenção da hegemonia masculina (Oliveira, Fonseca, 2014; Oliveira et al., 2015; Schoenmaker et al., 2015).

A categoria geração permitiu a compreensão de que o contexto histórico e social no qual estão inseridos os adolescentes, marcado por desigualdades de poder entre gêneros e gerações, determina maior vulnerabilidade à vivência e perpetração de violência por parceiro íntimo. Embora os resultados apontem que a violência por parceiro íntimo na adolescência é um fenômeno predominantemente intrageracional, a perspectiva de geração possibilitou a compreensão de que nas relações em que há diferença de idade, a desigualdade de poder pode determinar maior vulnerabilidade à violência por parceiro íntimo. Além disso, essa perspectiva também possibilitou a compreensão do impacto das transformações históricas e sociais nas relações de intimidade e na violência por parceiro íntimo. Com o advento da internet, por exemplo, surgem também novas formas de interação entre os adolescentes e a perpetração e a vivência das violências passam a ocorrer também nas interações virtuais, conforme observado por Minayo, Assis e Njaine (2011) e por Mota (2015).

No presente estudo, a violência por parceiro na adolescência revelou-se como um potencial de desgaste à saúde dos adolescentes que a vivenciam. Além das lesões e traumas, a violência por parceiro íntimo também pode determinar intenso sofrimento aos adolescentes, uma vez que as diversas agressões perpetradas e sofridas nas relações de intimidade ocorrem em contextos nos quais eles também vivenciam prazer e amor, o que potencializa os sentimentos de decepção e desesperança e dificulta o desvencilhamento das relações violentas (Thongpriwan, McElmurry, 2009). Também vale destacar que, embora a seguir apresente-se a discussão das agressões separadas por natureza, considera-se que essa distinção ocorre apenas no âmbito teórico, uma vez que na realidade as agressões se perpassam e coadunam.

Os percentuais de violência perpetrada (91%) e sofrida (90,1%) obtidos neste estudo foram discretamente maiores do que os encontrados por Minayo, Assis e Njaine (2011), uma vez que neste 86,8% dos adolescentes afirmaram perpetrar violência e 86,9% afirmaram ter sofrido violência.

Quando considerada a subescala de violência verbal/emocional perpetrada, todos os estudos analisados apresentaram percentuais muito elevados, revelando assim a magnitude

desta natureza de violência e a importância de intervenções específicas para a prevenção e enfrentamento de tais agressões. Minayo, Assis e Njaine (2011) encontraram percentual semelhante (85,3%), porém inferior ao obtido neste estudo (90,1%). Também houve semelhança com os resultados obtidos por Fernández-Fuertes e Fuertes (2010), os quais encontraram percentual superior (96,3%).

Entretanto, ao serem comparadas as médias dessa subescala, observa-se que as obtidas no presente estudo foram muito maiores do que as obtidas por Fernández-Fuertes e Fuertes (2010), as quais correspondem, respectivamente, a 9,3 (dp= 6,1) e 0,77 (dp= 0,46) entre as adolescentes do sexo feminino e 5,9 (dp= 5,6) e 0,70 (dp= 0,46) entre os adolescentes do sexo masculino.

Porém, a maioria dos estudos sobre violência por parceiro íntimo apresenta apenas as frequências de perpetração das agressões, não permitindo a comparação das médias. Apesar disso, considera-se que a diferença entre as médias pode estar associada à diferença de idade dos participantes dos referidos estudos. Dixe e Fabião (2013) observaram maior frequência de perpetração de violência entre adolescentes mais velhos e a amostra obtida por Fernández-Fuertes e Fuertes (2010) possuía idade média de 16,6 anos. Na presente pesquisa os participantes possuíam idade média de 18,2 anos.

A duração da relação de intimidade constitui outro aspecto que pode estar relacionado às diferenças entre as médias, uma vez que observou-se associação estatisticamente significativa entre o tempo de duração da relação de intimidade e a perpetração de violência verbal/emocional ($p<0,001$). A média de duração das relações nas quais houve perpetração de violência verbal/emocional foi superior à média de duração das relações em que não houve perpetração dessas agressões. Os resultados foram semelhantes aos obtidos por Dixe e Fabião (2013), que verificaram que a média de duração das relações nas quais houve vivência de violência foi superior à das relações em que não houve vivência de agressões. Esses achados também parecem convergir com os obtidos por Minayo, Assis e Njaine (2011), que observaram que nas relações com maior duração, como o namoro, a convivência e o compromisso entre os parceiros pode favorecer o surgimento de conflitos e de agressões.

Vale reforçar que a vivência e perpetração de violência verbal são frequentes nas relações sociais, e não se restringem apenas às relações de intimidade. Trata-se de uma violência que é comumente vivenciada pelos adolescentes, o que contribui para que seja banalizada e legitimada (Minayo, Assis, Njaine, 2011). Além disso, a crença de que as agressões verbais são menos deletérias do que as demais naturezas de violência (Minayo, Assis, Njaine, 2011) também contribui para a manutenção dos elevados percentuais

encontrados e para a desvalorização dessa violência entre adolescentes. Entretanto, também há entre os adolescentes a percepção da gravidade dessas agressões, que são por vezes apontadas como mais graves e duradouras do que as agressões físicas (Nascimento, Cordeiro, 2011).

Apesar disso, observa-se que as frequências de violência verbal/emocional perpetrada por ambos os sexos foram elevadas, tendo sido igual a 95,7% entre as meninas, valor muito próximo dos 97% obtidos por Fernández-Fuertes e Fuertes (2010) entre as adolescentes espanholas (Fernández-Fuertes, Fuertes, 2010). Em relação aos adolescentes do sexo masculino, as frequências foram semelhantes, porém os resultados obtidos por Fernández-Fuertes e Fuertes (2010) foram maiores (95.3%) do que o percentual encontrado entre os meninos (81%). Em ambos os estudos foi observada associação estatisticamente significativa com sexo.

O item "fazer algo para provocar ciúmes no(a) parceiro(a)" apareceu entre as três agressões verbais/emocionais mais frequentes nas relações de intimidade entre adolescentes. Tendo em vista o papel do ciúmes nas brigas entre parceiros íntimos adolescentes (Muñoz-Rivas et al., 2007; Fernández-Fuertes, Fuertes, 2010), trata-se de uma agressão que favorece a perpetração e vivência de outras naturezas de violência, como a violência física (Muñoz-Rivas et al., 2007; Fernández-Fuertes, Fuertes, 2010; Wiklund et al., 2010). Há que se considerar também a relação entre a construção hegemônica de feminilidade e os elevados percentuais de provocação de ciúmes. Historicamente as mulheres tem sido apresentadas como objetos de posse dos parceiros, assim, a possibilidade de perda do poder sobre a parceira pode determinar a vivência de agressões físicas severas ou até mesmo a morte das adolescentes (Waiselfisz, 2012; Waiselfisz, 2013).

Estudo realizado por Minayo, Assis e Njaine (2011) também revelou a determinação de gênero das agressões sofridas e perpetradas por parceiros íntimos adolescentes, uma vez que as falas dos adolescentes remeteram à construção social do masculino e feminino. Assim, a violência verbal foi identificada pelos participantes de ambos os sexos como agressão "tipicamente" feminina e as posturas agressivas identificadas como características masculinas, mesmo quando perpetradas pelas meninas. Essas distinções são determinadas pela construção social hegemônica de masculinidade, que vincula os homens à força e ao exercício do poder por meio da dominação (Oliveira, Fonseca, 2014). Os resultados também parecem reforçar os achados do estudo de Minayo, Assis e Njaine (2011), onde algumas meninas relataram gritar com os parceiros como estratégia de dominação. As adolescentes declararam assumir posturas agressivas como estratégia para não serem subjugadas pelos parceiros.

É necessário considerar também que os insultos, depreciações e ridicularização praticados pelos adolescentes também são determinados pelo gênero. As agressões verbais perpetradas pelas meninas frequentemente envolvem injúrias sobre a masculinidade dos parceiros (Minayo, Assis, Njaine, 2011), enquanto as agressões perpetradas pelos meninos envolvem a aparência física das adolescentes e injúrias sobre o comportamento sexual das parceiras (Sullivan et al., 2010; Thongpriwan, McElmurry, 2009).

Ao contrário do esperado, as meninas apresentaram maiores frequências de comportamentos como vigiar com quem e onde o(a) parceiro(a) estava e acusar o(a) parceiro(a) de paquerar outra(o) garota(o). Tendo em vista que na construção hegemônica de feminilidade as mulheres são consideradas como objetos de posse dos homens, era esperado que fossem encontradas maiores frequências de perpetração de comportamentos controladores entre os adolescentes do sexo masculino.

Conforme observado em outros estudos (Fernández-Fuertes, Fuertes, 2010; Minayo, Assis, Njaine, 2011), os percentuais de violência verbal/emocional sofrida foram discretamente menores do que aqueles observados em relação à violência verbal/emocional perpetrada. O estudo de Fernández-Fuertes e Fuertes (2010) foi o que apresentou maior frequência de violência verbal/emocional sofrida (95.4%), seguidos do presente estudo (89,2%). Entretanto, as médias obtidas neste estudo foram muito maiores do que as observadas pelos referidos autores (Fernández-Fuertes, Fuertes, 2010), correspondendo, respectivamente, a 8,9 (dp= 6,5) e 0,69 (dp=0,48) entre as meninas e 7,1 (dp= 6,7) e 0,74 (dp= 0,46) entre os meninos. De maneira semelhante ao observado em relação à violência verbal/emocional perpetrada, observou-se associação estatisticamente significativa entre sofrer violência verbal/emocional e a duração da relação ($p<0,001$). A média de duração das relações nas quais houve vivência de violência verbal/emocional foi superior à média de duração das relações em que não houve vivência dessas agressões.

Minayo, Assis e Njaine (2011) obtiveram o menor percentual (85%) de violência verbal/emocional sofrida, entretanto, encontraram associação estatisticamente significativa com sexo, o que não foi observado no presente estudo e nem por Fernández-Fuertes e Fuertes (2010) . Quando considerados os percentuais de violência verbal/emocional sofrida por sexo, o percentual obtido na Espanha foi de 95.5% entre as meninas e 92,8% entre os meninos (Fernández-Fuertes, Fuertes, 2010), valor muito próximo ao observado entre as meninas (92,8%) e superior ao encontrado entre os meninos (83,3%), no presente estudo. Novamente, os percentuais obtidos por Minayo, Assis e Njaine (2011) foram menores, sendo 86,8% entre as adolescentes do sexo feminino e 82,1% entre os adolescentes do sexo masculino.

Ao serem consideradas as frequências por sexo, observou-se apenas um item com percentual discretamente maior entre os meninos do que entre as meninas. Todas as demais frequências foram maiores entre o sexo feminino do que aquelas obtidas entre o sexo masculino. Assim, constatou-se que embora perpetrem mais violência verbal/emocional do que os meninos, as meninas sofrem mais agressões dessa natureza.

A vivência das agressões verbais e emocionais também é marcada por diferenças de gênero, sendo relatado pela literatura científica (Castro, 2009) que as meninas possuem maior liberdade para expressar e compartilhar seus sentimentos de tristeza e decepção gerados pelas agressões. Já os meninos são pressionados pelos amigos e familiares a não demonstrar ou compartilhar os sentimentos gerados pelas agressões, uma vez que eles poderiam ser considerados efeminados, já que nas sociedades androcêntricas a sensibilidade é uma característica atribuída às mulheres, sendo exigido dos homens demonstrações constantes de força (Fonseca, 2008).

Embora no presente estudo não tenha sido observada associação entre as agressões sofridas e o sexo, chama a atenção os percentuais mais altos das frequências relatadas por meninas que as relatadas por meninos nos seguintes itens: 9.b. Ele/Ela disse coisas somente para me deixar com raiva (meninas 62,3%; meninos 31%), 7.b. Ele/Ela mencionou algo de ruim que eu fiz no passado (meninas 76,5%; meninos 57,1%), 12.b. Ele/Ela falou comigo em um tom de voz hostil ou maldoso (meninas 63,8%; meninos 45,2%) e 17.b. Ele/Ela me insultou com depreciações (meninas 36,2%; meninos 21,4%).

Observa-se que a maioria desses percentuais foi superior aos obtidos por Osis, Duarte e Faúndes (2012) em estudo realizado no munícipio de São Paulo com 2379 mulheres com faixa etária predominante de 18 a 49 anos de idade. Nesse, 46,5% das participantes relataram ter vivenciado insultos perpetrados por um parceiro íntimo alguma vez na vida, 31% afirmaram ter sofrido depreciações e humilhações diante de outras pessoas e 28,4% relataram vivenciar sustos e intimidações perpetradas de propósito pelo parceiro íntimo. Desta maneira, torna-se ainda mais preocupante a magnitude das agressões vivenciadas pelas adolescentes.

Em relação às ameaças perpetradas, o percentual obtido no presente estudo (21,6%) foi semelhante, porém inferior, ao encontrado entre adolescentes brasileiros (29,2%) por Minayo, Assis e Njaine (2011). A frequência de ameaças perpetradas pelas meninas apresentou valores semelhantes, sendo 33,3% no estudo brasileiro (Minayo, Assis, Njaine, 2011) e 29% neste estudo. Porém, as frequências obtidas entre os adolescentes do sexo masculino (9,5%) foram muito distintas das obtidas por Minayo, Assis e Njaine (2011), que encontraram percentual de

22,6%. Em ambos os estudos foi encontrada associação estatisticamente significativa com sexo.

Semelhante ao apontado em relação às agressões verbais perpetradas pelas adolescentes, considera-se que os elevados percentuais de ameaças perpetradas pelas meninas podem ser resultado da tentativa de dominar os parceiros antes que elas sejam subjugadas, ou como estratégia de defesa em resposta às agressões verbais, físicas ou sexuais sofridas (Minayo, Assis, Njaine, 2011). Entretanto, tais ações possuem impacto negativo na relação, determinando a perpetração e vivência de violências (Fernández-Fuertes, Fuertes, 2010).

O percentual obtido na subescala de ameaças sofridas (25,2%) também foi elevado e muito semelhante ao encontrado por Minayo, Assis e Njaine (2011), 24,2%. Porém, o mesmo estudo não revelou diferença de percentual de ameaças sofridas entre os sexos, aspecto que divergiu deste estudo. A maioria das frequências obtidas pelas adolescentes do sexo feminino foram maiores do que as obtidas pelos adolescentes do sexo masculino.

Dessa maneira, as relações de intimidade entre adolescentes são permeadas pela tensão, medo e ansiedade produzidos pelas ameaças sofridas e perpetradas por ambos os parceiros, que parecem ocorrer principalmente nas situações de término do namoro (Thongpriwan, McElmurry, 2009; Sullivan et al., 2010). Entre as agressões perpetradas em tais situações, a ameaça de suicídio pelo(a) parceiro(a) foi apontada pela literatura como uma estratégia para amendrontar os adolescentes e tentar impedir o término da relação. Tratam-se de agressões que provocam intenso sofrimento aos adolescentes e dificultam a saída de relações violentas (Thongpriwan, McElmurry, 2009).

Outra ameaça frequente entre adolescentes nas situações de término do namoro diz respeito à pornografia de vingança, termo utilizado para designar a divulgação de imagens e vídeos íntimos por meio da internet e redes sociais pelos parceiros ou ex-parceiros. Os vídeos e fotos obtidos com ou sem o consentimento das adolescentes durante relações com o parceiro são usados para ameaçar as meninas na tentativa de impedir o término da relação (Minayo, Assis, Njaine, 2011; Mota, 2015). Trata-se de uma nova face da violência de gênero, cujo reconhecimento é recente.

A ameaça da divulgação de fotos das adolescentes nuas ou seminuas, bem como de vídeos de relações sexuais causa intenso sofrimento principalmente para as meninas, uma vez que por estarem inseridas em uma sociedade androcêntrica, cuja construção hegemônica de feminilidade vincula as mulheres à castidade e submissão nas relações de intimidade, a

divulgação das imagens e vídeos expõe as adolescentes à estigmatização e exclusão do convívio com os pares (Mota, 2015).

Outra agressão que prejudica o convívio social de adolescentes de ambos os sexos é a violência relacional. No presente estudo observou-se que a frequência de violência relacional perpetrada (8,1%) foi muito semelhante à frequência de 8,9% obtida por Minayo, Assis e Njaine (2011), porém, essas autoras não encontraram diferenças entre os percentuais de cada sexo. Neste estudo foi encontrada pequena diferença entre o percentual obtido entre as meninas (7,2%) e os meninos (9,5%).

Observou-se que, embora não tenha sido encontrada associação com sexo, as frequências de todas as agressões da subescala de violência relacional perpetrada foram maiores entre os adolescentes do sexo masculino do que entre as adolescentes. Dessa maneira, os resultados obtidos parecem convergir com os relatos presentes na literatura científica quanto ao contexto das agressões e às diferenças de gênero. As agressões relacionais são frequentemente perpetradas em contextos de vingança pelo término da relação ou por atitudes que desagradaram o(a) parceiro(a) (Sullivan et al., 2010). Tais agressões são direcionadas à(ao) parceira(o) atual ou à(ao) ex-parceira(o), sendo observado que, semelhantemente ao ocorrido em relação às agressões verbais, os estereótipos de gênero são utilizados para difamar adolescentes de ambos os sexos.

Assim, as meninas espalham boatos que questionam a masculinidade dos adolescentes, fazendo com que eles sejam alvo de deboche entre os pares, enquanto os meninos espalham boatos sobre o comportamento sexual das meninas (Sullivan et al., 2010; Minayo, Assis, Njaine, 2011). Novamente aparece a pornografia de vingança, uma vez que com o advento da internet e das redes sociais, os boatos espalhados sobre as meninas são ainda mais devastadores ao serem compartilhadas fotos e vídeos das adolescentes nuas ou seminuas (Mota, 2015). Além disso, o uso dessas tecnologias atinge maior número de pessoas em um curto espaço de tempo, o que potencializa a repercussão das agressões. Dessa maneira, percebe-se a importância da categoria geração para compreender a violência por parceiro íntimo, uma vez que as transformações históricas e sociais determinam a perpetração e vivência de novas formas de agressão.

Entretanto, nessas situações a categoria gênero constitui um recorte fértil para a compreensão das agressões sofridas e perpetradas, pois as construções hegemônicas de masculinidade e feminilidade podem determinar diferentes consequências para os adolescentes que espalham as fotos e vídeos das parceiras e para as meninas que são expostas.

Como relata Mota (2015) em estudo com adolescentes que sofreram pornografia de vingança, as meninas que tiveram suas fotos e vídeos íntimos divulgados na internet foram culpabilizadas pela violência sofrida por terem permitido que os parceiros as fotografassem ou por terem tirado as fotos.

Porém, os adolescentes envolvidos na divulgação das imagens tiveram sua reputação favorecida perante os pares, uma vez que a agressão foi considerada como uma demonstração de virilidade (Mota, 2015). De outra parte, as meninas tiveram sua reputação profundamente abalada perante os pares, uma vez que a construção hegemônica de feminilidade vincula a sexualidade das mulheres à moral, as meninas foram desqualificadas e humilhadas por não corresponderem ao estereótipo de castidade e pureza. As adolescentes relataram ter perdido muitos amigos, pois ficaram estigmatizadas inclusive perante a outras meninas. Dessa maneira, evidencia-se também a impossibilidade de tentar circunscrever as violências sofridas e perpetradas em diferentes naturezas de violência, uma vez que nas agressões relacionais, por exemplo, as adolescentes são reduzidas a objetos a serviço do prazer dos meninos, que utilizam a pornografia de vingança para subjugar as adolescentes.

Em relação à vivência de violência relacional, chama a atenção a diferença entre as frequências de violência relacional sofrida quando comparada aos valores obtidos na subescala de violência relacional perpetrada. As primeiras apresentaram valores muito superiores aos obtidos nas últimas, achado também relatado por Minayo, Assis e Njaine (2011), porém em patamares inferiores. Concorda-se com Minayo, Assis e Njaine (2011) ao considerar que esses resultados podem estar relacionados à dificuldade dos adolescentes em se reconhecer como perpetradores dessa violência, devido aos impactos negativos que ela provoca e devido a ser contrária a valores como amizade e confiança entre os pares, muito valorizados pelos adolescentes.

Quando considerada a subescala de violência relacional sofrida, obteve-se percentual (22,5%) semelhante, porém superior aos 16% encontrados em estudo nacional (Minayo, Assis, Njaine, 2011). O mesmo ocorreu quando considerados os percentuais de violência relacional sofrida e o sexo dos adolescentes. As frequências obtidas por Minayo, Assis e Njaine (2011) foram de 13,7% entre as meninas e 19,7% entre os meninos, e as obtidas neste estudo foram de 21,7% entre as meninas e 23,8% entre os meninos. Houve divergência entre os estudos em relação à associação entre as variáveis violência relacional sofrida e sexo dos participantes, não observada no presente estudo, porém foi encontrada por Minayo, Assis e Njaine (2011).

O mesmo estudo (Minayo, Assis, Njaine, 2011) também evidenciou o sofrimento gerado pela vivência das agressões relacionais. Esta foi a violência que apresentou a maior frequência de ideação suicida, tendo sido observada associação estatisticamente significativa entre sofrer violência relacional e ter ideações suicidas. Os resultados obtidos no presente estudo também indicam que as agressões relacionais podem gerar intenso sofrimento aos adolescentes, uma vez que foram relatadas situações nas quais o(a) parceiro(a) espalhou boatos sobre o(a) adolescente e tentou virar os(as) amigos(as) contra ele(a). Dessa maneira, além da exposição indesejada e da possível perda de amizades, os adolescentes ainda vivenciam o sentimento de frustração com o parceiro(a).

Outra violência que causa intenso sofrimento aos adolescentes é a violência sexual. A frequência de violência sexual perpetrada (27,9%) foi inferior ao percentual de 38,9% obtido por Minayo, Assis e Njaine (2011). O mesmo ocorreu em relação às frequências por sexo, que foram de 21,7% entre as meninas e 38,1% entre os meninos, enquanto as obtidas por Minayo, Assis e Njaine (2011) foram de 32,8% entre as meninas e 49% entre os meninos. Foi observada associação estatisticamente significativa com o sexo dos adolescentes. Assim, o resultado obtido por Minayo, Assis e Njaine (2011) foi semelhante ao encontrado neste estudo, uma vez que obteve-se valor marginal do p (0,053) na subescala de violência sexual perpetrada.

Semelhante aos achados obtidos por Minayo, Assis e Njaine (2011), observou-se que os elevados percentuais de violência sexual sofrida e perpetrada foram ocasionados principalmente devido às altas frequências obtidas no item 19, beijar o(a) parceiro(a) quando ele/ela não queria. O mesmo estudo (Minayo, Assis, Njaine, 2011) verificou que essa agressão nem sempre foi considerada pelos participantes como violência, uma vez que “roubar um beijo” é uma prática disseminada entre os adolescentes e pode apresentar limites tênues entre a experimentação da sexualidade e a perpetração de agressões.

Todas as frequências totais dos itens de violência sexual perpetrada foram maiores entre os meninos. Dessa maneira, observa-se que a violência sexual está fundamentada em normas tradicionais de gênero, amparada na desigualdade de poder entre os sexos, que determina que o corpo feminino tenha menor valor que o masculino e que não seja percebido como corpo para a autorrealização das meninas, mas sim, como corpo para satisfação dos desejos masculinos (Fonseca, 2012).

Entretanto, para a compreensão dessas relações de dominação e subordinação, é necessário deslocar a análise das meninas dominadas versus meninos dominadores para a

construção histórica e social das relações de poder inter e intragêneros. Assim, a partir de estudo qualitativo realizado por Castro (2009), observa-se que os adolescentes do sexo masculino são frequentemente pressionados por outros meninos e meninas a serem agressivos e dominadores nas relações de intimidade, o que os faz conviver com a tensão entre corresponder à construção hegemônica de masculinidade ou sofrer humilhações e ser motivo de chacota entre os colegas ao ter a masculinidade questionada.

De outra parte, as adolescentes do sexo feminino são frequentemente pressionadas por outras meninas e meninos a se reprimirem nas relações de intimidade, convivendo com a tensão entre corresponder à construção hegemônica de feminilidade ou sofrer ofensas. As adolescentes podem ser estigmatizadas com base nos seus comportamentos nas relações de intimidade (Thongpriwan, McElmurry, 2009). Da mesma maneira que os achados obtidos por Thongpriwan e McElmurry (2009), adolescentes brasileiros de ambos os sexos relataram existir “meninas para namorar” e “meninas para zoar” (Minayo, Assis, Njaine, 2011). Em ambos os estudos (Minayo, Assis, Njaine, 2011; Thongpriwan, McElmurry, 2009) o que distinguia o grupo em que a menina era classificada era se a adolescente correspondia ou não à construção hegemônica de feminilidade. Com base nessas considerações, percebe-se que adolescentes de ambos os sexos reproduzem a ideologia androcêntrica (Bourdieu, 2014), construindo condições favoráveis para a manutenção da violência por parceiro íntimo na adolescência.

Quando considerada a subescala de violência sexual sofrida, observou-se que a frequência obtida (32,4%) foi inferior aos 43,8% obtidos em estudo nacional (Minayo, Assis, Njaine, 2011) tendo sido encontrada discreta diferença entre os percentuais de meninas (33,3%) e meninos (31%). Desta maneira, os resultados obtidos foram semelhantes aos de Minayo, Assis e Njaine (2011), uma vez que essas autoras não encontraram diferença entre os sexos. As adolescentes do sexo feminino apresentaram maiores frequências do que os adolescentes do sexo masculino em todos os itens, assim, a vivência das agressões sexuais entre adolescentes também revelou a determinação de gênero desta violência.

Embora os resultados apontem que adolescentes de ambos os sexos vivenciam violência sexual nas relações de intimidade, observa-se (Sullivan et al., 2010) que nas discussões sobre a vivência de violência sexual não são mencionados relatos que apontam os meninos como vítimas dessas agressões. Estudo realizado por Minayo, Assis e Njaine (2011) revelou que normas tradicionais de gênero também podem determinar a vitimização sexual dos meninos,

embora essa, na maioria das vezes, não seja percebida como violência ou seja considerada violência psicológica. Assim, os meninos relataram que muitas vezes vivenciam situações nas quais não gostariam de se relacionar sexualmente, porém, o medo de terem sua masculinidade abalada pelas humilhações e zombarias dos colegas ou da parceira faz com que os meninos cedam à pressão dos outros adolescentes e tenham relações sexuais contra a própria vontade. Dessa maneira, a violência por parceiro íntimo na adolescência, embora se apresente como uma das vivências determinadas pela ideologia androcêntrica e seja constantemente vivenciada pelos adolescentes, semelhante ao que ocorre entre os adultos (Bourdie, 2014), permanece invisível para a maioria dos meninos e meninas (Minayo, Assis, Njaine, 2011).

Observa-se que as construções de gênero também podem determinar a legitimação da violência sexual, uma vez que estudo realizado com adolescentes tailandesas revelou que as participantes relataram que as meninas que não correspondiam à construção hegemônica de feminilidade, ou seja, que "ficavam" com muitos garotos, que usavam roupas sensuais, entre outras características pontuadas pelas adolescentes, eram responsáveis pelas agressões sexuais sofridas e desqualificadas pelas participantes (Thongpriwan, McElmurry, 2009).

Em relação à violência física perpetrada, o percentual obtido (22,5%) foi discretamente inferior aos 24,3% obtidos na Espanha (Fernández-Fuertes, Fuertes, 2010) e aos 24,19% obtidos no Brasil (Minayo, Assis, Njaine, 2011). Todos os estudos encontraram associação com sexo, tendo sido observada discreta diferença entre as frequências das adolescentes do sexo feminino (30,4%), as quais tiveram percentual de 30,2% no estudo espanhol (Fernández-Fuertes, Fuertes, 2010) e 28,5% no estudo brasileiro (Minayo, Assis, Njaine, 2011). Entretanto, a frequência dos adolescentes do sexo masculino (9,5%) divergiu dos 16,8% obtidos por Minayo, Assis e Njaine (2011) e dos 16,1% encontrados por Fernández-Fuertes e Fuertes (2010).

Apesar das diferenças observadas entre as frequências, as médias obtidas no presente estudo (meninas: 0,8; meninos: 0,2) foram superiores às obtidas por Fernández-Fuertes e Fuertes (2010), os quais encontraram média de 0,16 entre as adolescentes e 0,09 entre os adolescentes. A diferença entre as médias pode estar relacionada à maior duração das relações, pois houve associação estatisticamente significativa entre o tempo de duração da relação de intimidade e a perpetração de violência física ($p=0,026$). A média de duração das relações nas quais houve perpetração de violência física foi superior à média de duração das relações em que não houve perpetração dessas agressões.

A literatura científica também revela o aumento da gravidade das agressões físicas perpetradas entre adolescentes com maior idade e entre jovens (Waiselfisz, 2012; Waiselfisz, 2013; Anacleto et al., 2009; Muñoz-Rivas et al., 2007). Em estudo realizado por Anacleto et al. (2009) com 1054 mulheres de 20 a 59 anos foi encontrado maior percentual (11,2%) de violência física grave perpetrada nos casais cujas mulheres possuíam de 20 a 29 anos. No estudo de Muñoz-Rivas et al. (2007), a frequência de agressões físicas diminuiu entre os adolescentes com maior idade, porém, houve aumento de lesões físicas como ossos quebrados, cortes profundos e contusões severas.

Conforme mencionado anteriormente, os resultados obtidos no presente estudo e a análise da literatura sobre perpetração de agressões físicas não permitem concluir se as meninas perpetram mais agressões físicas ou se, devido às construções de gênero, elas relatam mais as agressões perpetradas. Porém, a análise da literatura aponta que ao serem consideradas as agressões físicas severas, observa-se que os percentuais obtidos pelos meninos são superiores ao das meninas (Swart et al., 2002; Muñoz-Rivas et al., 2007), tendo sido observada associação estatisticamente significativa entre ser do sexo masculino e perpetrar agressões físicas severas, como tentativas de sufocamento ou estrangulamento e ameaças com faca ou arma (Muñoz-Rivas et al., 2007). No estudo de Castro (2009) os relatos de adolescentes de ambos os sexos revelaram a naturalização das agressões perpetradas pelos meninos. A agressividade foi percebida como parte da natureza dos homens, negando assim a construção histórica e social da masculinidade e as possibilidades de desconstrução desse estereótipo de gênero.

Em relação à frequência de violência física sofrida (18%), observou-se que foi discretamente inferior aos 21,7% obtidos por Fernández-Fuertes e Fuertes (2010) e aos 19,69% encontrados por Minayo, Assis e Njaine (2011). O mesmo ocorreu em relação às frequências obtidas por sexo (meninos 21,4% e meninas 15,9%), que foram menores do que as encontradas na Espanha (meninos 26,3% e meninas 17,5%) por Fernández-Fuertes e Fuertes (2010) e no Brasil (meninos 24,9% e meninas 16,5%) por Minayo, Assis e Njaine (2011).

As médias obtidas no presente estudo para ambos os sexos (0,5) foram superiores às obtidas por Fernández-Fuertes e Fuertes (2010), que obtiveram média de 0,09 entre as adolescentes do sexo feminino e 0,14 entre os adolescentes do sexo masculino. Assim, considera-se que a diferença entre as médias pode estar relacionada à maior duração das

relações de intimidade estabelecidas pelos participantes deste estudo, uma vez que observou-se associação estatisticamente significativa entre o tempo de duração da relação de intimidade e a vivência de violência física (p=0,040). Nessas situações, a média de duração das relações nas quais houve vivência de violência física foi superior à média de duração das relações em que não houve vivência dessas agressões.

Semelhante ao observado entre as mulheres adultas, os espancamentos e mortes de adolescentes do sexo feminino estão frequentemente associados a tentativas de término do namoro ou de traição (Minayo, Assis, Njaine, 2011). Essas agressões ocorrem em contextos de perda do poder masculino, em que as relações de dominação-subordinação determinadas pelas construções hegemônicas de masculinidade e feminilidade reservam desfechos trágicos para as meninas.

Outro resultado preocupante refere-se à coocorrência entre as agressões sofridas e perpetradas. Foi constatada forte correlação entre sofrer e perpetrar a mesma natureza de violência, aspecto também apontado por Minayo, Assis e Njaine (2011) e por Fernández-Fuertes e Fuertes (2010). As maiores correlações encontradas foram observadas entre perpetrar e sofrer violência verbal/emocional, seguida da correlação entre sofrer e perpetrar violência sexual.

Também foram encontradas correlações consideráveis entre sofrer e perpetrar diferentes naturezas de violência, convergindo assim com a literatura científica (Swart et al., 2002; Fernández-Fuertes, Fuertes, 2010; Minayo, Assis, Njaine, 2011). Apesar desses achados, o presente estudo e o de Minayo, Assis e Njaine (2011) apontam a centralidade da violência psicológica nas relações de intimidade entre adolescentes. Assim, a vivência e a perpetração das agressões físicas e sexuais ocorre predominantemente em conjunto com a violência psicológica, sendo raros os casos em que houve perpetração ou vivência isolada de agressões físicas e sexuais.

Da mesma maneira expressivo número de adolescentes é simultaneamente vítima e agressor das violências mensuradas, principalmente quando consideradas as agressões verbais e sexuais. Porém, destaca-se que a maioria das frequências de mutualidade das agressões foram inferiores às obtidas por Minayo, Assis e Njaine (2011), sendo obtidos percentuais muito próximos apenas na frequência de violência verbal/emocional.

De outra parte, ao vivenciarem violência nas relações de intimidade, os adolescentes raramente procuram ajuda (Soares, 2012; Wiklund et al., 2010; Thongpriwan, McElmurry, 2009) sendo relatada a busca de auxílio dos familiares ou profissionais de saúde apenas nas

situações de sofrimento intenso ou naquelas em que os adolescentes necessitam de tratamento especializado, devido às lesões geradas pela agressão (Wiklund M et al., 2010; Thongpriwan, McElmurry, 2009; Soares, 2012). Em estudo realizado na Tailândia (Thongpriwan, McElmurry, 2009) 83% das participantes declararam nunca ter discutido com os pais sobre violência no namoro. Destas participantes, 35% relataram não contar aos pais sobre o namoro, uma vez que esse havia sido proibido por eles, situação que impossibilitava a discussão sobre o tema. Assim, 63% das participantes relataram que procurariam a ajuda de uma amiga caso vivenciassem violência na relação de intimidade (Thongpriwan, McElmurry, 2009), resultado semelhante ao encontrado por Soares (2012) em estudo realizado no Brasil.

Nesse (Soares, 2012) os adolescentes declararam ter dificuldade em conversar com os pais sobre o namoro ou o "ficar", sendo os amigos e irmãos relatados como as pessoas mais procuradas nos momentos em que os participantes necessitam de ajuda devido a problemas na relação. Outros estudos têm apontado que, quando questionadas sobre buscar ajuda em serviços especializados, as adolescentes relataram que o medo de ser insultada ou culpada pela agressão foi uma das barreiras ao acesso desses serviços (Thongpriwan, McElmurry, 2009), sendo os profissionais de saúde procurados apenas para tratar dos agravos físicos, não sendo revelada a esses a violência (Wiklund et al., 2010).

Assim, observa-se que as desigualdades de geração e de gênero determinam importantes vulnerabilidades aos adolescentes que vivenciam violência, uma vez que meninos e meninas não encontram o apoio necessário para o enfrentamento da violência nas relações de intimidade. Esses achados são preocupantes, uma vez que a violência por parceiro íntimo na adolescência prejudica o desenvolvimento saudável de adolescentes de ambos os sexos, determinando agravos à saúde física, mental, sexual e reprodutiva (Gessner, Brancaglioni, Fonseca, 2015). Além disso, a violência por parceiro íntimo na adolescência parece estar relacionada à maior vulnerabilidade em vivenciar ou perpetrar violência por parceiro íntimo na vida adulta (OMS, 2012).

A literatura científica sobre a violência por parceiro íntimo na adolescência tem indicado a importância dos conhecimentos e crenças dos adolescentes sobre a violência nas relações de intimidade para compreender as agressões sofridas e perpetradas entre adolescentes no âmbito dessas relações (Richmond, Peterson, Betts, 2008; Swart, Stevens, Ricardo; 2002; Dixe, Fabião, 2013). Tendo em vista que o gênero implica os símbolos culturalmente disponíveis, os conceitos normativos expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas e jurídicas, a organização social e suas instituições e a construção das identidades subjetivas (Scott, 1991), considera-se que as construções de

gênero perpassam e determinam os conhecimentos sobre a violência por parceiro íntimo na adolescência.

No presente estudo, as meninas apresentaram média de acertos superior à dos meninos no que tange aos conhecimentos sobre a violência por parceiro íntimo na adolescência. Este resultado foi semelhante ao obtido por Dixe e Fabião (2013), porém houve divergência entre os estudos em relação à associação do número de acertos e as violências sofridas nas relações de intimidade. Dixe e Fabião (2013) não observaram essa associação, porém, no presente estudo foi observada associação entre o número de acertos e a violência relacional sofrida (p= 0,012; teste Wilcoxon-Mann-Whitney). Foi verificado que os adolescentes que sofreram violência relacional obtiveram menor número de acertos nas questões sobre os conhecimentos sobre a violência por parceiro íntimo na adolescência do que aqueles que não sofreram violência relacional.

Os resultados também revelaram que os meninos apresentaram maiores frequências de respostas verdadeiras do que as meninas nos itens "a violência no namoro é uma situação pouco frequente" e "zombar dos interesses do(a) namorado(a) não é violência", ambos com associação estatisticamente significativa. Esses achados estão relacionados à construção hegemônica de masculinidade, dado à agressividade ser um dos principais elementos da construção de gênero relacionada à masculinidade, acompanhada de maior naturalização da violência por parte dos meninos.

Os adolescentes do sexo masculino também apresentaram maiores frequências de respostas verdadeiras nos itens "o ciúme é sinal de amor", "quando se namora, devemos fazer aquilo que agrada ao outro", "o(a) namorado(a) só controla o outro porque gosta muito dele (a)" e "os (as) namorados (as) devem vestir-se para agradar um (a) ao (à) outro (a)", todos com associação estatisticamente significativa. Esses conhecimentos podem ser utilizados para legitimar ou naturalizar comportamentos controladores perpetrados ou vivenciados nas relações de intimidade. Além disso, os participantes que sofreram violência física ou perpetraram ameaças apresentaram maior tendência a responder verdadeiro em alguns desses itens. Isso indica que esses conhecimentos, fundamentados nas referidas construções de gênero, parecem determinar a vivência e perpetração de agressões, bem como a naturalização e legitimação de violências sofridas e perpetradas entre parceiros íntimos adolescentes.

No presente estudo, também observou-se entre as meninas elevados percentuais de conhecimentos que podem determinar a naturalização e a legitimação de comportamentos controladores, como os presentes nos itens "quando se namora, devemos fazer aquilo que agrada ao outro (a)", "os(as) namorados(as) devem informar os parceiros sempre onde estão",

“os(as) namorados(as) podem ler as mensagens de celular um(a) do(a) outro(a)”, “os(as) namorados(as) devem informar os parceiros sempre com quem estão” e “o ciúme é sinal de amor”. Estes resultados parecem estar relacionados aos elevados percentuais de provocação de ciúmes entre adolescentes verificados neste estudo e em outras pesquisas (Murphy, Smith, 2010; Minayo, Assis, Njaine, 2011), além de corroborar os achados de Nascimento e Cordeiro (2011) e de Dixe e Fabião (2013) ao apontarem a compreensão de adolescentes de que o ciúme seria um sinal de amor. Ainda, tais conhecimentos supracitados parecem estar relacionados aos elevados percentuais de comportamentos controladores observados neste estudo e na literatura científica (Thongpriwan, McElmurry, 2009; Murphy, Smith, 2010).

Destaca-se que considerável percentual de adolescentes respondeu verdadeiro no item “os(as) namorados(as) podem ler as mensagens de celular um(a) do(a) outro(a)”. Dessa maneira, com o advento da internet e das redes sociais, os comportamentos controladores podem ocorrer também nas interações virtuais estabelecidas pelos adolescentes, achados também relatados por Minayo, Assis e Njaine (2011) e por Nascimento e Cordeiro (2011). Além disso, observou-se que os participantes que perpetraram violência sexual apresentaram maior tendência a responder verdadeiro nesse item. Esse achado parece indicar que esse conhecimento pode estar articulado à vivência e perpetração de agressões, bem como a naturalização e legitimação de violências.

Observou-se também que considerável percentual de adolescentes respondeu verdadeiro no item “a violência no namoro é facilmente identificável”. Entretanto, os resultados obtidos neste estudo indicam o contrário, uma vez que muitas das agressões sofridas e perpetradas nas relações de intimidade não foram percebidas como violências.

Outro conhecimento que se contrapõe aos achados da literatura científica diz respeito ao item 19, “só mantém uma relação de namoro violento quem quer”, relatado por 34,2% dos participantes. Trata-se de um conhecimento que nega as dificuldades impostas pelas desigualdades de poder presentes nas relações de intimidade entre adolescentes e por outros aspectos que dificultam que adolescentes se desvencilhem da situação violenta, como a contradição do afeto (Thongpriwan, McElmurry, 2009; Wiklund et al., 2010). Além disso, esse conhecimento também determina a culpabilização dos adolescentes pela situação de violência que vivenciam.

Quanto aos conhecimentos que abordam a determinação da violência por parceiro íntimo, verificou-se que as drogas e o álcool foram relatados como as principais causas de violência no namoro. Embora a literatura científica aponte a relação entre o uso de álcool e drogas e a perpetração de violência por parceiro íntimo na adolescência (Swart, Stevens,

Ricardo, 2002; Cutter-Wilson, Richmond, 2011), conforme apontado por Oliveira e Fonseca (2014), a violência de gênero aparece em contextos nos quais se agregam outros fenômenos que constituem processos destrutivos à vida e à saúde dos seres humanos, como a violência estrutural e a exclusão social. Dessa maneira, ao estabelecer-se uma relação unicausal entre fenômenos complexos como a violência por parceiro íntimo na adolescência e o abuso de álcool ou drogas, contribui-se para ocultar a determinação social destes fenômenos.

Outros conhecimentos relatados pelos participantes também determinam a naturalização e legitimação de violências sofridas e perpetradas entre parceiros íntimos na adolescência, como os conhecimentos "zombar das opiniões do(a) namorado(a) não é violência; "os rapazes são violentos por natureza"; "os (as) namorados (as) provocam a violência devido à forma como se vestem" e "tenho o direito de dar um beijo em meu (minha) namorado (a) sempre que quero". Novamente, observou-se que os participantes que perpetraram ou vivenciaram violências psicológicas e aqueles que sofreram violência física apresentaram maior tendência a responder verdadeiro em alguns desses itens. Esses resultados apontam para a determinação de gênero das agressões sofridas e perpetradas entre parceiros íntimos adolescentes, bem como para o papel das construções de gênero hegemônicas para a naturalização e legitimação de violências nas relações de intimidade.

Além disso, os itens "os rapazes são violentos por natureza" e "os (as) namorados (as) provocam a violência devido à forma como se vestem" possuem evidente relação com construções de gênero que inocentam os homens e culpabilizam as mulheres pela violência sofrida. Nessa perspectiva, a agressividade faria parte da natureza masculina, conhecimento que nega a construção histórica e social das masculinidades e interdita as possibilidades de transformação dos comportamentos dos homens, contribuindo também para a manutenção do poder masculino (Oliveira, Fonseca, 2014).

Por outro lado, devido à desigualdade de poder entre os sexos, as adolescentes são culpabilizadas pela violência sofrida, resultado também obtido por Gessner (2013) em estudo sobre a violência intrafamiliar contra adolescentes. Nesse, observou-se que as adolescentes que foram vítimas de violência sexual foram culpabilizadas pela violência sofrida, sendo acusadas de terem seduzido o agressor. Ressalta-se que esses conhecimentos foram relatados por adolescentes de ambos os sexos, evidenciando assim a reprodução da ideologia androcêntrica por meninos e meninas.

Observou-se que considerável percentual de adolescentes declarou que "os amigos não comuns prejudicam a relação de namoro", conhecimento que pode determinar a vivência e perpetração de comportamentos controladores, como restringir o convívio social do(a)

parceiro(a), aspecto apontado com frequência na literatura científica (Thongpriwan, McElmurry, 2009; Wiklund et al., 2010; Murphy, Smith, 2010) e compreendido por alguns adolescentes como um direito dos(as) parceiros(as), como pode ser observado no item "temos o direito de escolher os(as) amigos(as) do(a) nosso(a) namorado(a)". Os resultados também revelaram que os participantes que perpetraram ou sofreram violência relacional apresentaram maior tendência a responder verdadeiro a esses itens, o que indica que esses conhecimentos podem determinar a naturalização e legitimação dessas agressões.

Observou-se também que alguns participantes concordaram com os itens "a violência no namoro não tem consequências psicológicas" e "a violência no namoro só tem consequências físicas"; resultados semelhantes aos obtidos por Dixe e Fabião (2013). Esses resultados também convergem com os achados de Nascimento e Cordeiro (2011) em estudo realizado com adolescentes e jovens brasileiros, o qual observou que alguns participantes consideravam como violência apenas as agressões físicas.

Outros conhecimentos que determinam a naturalização da violência por parceiro íntimo e a legitimação das agressões sofridas e perpetradas, porém que apresentaram menores frequências de respostas verdadeiras foram: "uma bofetada não faz mal a ninguém"; "um empurrão não é um comportamento violento"; "exercer o poder sobre o(a) namorado(a) não é violência"; "controlar o(a) meu(minha) namorado(a) é uma manifestação de amor"; "os(as) namorados(as) só podem sair se forem juntos(as)"; "se o(a) meu(minha) namorado(a) me contrariar, tenho o direito de gritar com ele(ela), mesmo que seja em público"; "quando um(a) namorado(a) diz que não quer ter atividade sexual está se fazendo de difícil".

Entretanto, os resultados deste estudo revelaram elevados percentuais de perpetração e vivência de agressões verbais/emocionais, como falar com o(a) parceiro(a) em um tom de voz hostil ou maldoso, insultar ou ridicularizar o(a) parceiro(a) e vigiar com quem e onde o(a) parceiro(a) estava. Além disso, a vivência e perpetração de agressões físicas como tapas e empurrões foram relatadas por aproximadamente 10% dos adolescentes, o que indica a contradição entre os conhecimentos e atitudes dos participantes nas relações de intimidade.

Embora os percentuais de respostas verdadeiras nos conhecimentos supracitados não tenham sido altos, o fato de alguns adolescentes concordarem com essas afirmações é preocupante, uma vez que podem aumentar a vulnerabilidade em sofrer e perpetrar agressões (Miller et al., 2013), bem como dificultar a busca de ajuda para o enfrentamento da violência, uma vez que as agressões podem ser naturalizadas e legitimadas.

Além disso, ainda que o questionário tenha sido anônimo, os resultados podem sofrer a influência do desejo de autoaceitação, o qual pode fazer com que os adolescentes escolham as

respostas com o intuito de serem aceitos, ocasionando o sub-relato de concordância com esses itens. Outro aspecto preocupante em relação a esses conhecimentos é que, considerando que houve concordância em afirmações explícitas de naturalização da violência, é possível que um percentual maior de adolescentes concordem parcialmente com essas afirmações ou que tragam esses conhecimentos implícitos, conforme observado por Minayo, Assis e Njaine (2011).

A concordância de alguns participantes com o item "a violência no namoro é um problema que só diz respeito ao casal de namorados" também desperta preocupação, uma vez que esse conhecimento pode impedir ou dificultar a busca de ajuda nas situações em que os adolescentes vivenciam violência nas relações de intimidade (Thongpriwan, McElmurry, 2009).

Entretanto, também foram identificados conhecimentos que favorecem o reconhecimento e enfrentamento da violência por parceiro íntimo na adolescência, entre eles, destaca-se a elevada frequência de adolescentes que concordaram que "a violência entre parceiros não acaba após o casamento", tendo sido observado que os participantes que não sofreram violência física apresentaram maior tendência a responder verdadeiro nesse item. Semelhantemente, verificou-se que adolescentes que não sofreram violência física e violência relacional apresentaram maior tendência a responder verdadeiro no item "o baixo rendimento escolar é uma consequência frequente da violência no namoro". Da mesma maneira, participantes que não sofreram ou perpetraram diversas naturezas de violência apresentaram maior tendência a responder verdadeiro no item "é difícil terminar uma relação de namoro violenta porque o outro faz ameaças drásticas". Esses achados parecem confirmar a importância desses conhecimentos para a prevenção, o reconhecimento e enfrentamento da violência por parceiro íntimo na adolescência.

Também foram identificados reconhecimentos de direitos, como o presente no item "ainda que namore, tenho direito a manter meus amigos", o qual foi o único item a obter 100% de respostas verdadeiras. Entretanto, destaca-se que este percentual foi conflitante com os resultados obtidos no item "temos o direito de escolher os(as) amigos(as) do(a) nosso(a) namorado(a)".

De outra parte, o conhecimento "obrigar o(a) namorado(a) a iniciar a atividade sexual é uma forma de violência sexual", aponta para um aspecto positivo, devido ao elevado percentual de adolescentes que reconhecem esta atitude como agressão. Semelhantemente, os conhecimentos relacionados às consequências da violência por parceiro íntimo na

adolescência apontam para aspectos positivos, uma vez que obteve-se frequências de respostas verdadeiras superiores a 70%. Entretanto, considera-se que desconhecer as consequências da violência por parceiro íntimo na adolescência pode fazer com que adolescentes não percebam a gravidade deste fenômeno, o que pode contribuir para a manutenção da perpetração e vivência de agressões nas relações de intimidade (Murphy, Smith, 2010). Além disso, observa-se a contradição entre os conhecimentos e as atitudes dos participantes, pois, apesar de conhecerem as consequências da violência nas relações de intimidade, foram obtidos elevados percentuais de violências sofridas e perpetradas entre parceiros íntimos adolescentes.

Portanto, considera-se que as intervenções de prevenção e enfrentamento da violência por parceiro íntimo na adolescência são imprescindíveis, entretanto, ainda escassas no cenário nacional (Oliveira et al., 2016). Tendo em vista que a vivência das primeiras relações de intimidade ocorre em uma sociedade androcêntrica e adultocêntrica, considera-se que adolescentes de ambos os sexos encontram-se em situação de vulnerabilidade à vivência e perpetração de violência por parceiro íntimo.

Além disso, a reflexão crítica sobre esses conhecimentos e sobre a determinação de gênero das agressões sofridas e perpetradas deve ser incluída nas intervenções de prevenção e enfrentamento da violência por parceiro íntimo na adolescência, a fim de possibilitar a compreensão da construção histórica e social das masculinidades e feminilidades, bem como das desigualdades de poder determinadas por essas construções. Assim, a perspectiva de gênero constitui um conhecimento potente para revelar as possibilidades de transformação das relações hierárquicas e desiguais entre os sexos e para ampliar o reconhecimento das agressões sofridas e perpetradas no âmbito das relações de intimidade, diminuindo assim a naturalização e legitimação das mesmas e possibilitando a reconstrução dos conhecimentos fundamentados na equidade de gênero (OMS, 2012; Oliveira et al., 2015).

Embora sejam necessárias intervenções de prevenção e enfrentamento da violência por parceiro íntimo na adolescência em diferentes faixas etárias (Foshee et al., 2001; Miller et al., 2013), a literatura científica recomenda o desenvolvimento de intervenções junto aos adolescentes antes que sejam estabelecidas as primeiras relações de intimidade, visando assim a prevenção primária da violência por parceiro íntimo na adolescência e a construção da equidade de gênero em idade precoce (OMS, 2012; Pradubmook-Sherer, 2011).

Tendo em vista as limitações impostas pelo modelo biomédico à prevenção e ao enfrentamento das diferentes formas de violência pelo setor saúde (Oliveira, Fonseca, 2014), considera-se que a teoria da determinação social do processo saúde-doença constitui um

conhecimento potente para a prevenção e o enfrentamento da violência por parceiro íntimo na adolescência (Gessner, Brancaglioni, Fonseca, 2015). Além disso, considera-se necessária a capacitação de profissionais que atuam junto aos adolescentes, como nas áreas da saúde e educação, para a identificação, prevenção e enfrentamento em rede da violência por parceiro íntimo na adolescência (Gessner, Brancaglioni, Fonseca, 2015).

6 DIFICULDADES E LIMITAÇÕES DO ESTUDO

6 DIFICULDADES E LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Como mencionado no capítulo do cenário, inicialmente, a coleta de dados ocorreria em escolas públicas de Ensino Médio do município de Guarulhos, localizado no estado de São Paulo. Entretanto, devido à recusa das duas Diretorias de Ensino do município, foi necessário realizar o estudo na cidade de Curitiba, a qual também é cenário do estudo multicêntrico do qual faz parte esta pesquisa.

Assim, a recusa do município de Guarulhos reitera a dificuldade do setor educação em abordar temas relacionados à violência e sexualidade entre adolescentes, achado também apontado por Minayo, Assis e Njaine (2015), culminando em ações normativas e que não auxiliam os adolescentes a esclarecerem as dúvidas relacionadas a essas temáticas e a tomarem decisões com autonomia e segurança.

Obter a autorização dos pais foi outra dificuldade encontrada para a realização do estudo, seja pelo esquecimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, seja pela possível resistência de alguns pais em abordar assuntos relacionados à sexualidade de adolescentes, principalmente das meninas (Amaral, 2005). Além disso, sabe-se também que algumas adolescentes não contam aos pais sobre o início das relações de intimidade devido ao medo de serem proibidas de "ficarem" ou namorarem, ou devido a terem estabelecido tais relações apesar da proibição dos pais (Amaral, 2005). Desta maneira, solicitar a autorização dos pais revelaria a relação estabelecida, motivo pelo qual algumas adolescentes podem ter deixado de participar do estudo.

Assim, considera-se que as dificuldades apontadas são determinadas pela subalternidade de gênero e geração a que os adolescentes estão submetidos. Dessa maneira, observa-se que a construção hegemônica de feminilidade determina menor liberdade às meninas, legitimando práticas de caráter restritivo da sexualidade das adolescentes (Amaral, 2005). De outra parte, devido à construção hegemônica de masculinidade, os meninos geralmente desfrutam de maior liberdade, concedida pela família e por outras instituições sociais, quanto ao exercício da sexualidade, uma vez que a virilidade é uma característica desejável entre os homens (Amaral, 2005; DaMatta, 2010).

Confluindo com a subalternidade de gênero, há a subalternidade de geração, a qual determina o estabelecimento de relações hierárquicas e desiguais entre adultos e adolescentes. Essas relações dificultam o desenvolvimento da autonomia dos adolescentes e de intervenções

que poderiam auxiliá-los, além de aumentar a vulnerabilidade dos mesmos à violência (Gessner, Brancaglioni, Fonseca, 2015).

Desta maneira, as dificuldades mencionadas impediram a participação de maior número de adolescentes e podem ter determinado a predominância de participantes a partir de 18 anos, idade na qual não é necessário obter autorização dos pais para participar do estudo. Consequentemente, o conhecimento sobre as vivências dos adolescentes com menos de 18 anos quanto à violência por parceiro íntimo foi prejudicado, impossibilitando a comparação da violência sofrida e perpetrada nas diferentes faixas etárias.

7 CONCLUSÕES

7 CONCLUSÕES

Conclui-se que os resultados obtidos no presente estudo contribuíram para ampliar o conhecimento sobre a violência por parceiro íntimo na adolescência na perspectiva das categorias gênero, violência de gênero e geração, sendo úteis para a assistência aos adolescentes que vivenciam ou perpetram essa violência e para o desenvolvimento de estratégias de prevenção e enfrentamento desse fenômeno. Entretanto, a impossibilidade de comparar a violência sofrida e perpetrada nas diferentes faixas etárias constituiu uma limitação deste estudo. Devido às dificuldades encontradas na coleta de dados, determinadas possivelmente pela subalternidade de gênero e geração a que estão submetidos os adolescentes, a amostra foi composta predominantemente por pessoas com idade de 18 a 19 anos.

Apesar disso, os objetivos do estudo foram alcançados. Os resultados indicaram a categoria gênero como determinante da construção da sexualidade de meninos e meninas adolescentes. Assim, as características das relações de intimidade estabelecidas entre adolescentes corresponderam a aspectos socialmente valorizados nas construções hegemônicas de gênero.

Conclui-se que a violência por parceiro íntimo na adolescência é um fenômeno frequente e que faz parte da realidade de adolescentes de diferentes classes sociais. Possui elevada magnitude e gravidade, incluindo a vivência e perpetração de violência psicológica, sexual e física. Recomenda-se que os profissionais de saúde envolvidos na assistência a adolescentes incluam a investigação da violência por parceiro íntimo nas atividades assistenciais desenvolvidas junto aos adolescentes, uma vez que a vivência e perpetração das agressões pode ser naturalizada e legitimada.

Em tais situações, os resultados também revelam que questionar os adolescentes quanto aos tipos de agressões que podem ser sofridas ou perpetradas nas relações de intimidade é uma estratégia que facilita a identificação de situações de vivência e perpetração de violências entre parceiros íntimos, tendo em vista que muitos adolescentes não se reconhecem enquanto vítimas ou agressores. Entretanto, a literatura aponta que sentimentos como vergonha e medo podem inibir os relatos dos adolescentes. Dessa maneira, faz-se necessário também o desenvolvimento de estratégias de prevenção e de enfrentamento dessas violências junto aos adolescentes.

Os resultados possibilitaram a confirmação da hipótese de que a violência por parceiro íntimo na adolescência é determinada pelas categorias gênero, violência de gênero e geração. Conclui-se que a violência por parceiro íntimo na adolescência constitui uma forma precoce de violência de gênero, uma vez que envolve relações de dominação-subordinação determinadas pela construção histórica e social da masculinidade e feminilidade hegemônicas. Assim, compreende-se que a ideologia androcêntrica, enquanto elemento da superestrutura social, constitui uma violência construída estruturalmente e que perpassa as relações de intimidade estabelecidas entre adolescentes, determinando a desigualdade de poder entre os sexos e a manutenção da hegemonia masculina.

Observou-se que as agressões sofridas e perpetradas entre adolescentes são determinadas pela construção histórica e social do masculino e feminino. Dessa maneira, a diferença sexual assume significado social e conforma diferentes padrões de agressões sofridas e perpetradas por meninos e meninas adolescentes.

Embora os resultados tenham apontado que as adolescentes do sexo feminino perpetraram mais agressões do que os adolescentes do sexo masculino, são necessários novos estudos sobre o tema a fim de ampliar a compreensão sobre como as construções de gênero podem determinar a naturalização das agressões perpetradas nas relações de intimidade entre adolescentes e o relato de tais agressões.

Também são necessárias novas pesquisas a fim de ampliar o entendimento sobre a relação entre as desigualdades de gênero, vivenciadas pelas meninas tanto no âmbito público quanto no âmbito privado, e as maiores frequências de perpetração de violência entre as adolescentes do sexo feminino. Conclui-se também que as agressões perpetradas pelas meninas podem estar relacionadas à autodefesa em resposta às agressões sofridas. Dessa maneira, são necessários estudos científicos a fim de ampliar a compreensão sobre esse fenômeno.

As construções de gênero também parecem determinar a naturalização e a legitimação da violência por parceiro íntimo na adolescência, uma vez que estereótipos de gênero sobre o papel de homens e mulheres nas relações de intimidade podem ser compreendidos como parte de uma suposta natureza feminina ou masculina, e não como determinados pela construção histórica e social das relações de poder entre os sexos.

Quanto à categoria geração, embora os resultados apontem que a violência por parceiro íntimo na adolescência é um fenômeno predominantemente intrageracional, observou-se que a maioria das adolescentes do sexo feminino estabelece relações de intimidade com parceiros mais velhos, o que pode determinar maior vulnerabilidade à violência por parceiro íntimo,

devido à confluência das subalternidades de gênero e geração. Esses resultados necessitam ser considerados na elaboração de estudos futuros, a fim de esclarecer qual a magnitude da violência por parceiro íntimo vivenciada por essas adolescentes, uma vez que a diferença de idade entre os parceiros pode aumentar a desigualdade de poder existente entre os sexos e determinar maior vitimização das meninas.

A categoria geração também permitiu a compreensão das vulnerabilidades determinadas pelo contexto histórico e social no qual estão inseridos os participantes. Assim, considera-se que a vivência das primeiras relações de intimidade em uma sociedade androcêntrica pode determinar maior vulnerabilidade à vivência e perpetração de violência por parceiro íntimo na adolescência. Compreendeu-se também que a desigualdade de poder entre as gerações também pode determinar maior vulnerabilidade dos adolescentes à violência por parceiro íntimo, uma vez que adolescentes de ambos os sexos ocupam posições de subalternidade social. Dessa maneira, a visão adultocêntrica dificulta o reconhecimento dos direitos e competências de adolescentes, determinando a manutenção de relações hierárquicas entre adultos e adolescentes.

Além disso, a categoria geração mostrou-se importante para a compreensão da violência por parceiro íntimo na adolescência, uma vez que revela o impacto das transformações históricas e sociais nas relações de intimidade estabelecidas entre adolescentes, bem como o surgimento de novas formas de perpetração e vivência de agressões determinadas por transformações históricas e sociais. Assim, com o advento da internet, surgiram também novas formas de interação entre os adolescentes e a perpetração e vivência de violências passam a ocorrer também nas interações virtuais.

Foram identificados conhecimentos que dificultam a busca de ajuda para o enfrentamento da violência e podem estar relacionados à maior vulnerabilidade em sofrer ou perpetrar agressões nas relações de intimidade. Dessa maneira, são necessários novos estudos a fim de que se possa compreender a relação entre esses conhecimentos e as violências sofridas e perpetradas entre adolescentes no âmbito das relações de intimidade, bem como para que se possa entender a relação entre esses conhecimentos e a naturalização e legitimação de agressões.

De outra parte, o estudo também revelou conhecimentos que parecem favorecer a prevenção e o enfrentamento da violência por parceiro íntimo na adolescência, como o reconhecimento de direitos nas relações de intimidade e os conhecimentos sobre as consequências da violência por parceiro íntimo na adolescência. Portanto, são necessárias

novas pesquisas a fim de esclarecer a relação entre esses conhecimentos e o reconhecimento, prevenção e enfrentamento da violência por parceiro íntimo na adolescência.

Os resultados revelaram a pertinência e necessidade de intervenções realizadas desde o início da adolescência, com foco na equidade de gênero e geração, visando à prevenção e ao enfrentamento da violência por parceiro íntimo na adolescência, uma vez que é nessa faixa etária que a maioria dos participantes de ambos os sexos afirmaram vivenciarem as primeiras relações de intimidade e o início da vida sexual.

Dessa maneira, conclui-se que as intervenções de prevenção e enfrentamento da violência por parceiro íntimo na adolescência necessitam contemplar a articulação entre as diferentes naturezas de violência sofridas e perpetradas nas relações de intimidade, bem como a mutualidade das agressões. Além disso, faz-se necessária a problematização do impacto das agressões sofridas e perpetradas na qualidade de vida e saúde dos parceiros, bem como o desenvolvimento de estratégias pacíficas de resolução de conflitos junto aos adolescentes, a fim de diminuir a magnitude desse fenômeno e os desgastes à saúde de adolescentes.

Tendo em vista o papel das categorias gênero e violência de gênero na determinação das agressões sofridas e perpetradas entre parceiros íntimos adolescentes, bem como na naturalização e legitimação dessas agressões, também se considera imprescindível que as intervenções abordem a compreensão da construção histórica e social das masculinidades e feminilidades, bem como a problematização e compreensão da ideologia androcêntrica. Conclui-se que as categorias gênero e violência de gênero constituem conhecimentos potentes para diminuir a magnitude da violência por parceiro íntimo na adolescência e para ampliar o reconhecimento das agressões sofridas e perpetradas no âmbito das relações de intimidade, diminuindo a naturalização e legitimação de violências. As categorias gênero e violência de gênero também são potentes para possibilitar a construção de conhecimentos fundamentos na equidade de gênero, permitindo assim maior liberdade e autonomia para meninas e meninos adolescentes.

Considerando que diferentes instituições sociais estão impregnadas da ideologia androcêntrica, as famílias, as escolas e os serviços de saúde constituem espaços de reprodução dessa ideologia. Portanto, a problematização e compreensão da dominação masculina também é limitada entre adultos, o que pode determinar que familiares e profissionais da saúde e educação também naturalizem e legitimem a violência por parceiro íntimo na adolescência, dificultando assim o enfrentamento desse fenômeno.

Dessa maneira, são necessários estudos científicos a fim de que se possa conhecer e compreender, na perspectiva das categorias gênero, violência de gênero e geração, a

percepção de familiares e profissionais da saúde e educação sobre a violência por parceiro íntimo na adolescência. Esses estudos são essenciais para possibilitar o desenvolvimento de intervenções específicas a esses sujeitos, com o objetivo de facilitar a identificação, prevenção e enfrentamento em rede da violência por parceiro íntimo na adolescência.

Tendo em vista as limitações impostas pelo modelo biomédico à prevenção e ao enfrentamento das diferentes formas de violência pelo setor saúde, considera-se que a teoria da determinação social do processo saúde-doença constitui um conhecimento potente para a prevenção e o enfrentamento da violência por parceiro íntimo na adolescência. Entretanto, conclui-se também que são necessárias transformações no nível estrutural, com políticas que reconheçam as desigualdades de gênero e geração e possibilitem a diminuição dessas desigualdades. Entre tais políticas, os resultados deste estudo, corroborados por estudos nacionais e internacionais, evidenciam a urgente necessidade de inclusão da violência por parceiro íntimo na adolescência nas políticas destinadas a este grupo social.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

Amaral MA. Entre o desejo e o medo: oficinas de trabalho como espaço de reflexão e empoderamento de adolescentes [tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2005.

Araújo MF, Schraiber LB, Cohen DD. Penetração da perspectiva de gênero e análise crítica do desenvolvimento do conceito na produção científica da Saúde Coletiva. Interface. 2011; 15(38):805-18.

Bauman Z. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. [Internet]. Rio de Janeiro: Editora Zahar; 2004 [cited 2015 jan 17]. Available from SciELO Books http://books.scielo.org.

Bergamim MD, Borges ALV. Fatores associados à iniciação sexual entre adolescentes da zona oeste do município de São Paulo. Rev Gaúcha Enferm. 2009; 30(3):420-8.

Bezerra EO, Pereira MLD, Chaves ACP, Monteiro PV. Representações sociais de adolescentes acerca da relação sexual e do uso do preservativo. Rev Gaucha Enferm. 2015; 36(1):84-91.

Bourdieu P. A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica. Rio de Janeiro: BestBolso; 2014.

Brasil. Ministério da Saúde. Marco legal: saúde, um direito de adolescentes. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

Brasil. Ministério da Saúde. Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violências. Portaria MS/GM n. 737, de 16 de maio 2001. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. [citado 2014 dez 14]. Disponível em: http://matriz.sipia.gov.br/images/acervo/portaria737.pdf.

Campos HM. O sujeito adolescente e o cuidado de si: cenários, significados e sentidos da iniciação sexual e do cuidado com a saúde sexual e reprodutiva [dissertação]. Belo Horizonte: Centro de Pesquisas René Rachou, Fundação Oswaldo Cruz; 2011.

Castro MG. Alquimia de categorias sociais na produção dos sujeitos políticos: gênero, raça e geração entre líderes do Sindicato de trabalhadores domésticos em Salvador. Rev Est Fem. 1992;0(0):57-73.

Castro RJS. Violência no namoro entre adolescentes do Recife: em busca de sentidos [Internet]. Recife: Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz; 2009. [citado 2013 out. 2009]. Disponível em: http://www.cpqam.fiocruz.br/bibpdf/2009castro-rjs.pdf.

Conselho Nacional de Saúde. Brasil. Resolução n° 466, de 12 de dezembro de 2012. Brasília: 2012 [citado 2014 sep. 03]. Disponível em: http://www.conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/index.html

Cutter-Wilson E, Richmond T. Understanding Teen Dating Violence: Practical screening and intervention strategies for pediatric and adolescent healthcare providers. Curr Opin Pediatr. 2011; 23(4):379-83. doi: 8.897/MOP.0b013e32834875d5.

DaMatta R. Tem pente aí?: reflexões sobre a identidade masculina. Enfoques. 2010; 9(1):134-51.

Dixe MACR, Fabião JASAO. N(amor)o (im)perfeito: avaliação de resultados. In: Leitão MNC, Fernandes MID, Fabião JASAO, Sá MCGMA, Veríssimo CMF, Dixe MACR, coordenadoras. Prevenir a violência no namoro - N(amor)o (im)perfeito – Fazer diferente para fazer a diferença. Coimbra: Unidade de Investigação em Ciências da Saúde - Enfermagem; 2013. p. 71-97.

Dixe MACR, Rodrigues AL, Freire C, Rodrigues G, Fernandes M, Dias T. A violência de género na relação de namoro em estudantes do Ensino Superior: práticas e comportamentos de violência. In: Comunicação, VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia; 04 a 06 de fevereiro de 2010; Braga. [citado 2016 jan. 14]. Disponível em: http://hdl.handle.net/10400.8/334.

Feixa C, Leccardi C. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. Soc estado. 2010; 25(2):185-204.

Fernández-Fuertes AA, Fuertes A, Pulido RF. Evaluación de la violencia en las relaciones de pareja de los adolescentes: validación del *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory (CADRI)* – version española. 2006; 6(2): 339-58.

Fernández-Fuertes AA, Fuertes A. Physical and psychological aggression in dating relationships of Spanish adolescents: motives and consequences. 2010; 34(0):183-91.

Fonseca RMGS, Egry EY, Bertolozzi MR. O materialismo histórico e dialético como teoria da cognição e método para a compreensão do processo saúde doença. In: Egry EY, Cubas MR (Org.). O trabalho da Enfermagem em Saúde Coletiva no cenário CIPESC. Curitiba: Associação Brasileira de Enfermagem. 2006. p. 19-61.

Fonseca RMGS, Egry EY, Nóbrega CR, Apostólico MR, Oliveira RNG. Reincidência da violência contra crianças no município de Curitiba: um olhar de gênero. Acta Paul Enferm. 2012; 25(6):895-901.

Fonseca RMGS, Egry EY. Epidemiologia social. In: Garcia TR, Egry EY, editoras. Integralidade da atenção no SUS e sistematização da assistência de enfermagem. Porto Alegre: Artmed; 2010. p. 78-88.

Fonseca RMGS. Gênero como categoria para a compreensão e intervenção no processo saúde-doença. PROENF – Programa de atualização em Enfermagem na saúde do adulto. Porto Alegre: Artmed/Panamericana; 2008, v.3, p. 9-39.

Fonseca RMGS. Gênero e saúde da mulher: uma releitura do processo saúde doença das mulheres. In: Fernandes RAQ, Narchi NZ, organizadoras. Enfermagem e saúde da mulher. 2ª ed. Santana do Parnaíba: Manole; 2012. p. 30-61.

Fonseca RMGS. Mulher, direito e saúde: repensando o nexo coesivo. Saúde Soc. 1999; 8(2):3-32.

Foshee VA et al. Risk and protective factors distinguishing profiles of adolescent peer and dating violence perpetration. J Adolesc Health. 2011; 48(0):344-50.

Foshee VA, Linder F, MacDougall JE, Bangdiwala S. Gender differences in the longitudinal predictors of adolescent dating violence. Prev Med. 2001; 32(2):128-41.

Foshee VA, McNaughton Reyes HL, Ennett ST, Cance JD, Bauman KE, Bowling JM. Assessing the effects of Families for Safe Dates: a family-based teen dating abuse prevention program. J Adolesc Health. 2012; 51(4):349-56. doi: 8.816/j.jadohealth.2011.12.029.

Frieze IH. Violence in close relationships: development of a research area, comment on archer. Psychol Bull. 2000; 126(5): 681-84.

Gessner R, Brancaglioni BCA, Fonseca RMGS. Considerações sobre a saúde do adolescente na Atenção Básica à Saúde. In: Associação Brasileira de Enfermagem; Kalinowski CE, Crozeta K, Costa MFBNA, organizadores. PROENF Programa de Atualização em Enfermagem: Atenção Primária à Saúde e Saúde da Família: Ciclo 4. Porto Alegre: Artmed Panamericana; 2015. p. 75-106. (Sistema de Educação Continuada a Distância, v. 1).

Gessner R. Violência contra o adolescente: uma análise à luz das categorias gênero e geração [Dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2013.

Gil AC. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6ª ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Editora Atlas; 2011.

Grossman E. A construção do conceito de adolescência no Ocidente. Adolesc saúde. 2010; 7(3):47-51.

Guedes RN, Silva ATMC, Fonseca RMGS. A violência de gênero e o processo saúde-doença das mulheres. Esc Anna Nery. 2009; 13(3): 625-31.

Guedes RN. Violência conjugal: problematizando a opressão das mulheres vitimizadas sob o olhar de gênero [dissertação]. João Pessoa: Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal da Paraíba; 2006.

Hickman LJ, Jaycox LH, Aronoff J. Dating Violence among adolescents: prevalence, gender distribution and prevention program effectiveness. Trauma Violence Abuse. 2004; 5(2):123-142. DOI: 8.1177/1524838003262332.

Horta NC, Sena RR. Abordagem ao adolescente e ao jovem nas políticas de saúde no Brasil: um estudo de revisão. Physis. 2010; 20(2):475-95.

Hugo et al. Fatores relacionados à idade da primeira relação sexual em jovens: estudo de base populacional. Cad. Saúde Pública. 2011; 27(11): 2207-14.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar: 2012. 2013 [internet]. Rio de Janeiro; 2013. [citado 2016 jan. 04]. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv64436.pdf .

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. [Internet]. Censo 2010. [citado 2015 mai 05]. Disponível em: http://ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/total_populacao_sao_paulo.pdf.

IPARDES. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. Caderno Estatístico Município Curitiba [internet]. Curitiba; 2015. [citado 2015 dez.03]. Disponível em: http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=80000.

IPARDES. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. Anuário Estatístico do Estado do Paraná [internet]. Curitiba; 2013. [citado 2015 dez.03]. Disponível em: http://www.ipardes.pr.gov.br/anuario_2013/index.html.

IPPUC. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba [internet]. Curitiba; 2012. [citado 2015 dez. 06]. Disponível em: http://www.ippuc.org.br/default.php.

IPPUC. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. População: análise censo 2010 [internet]. Curitiba; 2012. [citado 2015 dez.03]. Disponível em: http://www.ippuc.org.br/default.php.

IPPUC. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. Região Metropolitana de Curitiba: PNAD [internet]. Curitiba; 2011. [citado 2015 dez.03]. Disponível em: http://www.ippuc.org.br/default.php.

Jácome ML. Apontamentos sobre a ação dos movimentos de mulheres por direitos no Brasil na segunda metade do século XX. In: Romano J, Athias R (Orgs.). Olhar crítico sobre participação e cidadania: trajetórias de organização e luta pela redemocratização e governança no Brasil. São Paulo: Editora Expressão Popular; 2007.p. 187-221.

Jezl DR, Molidor CE, Wright TL. Physical, sexual and psychological abuse in High School Dating Relationships: prevalence rates and self-esteem issues. 1996; 13(1):69-87.

Louro GL. Nas redes do conceito de gênero. In: Lopes MJM, Meyer DE, Waldow VR (Orgs.). Gênero e saúde. Porto Alegre: Artes Médicas; 1996. p. 7-18.

Marinho LFB, Aquino EML, Almeida MCC. Práticas contraceptivas e iniciação sexual entre jovens de três capitais brasileiras. Cad. Saúde Pública. 2009; 25(2):S227-39.

Matos M, Féres-Carneiro T, Jablonski B. Adolescência e relações amorosas: um estudo sobre jovens das camadas populares cariocas. Interação Psicol. 2005; 9(1): 21-33.

Meyer DE. Do poder ao gênero: uma articulação teórico-analítica. In: Lopes MJM, Meyer DE, Waldow VR (Orgs.). Gênero e saúde. Porto Alegre: Artes Médicas; 1996. p. 41-51.

Meyer DE. Teorias e políticas de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais. Rev Bras Enferm. 2004; 57(1):13-8.

Miller E, Decker MR, Raj A, Reed E, Marable D, Silverman JG. Intimate partner violence and health care-seeking patterns among female users of urban adolescent clinics. 2010; 14(0):98-17. doi: 8.807/s8995-009-0520-z.

Minayo MCS, Assis SG, Njaine K, organizadoras. Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do "ficar" entre jovens brasileiros. [Internet]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; 2011 [cited 2013 out. 07]. Available from SciELO Books http://books.scielo.org.

Minayo MCS. A inclusão da violência na agenda da saúde: trajetória histórica. Ciênc saúde colet. 2007; 11(Sup):1259-67.

Minayo MCS. Violência e saúde. [Internet]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; 2006 [cited 2014 dez 03]. Available from SciELO Books http://books.scielo.org.

Mota BGN. Pornografia de vingança em redes sociais: perspectivas de jovens vitimadas e as práticas educativas digitais [Dissertação]. Fortaleza: Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará; 2015.

Muñoz-Rivas MJ, Graña JL, O'Leary KD, González MP. Aggression in Adolescent Dating Relationships: prevalence, justification, and health consequences. J Adolesc Health. 2007; 40(0):298-304.

Murphy KA, Smith DI. Adolescent girls' responses to warning signs of abuse in romantic relationships: implications for youth-targeted relationship violence prevention. J Interpers Violence. 2010; 25(4):626-47.

Murta SG et al. Prevenção à violência no namoro e promoção de habilidades de vida em adolescentes. Psicol USP. 2013; 24(2): 263-288.

Nakamura E, Egry EY, Campos CMS, Nichiata LYI, Chiesa AM, Takahashi RF. O potencial de um instrumento para o reconhecimento de vulnerabilidades sociais e necessidades de saúde: saberes e práticas em saúde coletiva. Online Rev. Latino-Am. Enfermagem. 2009 [citado 2015 dez. 29]; 17(2). Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v17n2/pt_18.pdf.

Nascimento FS, Cordeiro RLM. Violência no namoro para jovens moradores de Recife. Psicol. Soc. 2011; 23(3):516-25.

National Clearinghouse on Family Violence (NCFV). Violence in Dating Relationships: An Overview Paper. Ottawa: Public Health Agency of Canada; 2006. [citado 2013 out. 8]. Disponível em: http://www.phac-aspc.gc.ca/ncfv-cnivf/sources/fem/fem-relations/index-eng.php.

Nogueira C, Saavedra L, Costa C. A (in)visibilidade do género na sexualidade juvenil: propostas para uma nova concepção sobre a educação sexual e a prevenção de comportamentos sexuais de risco. Pro-Posições. 2008; 19(2):59-79.

Oliveira DC, Gomes AMT, Marques SC, Thiengo MA. "Pegar", "ficar" e "namorar": representações sociais de relacionamentos entre adolescentes. Rev Bras Enferm. 2007; 60(5): 497-502.

Oliveira EM. O feminismo desconstruindo e re-construindo o conhecimento. Rev Est Fem. 2008; 16(1):229-45.

Oliveira MAC, Egry EY. A adolescência como um constructo social. Rev Bras Cresc Desenv Hum. 1997; 7(2):20-7.

Oliveira RNG, Fonseca RMGS, Gessner R, Souza V. Avaliação da construção do conhecimento no campo sexual e reprodutivo de adolescentes por meio de jogo on line. In: Anais do 4º Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa; 2015 ago. 5-7; Aracaju [Internet]. Aracaju: Universidade Tiradentes; 2015. [citado 2016 jan. 10]. Disponível em: http://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/95.

Oliveira RNG, Fonseca RMGS. A violência como objeto de pesquisa e intervenção no campo da saúde: uma análise a partir da produção do Grupo de Pesquisa Gênero, Saúde e Enfermagem. Rev Esc Enferm USP. 2014; 48(Esp2):32-39.

Oliveira RNG, Gessner R, Brancaglioni BCA, Fonseca RMGS, Egry EY. A prevenção da violência por parceiro íntimo na adolescência: uma revisão integrativa. Rev Esc Enferm USP. No prelo, 2016.

Oliveira RNG. Violência de gênero e necessidades em saúde: limites e possibilidades da Estratégia Saúde da Família [tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2011.

Organização Mundial de Saúde. Mulheres e saúde: evidências de hoje, agenda de amanhã. Geneva: World Health Organization; 2009. [citado 2015 jan. 20]. Disponível em: http://www.who.int/eportuguese/publications/Mulheres_Saude.pdf?ua=1.

Organização Mundial de Saúde. Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: ação e produção de evidência. Geneva: World Health Organization; 2012. [citado 2015 jan. 06]. Disponível em: http://apps.who.int/iris/bitstream/8665/44350/3/9789275716359_por.pdf.

Ortega R, Rivera FJO, Sánchez V. Violencia sexual entre compañeros y violencia en parejas adolescentes. Rev Int Psicol Ter Psicol. 2008; 8(1):63-72.

Osis MJD, Duarte GA, Faúndes A. Violência entre usuárias de unidades de saúde: prevalência, perspectiva e conduta de gestores e profissionais. Rev Saúde Pública. 2012; 46(2):351-8.

Peres F, Rosenburg CP. Desvelando a concepção de adolescência/adolescente presente no discurso da saúde pública. Saúde Soc. 1998; 7(1):53-86.

Pradubmook-Sherer P. Youth attitudes toward dating violence in Thailand. Int J Offender Ther Comp Criminol. 2011; 55(2):182-206. doi: 10.1177/0306624X09360659.

Prospero M. The Role of Perceptions in Dating Violence Among Young Adolescents. J Interpers Violence. 2006; 21(4):470-84.

Qvortrup J. A infância enquanto categoria estrutural. Educ Pesqui. 2010; 36(2):631-43.

Richmond LS, Peterson DJ, Betts SC.The evolution of an evaluation: a case study using the tribal participatory research model. Health Promot Pract. 2008; 9(4):368-77.

Rosa AG, Boing AF, Büchele F, Oliveira WF, Coelho EBS. A violência conjugal contra a mulher a partir da ótica do homem autor da violência. Saúde Soc. 2008; 17(3):152-60.

Ruzany MH, Taquette SR, Oliveira RG, Meirelles ZV, Ricardo IB. A violência nas relações afetivas dificulta a prevenção de DST/Aids? J Pediatr. 2003; 79(4): 349-354.

Saffioti HIB. No fio da navalha: violência contra crianças e adolescentes no Brasil. In: Madeira FR. Quem mandou nascer mulher? Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos tempos; 1997. p.137-211.

Schoenmaker MC, Fonseca RMGS, Fornari LF, Gessner R. Percepções de adolescentes sobre a violência nas relações de intimidade. XIX Mostra de monografias; 2015 dez. 7-8; São Paulo [Internet]. São Paulo: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. [citado 2016 fev. 12]. Disponível em: http://www.ee.usp.br/ensino/monografia/exibe_detalhe_monografia.asp?VarCodMono=689.

Schraiber et al. Violência contra mulheres entre usuárias de serviços públicos de saúde da grande São Paulo. Rev Saúde Públ. 2007; 41(3):359-67.

Schraiber LB, Gomes R, Couto MT. Homens e saúde na pauta da Saúde Coletiva. Ciênc Saúde Colet. 2005; 10(1):7-17.

Scott J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Recife: SOS Corpo; 1991.

Silva SP. Considerações sobre o relacionamento amoroso entre adolescentes. Cad Cedes. 2002; 22(57):23-43.

Silverman JG, Raj A, Mucci LA, Hathaway JE. Dating Violence Against Adolescent Girls and Associated Substance Use, Unhealthy Weight Control, Sexual Risk Behavior, Pregnancy, and Suicidality. JAMA. 2001; 286(5): 572-79.

Soares CB, Avila LK, Salvetti MG. Necessidades (de saúde) de adolescentes do D.A. Raposo Tavares, SP, referidas à família, escola e bairro. Rev Bras Cresc Des Hum. 2000; 8(2):19-34.

Soares JSF. Violência nas relações afetivo-sexuais entre adolescentes do ensino médio de escolas públicas e privadas de Porto Alegre: prevalência e redes de apoio [Dissertação]. Porto Alegre: Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2012.

Sullivan TN, Erwin EH, Helms SW, Masho SW, Farrell AD. Problematic situations associated with dating experiences and relationships among urban african american adolescentes: a qualitative study. 2010; 31:365-78.

Swart LA, Stevens MSG, Ricardo I. Violence in adolescents' romantic relationships: findings from a survey amongst school-going youth in a South African community. 2002; 25(0):385-95. doi: 8.806/jado.2002.0483.

Taquette SR, Ruzany MH, Meirelles Z, Ricardo I. Relacionamento violento na adolescência e risco de DST/AIDS. Cad Saúde Pública. 2003; 19(5): 1437-1444.

Thongpriwan V, McElmurry BJ. Thai female adolescents' perceptions of dating violence. Health Care Women Int. 2009; 30(8):871-91. doi:8.880/07399330903066392.

Trapé CA. Operacionalização do conceito de classes sociais em epidemiologia crítica: uma proposta de aproximação a partir da categoria reprodução social [Tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2011.

Verona APA, Dias Júnior CS. Religião e fecundidade entre adolescentes no Brasil. Rev Panam Salud Publica. 2012; 31(1):25-31.

Waiselfisz JJ. Homicídios e juventude no Brasil: mapa da violência 2013. Brasília; 2013. [citado 2015 jan. 12]. Disponível em: http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2013/mapa2013_homicidios_juventude.pdf.

Waiselfisz JJ. Mapa da violência 2012. Atualização: homicídios de mulheres no Brasil. Rio de Janeiro; 2012. [citado 2013 out. 14]. Disponível em: http://mapadaviolencia.org.br/mapa2012_mulheres.php.

Wiklund M, Malmgren-Olsson EB, Bengs C, Ohman A. "He messed me up": Swedish adolescent girls' experiences of gender-related partner violence and its consequences over time. Violence Against Women. 2010; 16(2):207-32. doi: 8.1177/877801209356347.

Wolfe DA, Scott K, Reitzel-Jaffe D, Wekerle C, Grasley C, Straatman AL. Development and validation of the Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory. Psychol Assess. 2001; 13(2):277-93.

World Health Organization. Global and regional estimates of violence against women prevalence and health effects of intimate partner violence and non-partner sexual violence. Geneva: World Health Organization; 2013. [citado 2013 out. 20]. Disponível em: http://apps.who.int/iris/bitstream/8665/85239/1/9789241564625_eng.pdf.

World Health Organization. Responding to intimate partner violence and sexual violence against women: WHO clinical and policy guidelines. Geneva: World Health Organization; 2013. [citado 2015 mai. 05]. Disponível em: http://www.who.int/reproductivehealth/publications/violence/9789241548595/en/.

World Health Organization. World report on violence and health. Geneva: World Health Organization; 2002. [citado 2015 jan. 06]. Disponível em: http://whqlibdoc.who.int/publications/2002/9241545615_eng.pdf?ua=1.

APÊNDICES

APÊNDICES

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

PESQUISA "VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO NA ADOLESCÊNCIA: UMA ANÁLISE NA PERSPECTIVA DAS CATEGORIAS GÊNERO, VIOLÊNCIA DE GÊNERO E GERAÇÃO"

Caro aluno e aluna,

Este questionário é sobre algumas experiências que os adolescentes vivenciam com namorados, namoradas ou "ficantes". O questionário é anônimo, ou seja, você **NÃO PRECISA COLOCAR SEU NOME**. Desta maneira, ninguém irá saber quem respondeu cada questionário, nem mesmo a pesquisadora.

Todos os questionários serão guardados pela pesquisadora da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EE USP). Ninguém da sua escola, da sua família ou seus amigos terá acesso às informações contidas nele.

Nesse questionário **não existem respostas certas ou erradas**, por isso, o importante é ser sincero na hora de responder. Todas as perguntas são individuais e dizem respeito somente a você, desta maneira, pedimos que você não converse ou faça comentários com amigos ou colegas enquanto vocês estiverem respondendo às questões. Leia com atenção cada pergunta e suas opções de resposta. **Por favor, não deixe de responder nenhuma questão**.

Lembramos que você não é obrigado a participar dessa pesquisa e não será prejudicado caso desista de participar. No entanto, gostaríamos muito de contar com a sua colaboração. Se você não quiser participar, por favor, deixe seu questionário em branco.

Agradecemos a sua participação!

GRUPO I: DADOS SOCIOECONÔMICOS, ACADÊMICOS E FAMILIARES

POR FAVOR, INFORME:

Escola: _____Turma:_____

Data de hoje: _____/_____/2015

1. Qual é seu sexo?

1 □ Masculino
2 □ Feminino

2. Qual a sua idade? _____ anos

3. Qual a sua nacionalidade (país onde nasceu)?

1 □ Brasil
2 □ Portugal
3 □ Espanha
4 □ Outra: _____

4. Qual a cor da sua pele?

1 □ Branca
2 □ Preta
3 □ Parda
4 □ Amarela/indígena

5. Qual a sua procedência (cidade onde você vive)?

1 □ Guarulhos
2 □ Rio de janeiro
3 □ Curitiba
4 □ Outra: _____

6. Em qual zona você vive?

1 □ Urbana
2 □ Rural

7. Qual é a sua religião?

1 □ Não tenho religião
2 □ Católica
3 □ Evangélica
4 □ Protestante
5 □ Espírita
6 □ Outra: _____

8. Quais pessoas moram na mesma casa que você? (Por favor, marque sim **ou** não **para cada uma** das alternativas)

8.a. Pai	1□Sim	2□Não	**8.f.**Irmãos/irmãs	1 □ Sim	2 □ Não
8.b.Mãe	1□Sim	2□Não	**8.g.**Amigos/colegas	1 □ Sim	2 □ Não
8.c. Padrasto	1□Sim	2□Não	**8.h.**Marido/esposa	1 □ Sim	2 □ Não
8.d. Madrasta	1□Sim	2□Não	**8.i.**Moro sozinho	1 □ Sim	2 □ Não
8.e. Avós	1□Sim	2□Não	**8.j.**Outros parentes	1 □ Sim	2 □ Não

9. Contando com você, quantas pessoas vivem na mesma casa em que você mora?_____

10. Quantos cômodos tem a casa onde você mora?_____

11. Você trabalha atualmente?

1 □ Não.
2 □ Sim, recebendo salário/remuneração.
3 □ Sim, mas não recebo salário/remuneração.

12. Em que você trabalha?_____

13. Quanto você ganha por mês? _____

14. Em relação aos estudos, seus pais ou responsáveis concluíram:

14.a. Pai ou responsável do sexo masculino:	**14.b. Mãe ou responsável do sexo feminino:**
□ Não sabe ler ou escrever	□ Não sabe ler ou escrever
□ Concluiu o Ensino Fundamental I (1ª a 4ª série)	□ Concluiu o Ensino Fundamental I (1ª a 4ª série)
□ Concluiu o Ensino Fundamental II (5ª a 8ª série)	□ Concluiu o Ensino Fundamental II (5ª a 8ª série)
□ Concluiu o Ensino Médio	□ Concluiu o Ensino Médio
□ Concluiu o Ensino Superior	□ Concluiu o Ensino Superior
□ Não sei	□ Não sei
□ Não tenho pai ou responsável do sexo masculino	□ Não tenho mãe ou responsável do sexo feminino

GRUPO II: CARACTERIZAÇÃO DAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE

PARTE A: AS PRÓXIMAS QUESTÕES DIZEM RESPEITO A SUA OPINIÃO E SUAS EXPERIÊNCIAS COM NAMORADOS, NAMORADAS OU "FICANTES".

1. Você já namorou ou "ficou" com pessoa:

1 □ Do mesmo sexo
2 □ Do sexo diferente
3 □ Do mesmo sexo e de sexo diferente

2. Em que idade você começou a namorar ou a "ficar"?_____

3. Até hoje, com quantas pessoas você já "ficou" ou namorou? _____

4. Você já transou alguma vez na sua vida?

1 □ Sim. Idade da 1ª vez: _____ anos
2 □ Não (Se você respondeu não, continue a responder na **PARTE B**)

5. Com quantas pessoas você já transou na vida?_____

6. Hoje em dia, nas suas relações, você transa:

1 □ Apenas com um parceiro (a) fixo (a)
2 □ Com parceiros não fixos

3 □ Com um parceiro(a) fixo(a) e com parceiros não fixos

7. Você já transou com:

1 □ Pessoas do mesmo sexo
2 □ Pessoas do sexo oposto
3 □ Ambos

PARTE B: Pense em uma pessoa com quem você "fica" ou namora atualmente ou já "ficou"/namorou. TODAS AS PRÓXIMAS QUESTÕES SERÃO SOBRE ESSA PESSOA.

8. Eu estou pensando:

1 □ Em alguém que estou namorando ou "ficando" atualmente
2 □ Na última pessoa com quem namorei ou "fiquei" há menos de um ano
3 □ Na última pessoa com quem namorei ou "fiquei" há mais de um ano
4 □ Em alguém de quem ESTOU noivo ou casado atualmente
5 □ Em alguém de quem FUI noivo ou casado

9. Em relação a essa pessoa que você escolheu:

1 □ Ela tem ou tinha a mesma idade que você
2 □ Ela é ou era mais velha que você
3 □ Ela é ou era mais nova que você

10. Quanto tempo dura ou durou essa relação?

_____ Semanas ou ____ Meses ou ____ Anos

11. Quanto ao sexo, esta pessoa em que você está pensando:

1 □ Tem o mesmo sexo que você
2 □ Tem sexo diferente do seu

12. Quantos anos você tinha quando iniciou a relação com essa pessoa? ___

13.Em relação a essa pessoa que você escolheu, com que frequencia vocês costumam/costumavam discutir/brigar?

1 □ Sempre
2 □ Muitas vezes
3 □ Poucas vezes
4 □ Nunca

14. Você já foi vítima ou agrediu a pessoa com quem "ficou" ou namorou? (Por favor, marque sim **ou** não **para cada uma** das alternativas)

14. a. Vítima:			**14. b. Agressor:**		
Física	1□ Sim	2□ Não	Física	1 □ Sim	2 □ Não
Psicológica	1□ Sim	2□ Não	Psicológica	1 □ Sim	2 □ Não
Sexual	1□ Sim	2□ Não	Sexual	1 □ Sim	2 □ Não

GRUPO III: **INVENTÁRIO DE CONFLITOS NOS RELACIONAMENTOS DE NAMORO ENTRE ADOLESCENTES (CADRI)**

As próximas questões perguntam sobre coisas que podem ter acontecido durante uma briga entre você e a pessoa com quem você "fica" ou namora. Observe o quadro abaixo e responda às perguntas de 1 a 35 de acordo com o item que melhor se aproxima de quantas vezes essas situações ocorreram entre você e a pessoa com quem você "fica" ou namora atualmente ou "ficou"/namorou.

SEMPRE: aconteceu 6 vezes ou mais nesse relacionamento
ÀS VEZES: aconteceu entre 3 e 5 vezes nesse relacionamento
RARAMENTE: aconteceu 1 ou 2 vezes nesse relacionamento
NUNCA: nunca aconteceu nesse relacionamento

	SEMPRE	**ÀS VEZES**	**RARAMENTE**	**NUNCA**
1.a.**Eu** justifiquei os meus argumentos				
1.b.**Ele/Ela** justificou os seus argumentos				
2.a.**Eu** o/a toquei sexualmente quando ele/ela não queria				
2.b.**Ele/Ela** me tocou sexualmente quando eu não queria				
3.a.**Eu** tentei virar seus amigos contra ele/ela				
3.b.**Ele/Ela** tentou virar meus amigos contra mim				

4.a.**Eu** fiz algo para provocar ciúmes nele/nela				
4.b.**Ele/Ela** fez algo para me fazer ciúmes				
5.a.**Eu** destruí ou ameacei destruir algo de valor para ele/ela				
5.b.**Ele/Ela** destruiu ou ameaçou destruir algo de valor para mim				
6.a.**Eu** disse a ele/ela que eu tinha parte da culpa				
6.b.**Ele/ Ela** disse a mim que ele/ela tinha parte da culpa				
7.a.**Eu** mencionei algo de ruim que ele/ela fez no passado				
7.b.**Ele/Ela** mencionou algo de ruim que eu fiz no passado				
	SEMPRE	**ÀS VEZES**	**RARAMENTE**	**NUNCA**
8.a.**Eu** joguei algo nele/nela				
8.b.**Ele/Ela** jogou algo em mim				
9.a.**Eu** disse coisas somente para deixá-lo (a) com raiva				
9.b.**Ele/Ela** disse coisas somente para me deixar com raiva				
10.a.**Eu** dei as razões pelas quais eu achava que ele/ela estava errado(a).				
10.b.**Ele/Ela** deu as razões pelas quais ele/ela achava que eu estava errada(o).				
11.a.**Eu** concordei que em parte ele/ela estava certo(a)				
11.b.**Ele/Ela** concordou que em parte eu estava certa(o)				
12.a.**Eu** falei com ele/ela em um tom de voz hostil ou maldoso				
12.b.**Ele/Ela** falou comigo em um tom de voz hostil ou maldoso				
13.a.**Eu** forcei ele(a) a fazer sexo quando ele/ela não queria				
13.b.**Ele/ela** me forçou a fazer sexo quando eu não queria				
14.a.**Eu** propus uma solução que eu pensei que faria nós dois felizes				
14.b.**Ele/Ela** propôs uma solução que ele/ela pensou que faria nós dois felizes				
15.a.**Eu** ameacei ele/ela numa tentativa de fazer sexo com ele/ela				
15.b.**Ele/Ela** me ameaçou numa tentativa de fazer sexo comigo				
16.a.**Eu** parei de falar até que nós nos acalmássemos				
16.b.**Ele/Ela** parou de falar até que nós nos acalmássemos				
17.a.**Eu** insultei ele/ela com depreciações				
17.b.**Ele/Ela** me insultou com depreciações				
18.a.**Eu** discuti o assunto calmamente				
18.b.**Ele/Ela** discutiu o assunto calmamente				

19.a.**Eu** beijei ele/ela quando ele/ela não queria				
19.b.**Ele/Ela** me beijou quando eu não queria que ele/ela o fizesse				
20.a.**Eu** disse coisas sobre ele/ela aos seus amigos, para virá-los contra ele/ela				
20.b.**Ele/Ela** disse coisas sobre mim aos meus amigos, para virá-los contra mim				
21.a.**Eu** ridicularizei ou caçoei ele/ela na frente dos outros				
21.b.**Ele/Ela** me ridicularizou ou me caçoou na frente dos outros				
22.a.**Eu** disse a ele/ela o quanto eu estava aborrecida (o)				
22.b.**Ele/Ela** me disse o quanto ele/ela estava aborrecido (a)				
23.a.**Eu** vigiava com quem e onde ele/ela estava				
	SEMPRE	**ÀS VEZES**	**RARAMENTE**	**NUNCA**
23.b.**Ele/Ela** vigiava com quem e onde eu estava				
24.a.**Eu** culpei ele/ela pelo problema				
24.b.**Ele/Ela** me culpou pelo problema				
25.a.**Eu** bati, chutei ou dei um soco nele(a)				
25.b.**Ele/Ela** me bateu, chutou ou deu um soco				
26.a.**Eu** deixei o local para me acalmar				
26.b.**Ele/Ela** deixou o local para se acalmar				
27.a.**Eu** cedi, só para evitar o conflito.				
27.b.**Ele/Ela** cedeu, só para evitar o conflito.				
28.a.**Eu** acusei ele/ela de paquerar outra(o) garota(o)				
28.b.**Ele/Ela** me acusou de paquerar outro(a) garoto(a)				
29.a.**Eu** tentei amedrontar ele/ela de propósito				
29.b.**Ele/Ela** tentou me amedrontar de propósito				
30.a.**Eu** dei um tapa nele/nela ou puxei o cabelo dele(a).				
30.b.**Ele/Ela** me deu um tapa ou puxou o meu cabelo.				
31.a.**Eu** ameacei machucar ele/ela				
31.b.**Ele/Ela** ameaçou me machucar				
32.a.**Eu** ameacei terminar o relacionamento				
32.b.**Ele/Ela** ameaçou terminar o relacionamento				
33.a.**Eu** ameacei bater nele (a) ou jogar alguma coisa nele(a)				
33.b.**Ele/Ela** ameaçou bater em mim ou jogar alguma coisa em mim				
34.a.**Eu** empurrei ou sacudi ele/ela				
34.b.**Ele/Ela** me empurrou ou me sacudiu				
35.a.**Eu** espalhei boatos sobre ele/ela				

35.b.**Ele/Ela** espalhou boatos sobre mim				

GRUPO IV: CONHECIMENTOS SOBRE VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE "FICAR" OU NAMORAR		
A seguir há uma série de frases baseadas nos conhecimentos existentes até o momento sobre a violência nas relações de intimidade entre adolescentes. Queremos saber o que você sabe a respeito disso. Assinale **verdadeiro (V)** ou **falso (F)**, colocando um X na coluna correspondente.		
	V	**F**
1. O ciúme não é causa de violência no namoro.		
2. A violência no namoro acontece porque os (as) namorados (as) pensam que têm o direito de se imporem um ao outro.		
3. O ciúme é uma das principais causas de violência no namoro.		
4. Os rapazes são violentos por natureza.		
5. Existem casos de violência no namoro entre os jovens da minha idade.		
6. A violência no namoro é uma situação pouco frequente.		
7. A violência no namoro não existe.		
8. O ciúme é sinal de amor.		
9. Uma bofetada não faz mal a ninguém.		
10. O álcool é a principal causa de violência no namoro.		
11. As drogas são a principal causa de violência no namoro.		
12. A violência no namoro só aparece nos estratos sociais baixos.		
13. Quando se namora, devemos fazer aquilo que agrada ao outro.		
14. O fim da relação de namoro significa o fim da violência.		
15. A violência pode manter-se após acabar o namoro.		
	V	**F**
16. Um empurrão não é um comportamento violento.		
17. A violência no namoro é facilmente identificável.		
18. Os (As) namorados (as) provocam a violência devido à forma como se vestem.		
19. Só mantém uma relação de namoro violento quem quer.		
20. A violência no namoro provoca isolamento da vítima.		
21. O sentimento de culpa é frequente nas vítimas de violência.		
22. O baixo rendimento escolar é uma consequência frequente da violência no namoro.		
23. A violência no namoro é um problema que só diz respeito ao casal de namorados.		
24. O(a) namorado(a) só controla o outro porque gosta muito dela (e).		
25. Um(a) namorado(a)que gosta do outro não agride.		
26. Temos o direito de escolher os (as) amigos (as) do (a) nosso(a) namorado(a).		
27. Os amigos não comuns prejudicam a relação de namoro.		
28. Zombar das opiniões do(a) namorado(a) não é violência.		
29. Zombar dos interesses do(a) namorado(a) não é violência.		
30. Ainda que namore, tenho direito a manter os meus amigos.		
31. É difícil terminar uma relação de namoro violenta porque o outro faz ameaças drásticas.		
32. A violência entre parceiros não acaba após o casamento.		
33. Exercer o poder sobre o(a) namorado(a) não é violência.		
34. Controlar o (a) meu (minha) namorado (a) é uma manifestação de amor.		
35. Tenho o direito de dar um beijo em meu (minha) namorado (a) sempre que quero.		
36. Se o (a) meu (minha) namorado (a) me contrariar, tenho o direito de gritar com ele (ela), mesmo que seja em público.		
37. O sentimento de raiva gera violência.		
38. A gravidez indesejada pode ser uma consequência da violência no namoro.		
39. Quando um(a) namorado(a)diz que não quer ter atividade sexual está se fazendo de difícil.		
40. Os (As) namorados (as) só podem sair se forem juntos (as).		
41. Os (As) namorados (as) devem vestir-se para agradar um (a) ao (à) outro (a).		

42. Os (As) namorados (as) podem ler as mensagens de celular um (a) do (a) outro (a).		
43. Os (As) namorados (as) devem informar os parceiros sempre onde estão.		
44. Os (As) namorados (as) devem informar os parceiros sempre com quem estão.		
45. A violência no namoro não tem consequências psicológicas.		
46. A violência no namoro só tem consequências físicas.		
47. Obrigar o(a) namorado(a) a iniciar a atividade sexual é uma forma de violência sexual.		
Se você quiser, pode usar as linhas abaixo para escrever alguma coisa que você ache importante sobre a sua vida ou sobre você. Agradecemos sua participação!		

APÊNDICE B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA NA ESCOLA

Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Termo de autorização para a realização da pesquisa na escola

Esta escola e os adolescentes que nela estudam estão sendo convidados a participar da pesquisa "Violência por parceiro íntimo na adolescência", que tem o objetivo de conhecer as características da violência nas relações de intimidade entre adolescentes estudantes de escolas públicas do município de Curitiba - PR. Trata-se de um estudo realizado pela pesquisadora Bianca de Cássia Alvarez Brancaglioni, pós-graduanda da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP), sob orientação da Profª. Drª. Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca. Espera-se que esse estudo contribua para a elaboração de estratégias de prevenção e enfrentamento da violência nas relações de intimidade entre adolescentes, o que será de grande importância para melhorar a assistência à população, inclusive aos adolescentes que estudam nesta escola. Deste modo, para que a pesquisa possa ser desenvolvida nesta escola, precisamos de sua autorização.

A pesquisa utilizará informações coletadas por meio de questionários anônimos preenchidos pelos adolescentes de ambos os sexos, que possuam idade de 15 a 19 anos, que aceitem participar da pesquisa voluntariamente e cujo responsável também autorize a participação do adolescente.Os adolescentes que responderem ao questionário poderão sentir-se envergonhados ou emocionados ao responderem às perguntas, pois elas podem fazê-los lembrar de alguma violência sofrida. Caso seja necessário, será solicitado apoio psicológico especializado.

Caso deseje, você poderá entrar em contato com a pesquisadora Bianca pelo telefone (11)981586208 ou pelo e-mail bianca.brancaglioni@gmail.com. Você também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da EEUSP, o qual aprovou este projeto. O e-mail é edipesq@usp.br e o telefone é (11) 30617548. Você poderá solicitar informações sobre a pesquisa antes, durante e depois do estudo.

A participação do adolescente é voluntária, portanto, não poderá ser imposta nem negociada entre a direção da escola e o adolescente. O questionário a ser respondido pelos

adolescentes foi elaborado para que eles o respondam sem a ajuda de ninguém, em um tempo de aproximadamente 20 minutos. A aplicação dos questionários será de responsabilidade da pesquisadora Bianca, cabendo a ela orientar os adolescentes quanto ao preenchimento correto do questionário. No dia de aplicação dos questionários, será solicitada à escola que disponibilize uma sala de aula ou outro espaço para que os adolescentes respondam às questões.

Nenhuma das despesas necessárias para a realização da pesquisa é de sua responsabilidade ou de responsabilidade de sua instituição. Por autorizar a realização do estudo nesta escola, você ou a escola não receberão qualquer valor em dinheiro ou bens. Será mantido o sigilo das informações obtidas, bem como o anonimato da identidade nominal desta escola. Os dados obtidos nos questionários serão utilizados para fins de pesquisa e divulgação em periódicos e eventos científicos, respeitando-se sempre o sigilo das informações obtidas e o anonimato da identidade nominal desta escola. Fica explicitada também a possibilidade de interrupção da participação da escola na pesquisa a qualquer momento, sem que essa decisão traga quaisquer consequências.

Este termo será assinado em duas vias, uma será arquivada por mim, pesquisadora responsável, e a outra ficará com você, diretor (a) desta escola.

Curitiba,_____ de _____ de 2015.

Nome da escola: _____

Diretor (a):_____

Assinatura: _____

Pesquisadora Responsável: Bianca de Cássia Alvarez Brancaglioni.

Assinatura: _____

Endereço: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Avenida Doutor Enéas de Carvalho Aguiar, 419. CEP: 05403-000. São Paulo-SP.

Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Avenida Doutor Enéas de Carvalho Aguiar, 419. CEP: 05403-000. São Paulo-SP.

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O adolescente pelo qual você é responsável está sendo convidado a participar da pesquisa "Violência por parceiro íntimo na adolescência", que tem o objetivo de conhecer as características da violência nas relações de intimidade entre adolescentes estudantes de escolas públicas do município de Curitiba - PR. Trata-se de um estudo realizado pela pesquisadora Bianca de Cássia Alvarez Brancaglioni, pós-graduanda da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP), sob orientação da Profª. Drª. Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca. Espera-se que esse estudo ajude na prevenção da violência nas relações de intimidade entre adolescentes, o que será muito importante para melhorar a assistência à população, inclusive ao adolescente pelo qual você é responsável.

O adolescente participará do estudo respondendo a um questionário anônimo, isso significa que ele não precisará colocar o nome dele no questionário e que, portanto, ninguém poderá identifica-lo, nem mesmo a pesquisadora. O questionário a ser respondido pelos adolescentes foi elaborado para que eles o respondam sem a ajuda de ninguém, em um tempo de aproximadamente 20 minutos.

O adolescente poderá sentir-se envergonhado ou emocionado ao responder às perguntas do questionário, pois elas podem fazê-lo lembrar de alguma violência sofrida. Caso necessário, será solicitado apoio psicológico especializado. Se você quiser, poderá entrar em contato com a pesquisadora Bianca pelo telefone (11)981586208 ou pelo e-mail bianca.brancaglioni@gmail.com. Você também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da EEUSP, que aprovou este projeto. O e-mail é edipesq@usp.br e o telefone é (11) 30617548. Você poderá pedir informações sobre a pesquisa antes, durante e depois do estudo.

A participação do adolescente é voluntária, por isso, você ou o adolescente não receberão qualquer valor em dinheiro pela participação no estudo. Na hora em que ele não quiser mais fazer parte da pesquisa, poderá solicitar de volta este documento que está assinado agora e não entregar o questionário para a pesquisadora. Se você ou o adolescente não quiserem participar do estudo, isso não trará qualquer tipo de consequência para você, para o

adolescente ou para a escola em que ele estuda. Nenhuma das despesas necessárias para a realização da pesquisa é da sua responsabilidade.

Este termo será assinado em duas vias, uma será arquivada por mim, pesquisadora responsável,e a outra ficará com você, responsável legal pelo adolescente.

Curitiba,_____de_____de 2015.

Nome completo do adolescente:_____

Nome completo do responsável:_____

Assinatura do responsável:_____

Pesquisadora responsável: Bianca de Cássia Alvarez Brancaglioni. Assinatura:_____

Endereço: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Avenida Doutor Enéas de Carvalho Aguiar, 419. CEP: 05403-000. São Paulo-SP.

Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Avenida Doutor Enéas de Carvalho Aguiar, 419. CEP: 05403-000. São Paulo-SP.

APÊNDICE D - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar da pesquisa "Violência por parceiro íntimo na adolescência", que tem o objetivo de conhecer as características da violência nas relações de intimidade entre adolescentes estudantes de escolas públicas do município de Curitiba - PR. Trata-se de um estudo realizado pela pesquisadora Bianca de Cássia Alvarez Brancaglioni, pós-graduanda da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP), sob orientação da Profª. Drª. Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca. Espera-se que esse estudo ajude na prevenção da violência nas relações de intimidade entre adolescentes, o que será muito importante para melhorar a assistência à população, inclusive a você, adolescente.

Você participará do estudo respondendo a um questionário anônimo, isso significa que você não precisará colocar seu nome no questionário, portanto, ninguém poderá identifica-lo, nem mesmo a pesquisadora. O questionário também foi elaborado para que você o responda sem a ajuda de ninguém, em um tempo de aproximadamente 20 minutos.

Você poderá sentir-se envergonhado ou emocionado ao responder às perguntas do questionário, pois elas podem fazer com que você se lembre de alguma violência sofrida. Caso você precise, poderá contar com apoio psicológico especializado. Se você quiser esclarecer alguma dúvida, poderá entrar em contato com a pesquisadora Bianca pelo telefone (11)981586208 ou pelo e-mail bianca.brancaglioni@gmail.com. Você também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da EEUSP, que aprovou este projeto. O e-mail é edipesq@usp.br e o telefone é (11) 30617548. Você poderá pedir informações sobre a pesquisa antes, durante e depois do estudo.

Você não receberá nenhum valor em dinheiro pela sua participação no estudo. Na hora que você não quiser mais fazer parte da pesquisa, poderá solicitar de volta este documento que está assinado agora e não entregar o questionário para a pesquisadora. Se você não quiser participar, isso não trará qualquer tipo de prejuízo para você ou para sua escola. Nenhuma das despesas necessárias para a realização da pesquisa é da sua responsabilidade.

Este termo será assinado em duas vias, uma ficará comigo, pesquisadora responsável, e a outra ficará com você.

Curitiba,_____de_____de 2015.

Participante (nome completo):_____

Assinatura do (a) participante:_____

Pesquisadora responsável: Bianca de Cássia Alvarez Brancaglioni. Assinatura:_____

Endereço: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Avenida Doutor Enéas de Carvalho Aguiar, 419. CEP: 05403-000. São Paulo-SP.

Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Avenida Doutor Enéas de Carvalho Aguiar, 419. CEP: 05403-000. São Paulo-SP.

APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO ADOLESCENTE

Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do adolescente

Você está sendo convidado a participar da pesquisa "Violência por parceiro íntimo na adolescência", que tem o objetivo de conhecer as características da violência nas relações de intimidade entre adolescentes estudantes de escolas públicas do município de Curitiba - PR. Trata-se de um estudo realizado pela pesquisadora Bianca de Cássia Alvarez Brancaglioni, pós-graduanda da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo(EEUSP), sob orientação da Profª. Drª. Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca. Espera-se que esse estudo ajude na prevenção da violência nas relações de intimidade entre adolescentes, o que será muito importante para melhorar a assistência à população, inclusive a você, adolescente.

Você participará do estudo respondendo a um questionário anônimo, isso significa que você não precisará colocar seu nome no questionário, portanto, ninguém poderá identifica-lo, nem mesmo a pesquisadora. O questionário também foi elaborado para que você o responda sem a ajuda de ninguém, em um tempo de aproximadamente 20 minutos.

Você poderá sentir-se envergonhado ou emocionado ao responder às perguntas do questionário, pois elas podem fazer você se lembrar de alguma violência sofrida. Caso você precise, poderá contar com apoio psicológico especializado. Se você quiser esclarecer alguma dúvida,poderá entrar em contato com a pesquisadora Bianca pelo telefone (11)981586208 ou pelo e-mail bianca.brancaglioni@gmail.com. Você também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da EEUSP, que aprovou este projeto. O e-mail é edipesq@usp.br e o telefone é (11) 30617548. Você poderá pedir informações sobre a pesquisa antes, durante e depois do estudo.

A sua participação é voluntária, ou seja, você não receberá nenhum valor em dinheiro pela sua participação no estudo. Na hora que você não quiser mais fazer parte da pesquisa, poderá solicitar de volta este documento que está assinado agora e não entregar o questionário para a pesquisadora. Se você não quiser participar, isso não trará qualquer tipo de prejuízo para você ou para sua escola. Nenhuma das despesas necessárias para a realização da pesquisa é da sua responsabilidade.

Este termo será assinado em duas vias, uma ficará comigo, pesquisadora responsável, e a outra ficará com você.

Curitiba, _____de_____de 2015.

Participante (Nome completo):_____

Assinatura do (a) participante:_____

Pesquisadora responsável: Bianca de Cássia Alvarez Brancaglioni. Assinatura:_____

Endereço: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Avenida Doutor Enéas de Carvalho Aguiar, 419. CEP: 05403-000. São Paulo-SP.

Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Avenida Doutor Enéas de Carvalho Aguiar, 419. CEP: 05403-000. São Paulo-SP.

ANEXOS

ANEXO 1- PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - EEUSP

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Violência por parceiro íntimo na adolescência: uma análise na perspectiva das categorias gênero, violência de gênero e geração

Pesquisador: Bianca de Cássia Alvarez Brancaglioni

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 45573015.4.0000.5392

Instituição Proponente: Escola de Enfermagem da USP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.180.529

Data da Relatoria: 11/08/2015

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa descritiva, exploratória e transversal, de abordagem metodológica quantitativa.

Os dados serão coletados em escolas públicas do município de Guarulhos, pertencentes à região intramunicipal de saúde Pimentas Cumbica.

Amostra: Participarão do estudo adolescentes de 15 a 19 anos de idade, estudantes das escolas públicas selecionadas. O estudo utilizará esquema de amostragem por conveniência, sendo o tamanho estimado da amostra igual a 323, sendo acrescidos a esse número 30% de perdas, totalizando uma amostra de 462 adolescentes.

Coleta de dados

Os dados serão coletados por meio de instrumento anônimo e autoaplicável, composto pela escala CADRI (Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory), criada por Wolfe et al.(40) e adaptada e validada para o português por Minayo, Assis e Njaine(17), e por questões fechadas(17),

Endereço: Av. Dr Enéas de Carvalho Aguiar, 419
Bairro: Cerqueira Cesar **CEP:** 05.403-000
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3061-7548 **Fax:** (11)3061-7548 **E-mail:** edipesq@usp.br

referentes às características dos participantes e aos tipos de relações de intimidade estabelecidas por eles.

Os dados serão codificados e tabulados eletronicamente no Excel, sendo analisados com o auxílio do software SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), a fim de realizar a análise estatística descritiva e inferencial.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo geral do estudo:

Analisar as características da violência por parceiro íntimo na adolescência na perspectiva das categorias gênero, violência de gênero e geração.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Mínimos, como, por exemplo, sentir-se envergonhado ou emocionado ao responder às perguntas do questionário, pois elas podem fazer os adolescentes se lembrarem de alguma violência sofrida. Caso seja necessário, será solicitado apoio psicológico especializado.

Benefícios:

Espera-se que esse estudo contribua com conhecimentos que possibilitem a elaboração de estratégias de prevenção e enfrentamento da violência por parceiro íntimo na adolescência, o que será de grande importância para melhorar a assistência aos adolescentes.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa tem linguagem adequada e apresenta todos os passos a serem desenvolvidos durante sua execução. Além disso, tem por finalidade dar visibilidade ao problema da violência por parceiro íntimo na adolescência, bem como ampliar o conhecimento sobre o fenômeno e fornecer subsídios para a formulação de projetos de intervenção e prevenção dessa violência junto aos adolescentes.

Cronograma adequado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A pesquisadora apresenta todos os termos obrigatórios para a realização da pesquisa.

Endereço: Av. Dr Enéas de Carvalho Aguiar, 419
Bairro: Cerqueira Cesar **CEP:** 05.403-000
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3061-7548 **Fax:** (11)3061-7548 **E-mail:** edipesq@usp.br

Recomendações:
não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:
- A pesquisadora inseriu em todos os TERMOS apresentados, seu endereço e do CEP da EEUSP, conforme solicitado na Resolução 466/12.

- Explicitou quais os procedimentos serão realizados caso o participante relate agressão mediante carta de esclarecimento anexa.

- Conforme solicitado, informo que os participantes da pesquisa que relatarem agressão poderão ser encaminhados para as instituições abaixo mencionadas, as quais constituem unidades de referência do município de Guarulhos para o atendimento de pessoas que vivenciam violência:

•Unidade Básica de Saúde Nova Cidade, Unidade Básica de Saúde Dinamarca, Unidade Básica de Saúde Normândia, Unidade Básica de Saúde Aracília e Unidade Básica de Saúde Piratininga, Unidade Básica de Saúde Jandaia.

•Núcleo de Apoio à Saúde da Família Nova Cidade, Núcleo de Apoio à Saúde da Família Aracília. Cada um dos núcleos conta com dois psicólogos e um assistente social.

•Núcleo de Apoio à Atenção Básica Jandaia, o qual conta com dois psicólogos e um assistente social.

•Centro de Referência Especializado de Assistência Social Marcos Freire.

•Casa de Apoio à Mulher Vítima de Violência Clara Maria II.

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Este CEP informa a necessidade de registro dos resultados parciais e finais na Plataforma Brasil.

Esta aprovação não substitui a autorização da instituição coparticipante, antes do início da coleta de dados.

SAO PAULO, 11 de Agosto de 2015

Assinado por:
Marcelo José dos Santos
(Coordenador)

Endereço: Av. Dr Enéas de Carvalho Aguiar, 419
Bairro: Cerqueira Cesar **CEP:** 05.403-000
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3061-7548 **Fax:** (11)3061-7548 **E-mail:** edipesq@usp.br

ANEXO 2- PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO SOBRE A EMENDA SOLICITADA

ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - EEUSP

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Violência por parceiro íntimo na adolescência: uma análise na perspectiva das categorias gênero, violência de gênero e geração

Pesquisador: Bianca de Cássia Alvarez Brancaglioni

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 45573015.4.0000.5392

Instituição Proponente: Escola de Enfermagem da USP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.274.738

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa descritiva, exploratória e transversal, de abordagem metodológica quantitativa.

Os dados serão coletados em escolas públicas dos municípios de Guarulhos e de Curitiba.

Amostra: Participarão do estudo adolescentes de 15 a 19 anos de idade, estudantes das escolas públicas selecionadas. O estudo utilizará esquema de amostragem por conveniência, sendo o tamanho estimado da amostra igual a 323, sendo acrescidos a esse número 30% de perdas, totalizando uma amostra de 462 adolescentes.

Coleta de dados

Os dados serão coletados por meio de instrumento anônimo e autoaplicável, composto pela escala CADRI (Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory), criada por Wolfe et al.(40) e adaptada e validada para o português por Minayo, Assis e Njaine(17), e por questões fechadas(17),referentes às características dos participantes e aos tipos de relações de intimidade estabelecidas por eles.

Os dados serão codificados e tabulados eletronicamente no Excel, sendo analisados com o auxílio do software SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), a fim de realizar a análise estatística descritiva e inferencial.

Endereço: Av. Dr Enéas de Carvalho Aguiar, 419
Bairro: Cerqueira Cesar **CEP:** 05.403-000
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3061-7548 **Fax:** (11)3061-7548 **E-mail:** edipesq@usp.br

Objetivo da Pesquisa:

Analisar características da violência cometida por parceiro íntimo na adolescência na perspectiva das categorias gênero, violência de gênero e geração.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Sentir-se envergonhado ou emocionado ao responder às perguntas do questionário, pois elas podem fazer os adolescentes se lembrarem de alguma violência sofrida. Caso seja
necessário, será solicitado apoio psicológico especializado.Em caso de se detectar violência, os adolescentes poderão ser encaminhados a unidades de atendimento.

Benefícios:

Espera-se que esse estudo contribua com conhecimentos que possibilitem a elaboração de estratégias de prevenção e enfrentamento da violência por parceiro íntimo na adolescência, o que será de grande importância para melhorar a assistência aos adolescentes.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa de interesse, uma vez que pode contribuir para o conhecimento da violência de gênero entre adolescentes.

Trata-se de um projeto já aprovado e a versão atual se diferencia da anterior pela inclusão, na amostra, de estudantes de Curitiba, pois o projeto original previa que a amostra fosse apenas de Guarulhos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta os termos necessários.

(Projeto previamente aprovado, submetido de novo pela inclusão de mais um local de coleta de dados)

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto aprovado

Considerações Finais a critério do CEP:

Este CEP informa a necessidade de registro dos resultados parciais e finais na Plataforma Brasil.

Endereço: Av. Dr Enéas de Carvalho Aguiar, 419
Bairro: Cerqueira Cesar **CEP:** 05.403-000
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3061-7548 **Fax:** (11)3061-7548 **E-mail:** edipesq@usp.br

Esta aprovação não substitui a autorização da instituição coparticipante, antes do início da coleta de dados.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_596553_E1.pdf	22/09/2015 23:43:46		Aceito
Outros	Cartaencaminhamentoparticipanteseme nda.docx	22/09/2015 23:39:37	Bianca de Cássia Alvarez Brancaglioni	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termosemenda.docx	22/09/2015 23:18:13	Bianca de Cássia Alvarez Brancaglioni	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetoemenda.docx	22/09/2015 23:17:13	Bianca de Cássia Alvarez Brancaglioni	Aceito
Outros	Carta de esclarecimento sobre o encaminhamento dos participantes da pesquisa.docx	16/06/2015 13:31:23		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termos com endereços projeto violência por parceiro íntimo na adolescência.docx	16/06/2015 13:30:30		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto Bianca Brancaglioni.docx	27/05/2015 17:02:15		Aceito
Folha de Rosto	folha de rosto assinada.pdf	23/05/2015 11:28:36		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termos projeto violência por parceiro íntimo na adolescência.docx	23/05/2015 11:16:26		Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

Endereço: Av. Dr Enéas de Carvalho Aguiar, 419
Bairro: Cerqueira Cesar **CEP:** 05.403-000
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3061-7548 **Fax:** (11)3061-7548 **E-mail:** edipesq@usp.br

SAO PAULO, 09 de Outubro de 2015

Assinado por:
Marcelo José dos Santos
(Coordenador)

Endereço: Av. Dr Enéas de Carvalho Aguiar, 419
Bairro: Cerqueira Cesar **CEP:** 05.403-000
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3061-7548 **Fax:** (11)3061-7548 **E-mail:** edipesq@usp.br